



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA- PPArque**

SHILTON PAES RIBEIRO ALVES

**A ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA NO ESPAÇO ESCOLAR: Um Estudo
Sobre o Colégio Nossa Senhora das Mercês em São Raimundo Nonato-Piauí**

SÃO RAIMUNDO NONATO – PI

2024

SHILTON PAES RIBEIRO ALVES

**A ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA NO ESPAÇO ESCOLAR: Um Estudo
Sobre o Colégio Nossa Senhora das Mercês em São Raimundo Nonato-Piauí**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus Serra da Capivara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Orientador: Prof. Waldimir Maia de Leite Neto.
Coorientadora: Profa. Vivian Karla de Sena.

SÃO RAIMUNDO NONATO – PI

2024

Alves, Shilton Paes Ribeiro

A474
a

A arqueologia da arquitetura no espaço escolar: Um Estudo sobre o Colégio Nossa Senhora das Mercês em São Raimundo Nonato-Piauí/ Shilton Paes Ribeiro Alves – São Raimundo Nonato, 2023.

138 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, Piauí, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Waldimir Maia de Leite Neto.

Coorientadora: Profa. Dra. Vivian Karla de Sena.

1. Arqueologia da arquitetura. 2. Arqueologia contextual. 3. Colégio Nossa Senhora das Mercês – São Raimundo Nonato – Piauí. I. Leite Neto, Waldimir Maia de. II. Sena, Vivian Karla de. IV. Título. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 930.1

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca SIBI/UNIVASF
Bibliotecária: Kênia Leandra Ferreira Alves CRB/15: 886



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, s/nº, Campestre
CEP 64770-000 - São Raimundo Nonato/PI, Brasil. Telefone (89) 35829750
<https://portais.univasf.edu.br/pparque/> E-mail: cpgarque@univasf.edu.br

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA

Defesa Nº 26

Ata da Sessão Pública, de exame de Defesa de Dissertação, como requisito para obtenção do título de Mestre em Arqueologia, Área de Concentração em Arqueologia e Preservação Patrimonial.

Aos vinte e cinco dias do mês de março de dois mil e vinte e quatro, às 09:00 , via Plataforma remota Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada pelo Colegiado de Pós-Graduação em Arqueologia, composta pelos membros: Professor Dr.

Waldimir Maia Leite Neto (PParque-UNIVASF) – (Orientador e Presidente da Banca);

Profa. Dra. Jaciara Andrade Silva (PParque UNIVASF); Prof. Dr. Luiz Gonzaga Baião

Filho (CARQUEOL UNIVASF); Profa. Dra. Janaina Carla dos Santos (PoCAM UNIVASF), com a finalidade de julgar o trabalho do discente Shilton Paes Ribeiro

Alves, intitulada “A ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA NO ESPAÇO ESCOLAR

Membros da Banca	Assinaturas
* Dr. Waldimir Maia Leite Neto	Documento assinado digitalmente  WALDIR MAIA LEITE NETO Data: 24/06/2024 17:57:43-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
*Dra. Jaciara Andrade Silva	Documento assinado digitalmente  JACIARA ANDRADE SILVA Data: 26/06/2024 09:35:57-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br



- Um estudo sobre o Colégio Nossa Senhora das Mercês em São Raimundo Nonato-PI”, para obtenção do título de Mestre em Arqueologia. O desenvolvimento das atividades seguiu o roteiro de sessão de Defesa Pública estabelecido pelo Presidente da banca, o qual realizou a abertura e posterior condução e encerramento da sessão solene. Após analisarem o trabalho e arguírem o (a) discente, os membros da Banca Examinadora deliberaram pelo conceito **APROVADO EM EXIGÊNCIA** discente, habilitando-a ao título de Mestre em Arqueologia, na Área de Concentração em Arqueologia e Preservação Patrimonial, conforme o regimento interno do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Univasf. O candidato deverá apresentar o trabalho em sua redação definitiva, sob pena de não expedição do Diploma, devendo o mesmo assinar o Termo de Compromisso anexo, que passa a fazer parte integrante deste documento. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ATA que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

São Raimundo Nonato-PI, 25 de Março de 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Rua João Ferreira dos Santos, s/nº, Campestre
CEP 64770-000 - São Raimundo Nonato/PI, Brasil. Telefone (89) 35829750
<https://portais.univasf.edu.br/pparque/> E-mail: cpgarque@univasf.edu.br

* Dr. Luiz Gonzaga Baião Filho	Documento assinado digitalmente  LUIZ GONZAGA BIAO FILHO Data: 27/06/2024 14:45:04-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
* Dra. Janaina Carla dos Santos	Documento assinado digitalmente  JANAINA CARLA DOS SANTOS Data: 28/06/2024 15:52:44-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br

*Participação a distância – síncrona remota

Essa pesquisa é dedicada às minhas filhas Elza Sofia e Helena e minha esposa
Alessandra Rocha, minhas flores no deserto solitário da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos, vão primeiro a Deus pelo dom da vida. A minha família, as mulheres da minha vida, Alessandra, Elza Sofia e Helena por todo o carinho e dedicação. Meus pais e meus irmãos, Dona Maria, minha mãe e o Senhor Euclides, meu pai e irmãos, Marcelo e Ricardo e, Tatyana minha cunhada. Meu muito obrigado pelo apoio e encorajamento, principalmente na busca de dados para a qualificação desta pesquisa e no andamento da mesma. Incluindo o amigo Juliano Arão que colaborou juntamente com minha mãe e meu irmão Marcelo na busca de informações sobre o Colégio Nossa Senhora das Mercês.

Agradeço ao meu orientador Professor Waldimir Neto pela parceria, paciência e orientações ao longo deste tempo. Agradeço a Banca de Qualificação, as Professoras Janaína Santos, Vivian Sena e principalmente o Professor Gonzaga pelo apoio e dedicação de sugestões de leituras e ajuda nessa jornada.

Não poderia deixar de agradecer a cada um dos entrevistados que colaboraram neste projeto com suas histórias de vida: Irmã Raquel Borges que foi de extrema importância para a pesquisa, sempre apoiando e ajudando em todos os momentos. A professora Solange Negreiros, Padre Herculano, Filadelfio, Chrisvanethe Aquino, Lucas Assis, Professora Niva e Diretora Jaqueline.

Ao professor Genesis Naun, encontrá-lo foi de grande alegria e motivação para seguir nessa jornada de pesquisador. Aos parceiros e amigos de muitos trabalhos ao longo dessa jornada como arqueólogo como Felipe Sales, Gelson Pequeno, Jadiel Santos, Lucas Freitas e, é claro Alessandra Rocha que além de esposa, é minha colega de mestrado e grande amiga de quem sempre aprendi muito sobre os campos de arqueologia preventiva. A minha amiga Marlene Costa e Géssika Macêdo, pelo incentivo e conselhos para com a pesquisa. E tantos amigos que fazemos no trecho, que por meio de suas histórias nos motivam a seguir vencendo obstáculos e barreiras para seguir com nossos propósitos. Essa pesquisa teve seu início em meio a campos de arqueologia preventiva, em 2021 no Rio Grande do Norte e finalizou em Itapiranga-AM.

A Professora Gisele Daltrini que sempre motivou e perguntou como estava o andamento da pesquisa e do pesquisador, pessoa que tenho grande carinho. Aos professores Alencar Amaral, Leandro Mageste, Vanessa Link que levantaram a moral

de toda uma turma de mestrandos com suas palavras de encorajamento e motivação.
O Meu Muito Obrigado!!

Por Quem os Sinos Dobram

*Nunca se vence uma guerra lutando sozinho
Você sabe que a gente precisa entrar em contato
Com toda essa força contida é que vive guardada
O eco de suas palavras não repercutem em nada
É sempre mais fácil achar que a culpa é do outro
Evita o aperto de mão de um possível aliado, é
Convence as paredes do quarto, e dorme tranquilo
Sabendo no fundo do peito que não era nada daquilo*

Coragem, coragem

Se o que você quer é aquilo que pensa e faz

Coragem, coragem

Coragem, coragem

Eu sei que você pode mais. (Raul Seixas)

Compositores: Raul Santos Seixas, Oscar Eduardo Rasmussen

RESUMO

A Presente pesquisa tem como objetivo compreender como os espaços arquitetônicos atuaram no controle social nas áreas internas e externas do Colégio Nossa Senhora das Mercês em São Raimundo Nonato – PI. Diante desse contexto, os estudos de Arqueologia da Arquitetura nos forneceram mecanismos teóricos e práticos que nos levaram perceber as condições sociais, políticas e econômicas que implicaram nas modificações arquitetônicas da Escola. A metodologia aplicada partiu do princípio do modelo Gamma nas áreas do Colégio para verificar as relações de poder e suas distribuições espaciais. Em síntese, entende-se que ao estruturar a organização dos espaços internos da Unidade de Educação, podemos perceber como a sua forma de distribuição pode estar associada a mecanismos de controle social e hierarquização do poder. A análise permitiu a reflexão sobre como o Colégio Nossa Senhora das Mercês acompanhou as necessidades e mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo na região de São Raimundo Nonato e se adaptou as novas propostas escolares que surgiram, favorecida por uma condição pré-existente favorável ao controle social e hierarquização dos espaços arquitetônicos.

Palavras-Chave: Arqueologia da Arquitetura; Arqueologia Contextual; Colégio Nossa Senhora das Mercês; São Raimundo Nonato-PI.

ABSTRACT

The present research aims to understand how the architectural spaces acted in the social control in the internal and external areas of the Colégio Nossa Senhora das Mercês in São Raimundo Nonato – PI. In this context, the studies of Archaeology of Architecture provided us with theoretical and practical mechanisms that led us to perceive the social, political and economic conditions that implied in the architectural modifications of the School. The methodology applied was based on the principle of the Gamma model in the areas of the College to verify the power relations and their spatial distributions. In summary, it is understood that when structuring the organization of the internal spaces of the Education Unit, we can perceive how its form of distribution can be associated with mechanisms of social control and hierarchization of power. The analysis allowed us to reflect on how Colégio Nossa Senhora das Mercês followed the needs and social changes occurred over time in the region of São Raimundo Nonato and adapted to the new school proposals that emerged, favored by a pre-existing condition favorable to social control and hierarchization of architectural spaces.

Keywords: Archaeology of Architecture; Contextual Archaeology; College Nossa Senhora das Mercês; São Raimundo Nonato-PI.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - MAPA COM OS DOIS CAMINHOS EXISTENTES NO SERTÃO DO PIAUÍ COM DESTINO À BAHIA NO SÉCULO XVII	17
FIGURA 2 - ATUAIS LIMITES TERRITORIAIS DE SÃO RAIMUNDO NONATO-PI.	22
FIGURA 3 - IGREJA MATRIZ SÃO RAIMUNDO NONATO.	23
FIGURA 4 - CAPELA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS (1922)	24
FIGURA 5 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS MERCÊS.	25
FIGURA 6 - GENEALOGIA DAS ORDEM MERCEDÁRIA.	30
FIGURA 7 - GINÁSIO DOM INOCÊNCIO (1931).	32
FIGURA 8 - BRASÃO DA ORDEM MERCEDÁRIA.	35
FIGURA 9 - SALA DE AULA DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS MERCÊS (1937).	38
FIGURA 10 - SALA DE AULA DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS MERCÊS	38
FIGURA 11 - BUSTO DE MADRE LUCIA ETCHEPARE NO PÁTIO DO CNSM	40
FIGURA 12 - VISTA FRONTAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS MERCÊS NO ANO DE 2004.	63
FIGURA 13 - IRMÃ RAQUEL APRESENTANDO A PARTE INTERNA DO CNSM	64
FIGURA 14 - ARQUITETURA EXTERNA DO MEMORIAL MADRE LUCIA	65
FIGURA 15 - HÁBITO DO MEMORIAL MADRE LUCIA	65
FIGURA 16 - UTENSÍLIOS DO MEMORIAL MADRE LUCIA	66
FIGURA 17 - QUADROS DE FOTOS ANTIGAS NO MEMORIAL DE MADRE LUCIA	66
FIGURA 18 - IDENTIFICAÇÃO DA PLANTA BAIXA	67
FIGURA 19 - ANÁLISE E FOTOGRAFIA DA PLANTA BAIXA	67
FIGURA 20 - CAMINHAMENTO EXTERNO (PÁTIO) COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS MERCÊS.	68
FIGURA 21 - ESPAÇOS NÃO DISTRIBUTIVOS	69
FIGURA 22 - ESPAÇOS DISTRIBUTIVOS	69
FIGURA 23 - ESPAÇO NÃO-DISTRIBUTIVO - RELAÇÕES ASSIMÉTRICAS COM BASE NO MODELO GAMMA	69
FIGURA 24 - ESPAÇO DISTRIBUTIVO - RELAÇÕES SIMÉTRICAS COM BASE NO MODELO GAMMA	70
FIGURA 25 - PLANTA BAIXA DO CNSM	70
FIGURA 26 - ANÁLISE GAMMA SOB A PLANTA BAIXA DO CNSM	71
FIGURA 27 - PRANCHA 1-FACHADAS DO CNSM	72
FIGURA 29 - SOLANGE NEGREIROS.	89
FIGURA 30 - PRIMEIRA TURMA DE MULHERES DA ESCOLA NORMAL MADRE LUCIA.	88

FIGURA 31 - VISTA FRONTAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS MERCÊS (1970).	90
FIGURA 32 - DIRETORA JAQUELINE SANTANA	93
FIGURA 33 - ENTREVISTA COM PADRE HERCULANO.	95
FIGURA 34 - ENTREVISTA COM IRMÃ RAQUEL.	96
FIGURA 35 - DONA RAQUEL MOSTRANDO ALGUNS OBJETOS DO COLÉGIO.	97
FIGURA 36 - LIVRO DE PROFESSORES E HOMENAGEADOS DA DÉCADA DE 1970.	98
FIGURA 37 - ENTREVISTA COM DONA MARIA NIVA.	99
FIGURA 38 - ESCOLA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS (2023).	101
FIGURA 39 - ENTREVISTA COM FILADÉLFIO HOARA.	104
FIGURA 40 - ENTREVISTA COM CHRISVANETHE DE CASTRO AQUINO	107
FIGURA 41 - ENTREVISTA COM LUCAS ASSIS.	109
FIGURA 42 - FACHADA DA ESCOLA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS.	109
FIGURA 43 - FACHADA DA ESCOLA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS.	110
FIGURA 44 - VISTA FRONTAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS MERCÊS APROXIMADA.	111
FIGURA 45 - FACHADA DA ESCOLA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS (2004).	112
FIGURA 46 - FACHADA DA ESCOLA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS (2018).	113
FIGURA 47 - FACHADA DA ESCOLA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS (2018).	115
FIGURA 48 - MAPA GAMMA DO CNSM	116
FIGURA 49 - PLANTA BAIXA CNSM	118
FIGURA 50 - MAPA GAMMA – BLOCO DE CONEXÃO 1 RECEPÇÃO E SUA CONEXÃO COM A ÁREA ADMINISTRATIVA	119
FIGURA 51 - MAPA GAMMA – BLOCO DE CONEXÃO 2 – PÁTIO 1 E SALAS DE AULAS	119
FIGURA 52 - MAPA GAMMA- BLOCO DE CONEXÃO 3 – PÁTIO 2- BLOCO DE SALAS DE AULAS	120
FIGURA 53 - MAPA GAMMA - BLOCO DE CONEXÃO 4 – PÁTIO 3 – BLOCO DE SALAS DE AULAS CONECTADA A QUADRA DE ESPORTES	121
Figura 54 - MAPA GAMMA - BLOCOS DE SALAS DE AULA E SETOR ADMINISTRATIVO - ANTES DA REFORMA E AMPLIAÇÃO COM A QUADRA	122
FIGURA 55 - MAPA GAMMA	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -Perfil dos colaboradores da pesquisa.....	72
Tabela 2: Elementos arquitetônicos e da Escola Nossa Senhora das Mercês.....	111
Tabela 3: Índice de escala e índice de integração.....	115

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONTEXTO HISTÓRICO	16
2.1 Da Arquitetura de Fazenda à Arquitetura da Cidade de São Raimundo Nonato.	16
2.2 Contexto Histórico do Município de São Raimundo Nonato-PI	21
2.3 A Ordem Mercedária e o Município de São Raimundo Nonato	26
2.4 O Legado de Madre Lúcia e a Escola Nossa Senhoras das Mercês	35
3 ARQUEOLOGIA ENTRE PRÁTICAS E TEORIAS	43
3.1 Arqueologia Histórica: Um Olhar a partir do Contexto das Unidades Arquitetônicas	45
3.2 Arqueologia da Arquitetura: as Ruínas Historiográficas Deposicionais	49
3.3 Arquitetura Escolar	56
3.4 Arqueologia Contextual	58
4 MÉTODOLOGIA: MÉTODOS DE LEITURA DA ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E DO CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL/EDUCACIONAL	60
4.1 Leitura Corporal ou Física	62
4.2 Os espaços Internos da Unidade Escolar: Uma Leitura a partir da Análise Gamma	68
4.3 Contexto Histórico-Social/Educacional	73
5 A ARQUITETURA DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS MERCÊS: “As Paredes que Domesticam” a Alma e o Corpo.	82
5.1 Relatos Orais e o Espaço Escolar do Colégio Nossa Senhora das Mercês	83
5.2 O Controle Social para além dos Espaços da Escola: As Modificações das Fachadas	107
5.3 Modificações Internas e a Aplicação do Método Gamma	114
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	123

REFERÊNCIAS	127
ANEXO I - PLANTAS BAIXAS	137
ANEXO II – ARQUIVOS IRMÃ RAQUEL BORGES	144
ANEXO III – TERMOS DE COMPROMETIMENTO	154
ENTREVISTAS	160
01- - SOLANGE OLIVIEIRA DE NEGREIROS – EX ALUNA DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS MERCÊS	160
02-ENTREVISTA- JAQUELINE SANTANA RIBEIRO	164
03-ENTREVISTA-FILADÉLFIO HOARA NEGREIROS MENDES	167
04-ENTREVISTA-RAQUEL DE NOVAIS BORGES	169
05-ENTREVISTA PADRE HERCULANO	171
06-ENTREVISTA MARIA NIVA LIMA DA SILVA	175
07- ENTREVISTA -CHRISVANETH DE CASTRO AQUINO	197
08- LUCAS RIBEIRO DOS SANTOS ASSIS	206

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está direcionada ao estudo dos espaços arquitetônicos do Colégio Nossa Senhora das Mercês (CNSM)¹, visando compreender as relações entre as mudanças de ensino entre as décadas de 1930, 1960 e 1990 e as transformações urbanísticas da cidade de São Raimundo Nonato-PI. Esta análise se enquadra na Linha de Pesquisa: Arqueologia, Comunidades Tradicionais e Gestão do Patrimônio Cultural.

O Colégio Nossa Senhora das Mercês, foi fundado em 1937, pela Congregação das Irmãs Mercedárias que foi criada em São Raimundo por Madre Lúcia Etchepari. Localizada na Rua Coronel José Dias, Nº 1413 no Bairro Aldeia em São Raimundo Nonato. Portanto, partindo dessa premissa (1930,1960 e 1990), o colégio Nossa Senhora das Mercês, que se é o objeto desse estudo, irá ser discutido de que forma os espaços já existentes permitiram se adequar a proposta de educação das décadas de 1930,1960, 1990 e 2000, e se estes correspondem a proposta de como o espaço interno da unidade educacional deveria expressar a educação nesses períodos.

Na região de São Raimundo Nonato, registra-se os estudos de Arqueologia da Arquitetura realizado no contexto presidiário local, registra-se o trabalho de Aquino (2017), “Entre o sagrado e o profano: Um mundo por trás das grades”. O se Propôs por meio das memórias e recordações engendrados nos grafismos presentes nas paredes e no teto das celas, por meio da análise de duas temáticas: Apelo Religioso e Sexualidade, configurando o Sagrado e o Profano de um “mundo” que está por trás grades dessa maneira uma valorização social e na reflexão coletiva.

Alves (2018), em “Os Anos de Chumbo e a Arqueologia dos Espaços Escolares de São Raimundo Nonato-Piauí”, teve como interesse a análise os espaços internos e externos das escolas locais para averiguar a distribuição espacial, juntamente com a documentação dos livros da época notando desta forma interferência da Ideologia do Regime Civil-Militar de 1964.

Por sua vez, Maia (2021) buscou trazer contribuições da Arqueologia simétrica e da Arqueologia da arquitetura para análise de Espaços Religiosos: o estudo de caso das igrejas de São Raimundo Nonato (PI) e Ponta da Serra – Dom Inocêncio (PI). O

¹ A partir daqui o Colégio Nossa Senhora das Mercês será referenciado no texto pela sigla CNSM.

trabalho está direcionado ao estudo das edificações religiosas (templos), construídas por Frei Henrique José Cavalcante no sudeste do estado do Piauí.

Diante deste contexto, a presente pesquisa buscou realizar as análises que envolvem a arquitetura, religiosidade e poder dos espaços escolares do CNSM, por meio da hierarquização espacial e social. Por este motivo, é de suma importância se voltar para investigar por meio da Arqueologia da Arquitetura, as formas pelas quais foram incorporadas mudanças urbanísticas na cidade refletidas nos espaços internos e externos do CNSM. Dessa forma, a pesquisa buscou utilizar alcançar os Aportes Teóricos Metodológicos da Arqueologia da Arquitetura, especificamente para espaços escolares, da Arqueologia Contextual e na aplicação do modelo Gamma.

O recorte cronológico da pesquisa abarca os períodos entre 1930 à 2000. Em síntese, a década de 1930, que é justamente a época do surgimento arquitetônico da Escola Nossa Senhora das Mercês em 1937, a princípio onde é hoje o Centro Diocesano, próximo a Igreja Matriz. As demais décadas são as de 1960, ano que se inicia a formação das professoras normalistas e a escola se divide em dois momentos educacionais, um com o ensino fundamental menor somente para meninas até 1948, estando ao seu lado o Colégio Dom Inocêncio que era para a educação de meninos, e na parte da tarde a formação de professoras Normalistas para trabalhar na mesma instituição.

No caso da década de 1960 onde se percebe na literatura a preocupação de se ter um ensino de 2º Grau, que aconteceu com a formação das primeiras turmas normalistas na Escola Madre Lúcia. Escola que funcionava no mesmo Prédio Escolar de Nossa Senhora das Mercês. Pela manhã era o primeiro grau e pela tarde o segundo grau. Alguns alunos formados no Madre Lúcia já ingressavam para ser Professores no Nossa Senhora das Mercês.

Ademais antes da década referida, mais precisamente em 1948, surge como momento arquitetônico, o Colégio Dom Inocêncio. Colégio Seminarista somente para meninos. Que ensinava latim, matemática português e os princípios básicos da Ordem Mercedária.

A década de 1990 está como recorte Cronológico devido às questões de modificações e ampliações da arquitetura que aconteceram ao longo desta década, as modificações culturais e políticas tanto no país e na cidade de estudo.

Partimos do seguinte problema: Como se estruturou a organização dos espaços externos, as modificações das Fachadas da Unidade de Educação Nossa Senhora das Mercês nas Décadas de 1930, 1960, 1990 e 2000, e como a sua forma de distribuição pode estar associada a mecanismos de controle social e Hierarquização do Poder?

Portanto, podemos refletir sobre algumas HIPÓTESE: O Colégio Nossa Senhora das Mercês acompanhou as necessidades e mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo e se adaptou as novas propostas escolares que surgiram, pois já preexistia uma condição favorável ao controle social por meio da hierarquização dos espaços arquitetônicos. Dessa maneira a pesquisa tem como Objetivo Geral: Realizar um estudo de Arqueologia da Arquitetura Escolar na Escola Nossa Senhora da Mercês no Município de São Raimundo Nonato-PI, considerando leituras corporais, físicas, históricas e sociais associadas às mudanças da estrutura escolar entre as décadas e 1930, 1960, 1990 e 2000.

Para os objetivos específicos: a) Realizar um estudo do contexto histórico da região de São Raimundo Nonato e os inícios dos cenários educacionais locais; b) Perceber por meio da Arqueologia Histórica, da Arquitetura e Contextual, as condições sociais, políticas e econômicas que implicam nas modificações arquitetônicas; c) Descrever os espaços arquitetônicos e suas características predominantes para buscar compreender os espaços internos e externos; d) Perceber por meio dos relatos orais as vivências escolares e através destas as influências arquitetônicas em seus discursos; e e) Aplicar a Análise das fachadas ao longo desse período e por meio da observação Espacial Gamma nas áreas do CNSM para verificar as relações de poder e suas distribuições espaciais. Dessa forma, esta dissertação está construída da seguinte forma:

No Segundo Capítulo; CONTEXTO HISTÓRICO: Teve como Objetivo buscar narrativas sobre a formação das Fazendas Piauienses associadas com a inserção de religiosos, igrejas e ordens, neste caso a mercedária. Assim sendo, apresenta-se o contexto histórico de São Raimundo Nonato, a constituição da Ordem Mercedária no Brasil e região Sudeste/Sudoeste do Piauí, assim como o legado de Madre Lúcia no ensino aprendizagem da escola.

O Terceiro Capítulo, intitulado —ARQUEOLOGIA ENTRE PRÁTICAS E TEORIAS. Esse capítulo tem como objetivo compreender por meio da Arqueologia da

Arquitetura as diferentes formas de observar a espacialidade, por meio da leitura de Zarankin (2002), Lemos (2019), Aquino (2017), Morais (2007), Gonçalves (1999), Lima (2010), Foucault (2013) entre outros. Nesse momento, para além dos estudos voltados para a Arqueologia Histórica e da Arquitetura, buscou-se entender os conceitos aplicados em espaço escolares e as contribuições da Arqueologia Contextual no estudo desses espaços.

Dessa forma, o Quarto Capítulo: MÉTODOLOGIA: MÉTODOS DE LEITURA DA ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E DO CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL/EDUCACIONAL, assim como anunciado, teve como objetivo a explanação dos parâmetros de análise, considerando os seguintes aspectos para análise: Leitura Corporal ou Física, que diz respeito a observação espacial da estrutura, por meio de visitas guiadas por funcionários no Colégio. Uso de Ferramentas conceituais, considerando os parâmetros da análise Gamma aplicados com base nas plantas baixas e registros fotográficos e o Contexto histórico-Social/Educacional, desenvolvido com o intuito de observar os aspectos socioeconômicos associados as modificações internas e externas da Arquitetura e das formas de Ensino Adotadas.

O Quinto capítulo, ARQUITETURA DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS MERCÊS: “As Paredes que Domesticam” a Alma e o Corpo, traz com mais detalhes os relatos orais de educadores e antigos estudantes que vivenciaram os diferentes momentos urbanísticos tanto da cidade como da referida escola. Apresenta-se também as mudanças físicas observadas nos espaços internos e externos da escola com base na observação de fotografias antigas e atuais e na aplicação do modelo Gamma nas plantas baixas disponibilizadas.

Na parte final desta dissertação, estão as Considerações Finais, é onde vamos buscar responder a hipótese central desta narrativa com os Dados deste Trabalho. E por fim propondo mais questões para futuras investigações sobre os elementos trabalhados ao longo desta pesquisa. Em suma, dispusemos as informações das referências bibliográficas que embasam nossos dados materiais.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

O Presente Capítulo pretende traçar o contexto Histórico da Colonização no Piauí desde a formação dos primeiros grupos urbanos e da instalação de propriedades rurais nesta região. Nesse sentido, pretendo ressaltar a importância da formação do Colégio Nossa Senhora das Mercês, demonstrando as influências que teve a Ordem Mercedária Nossa Senhora das Mercês sobre a formação da Educação no Município de São Raimundo Nonato, bem como o impacto da criação Arquitetônica da instituição de ensino sobre a região não só deste município, como também das cidades vizinhas, como, por exemplo, outros territórios que englobam a região da Bahia onde estão localizadas as cidades de Remanso-Ba e Pilão Arcado-Ba, além de toda região sudeste do Piauí.

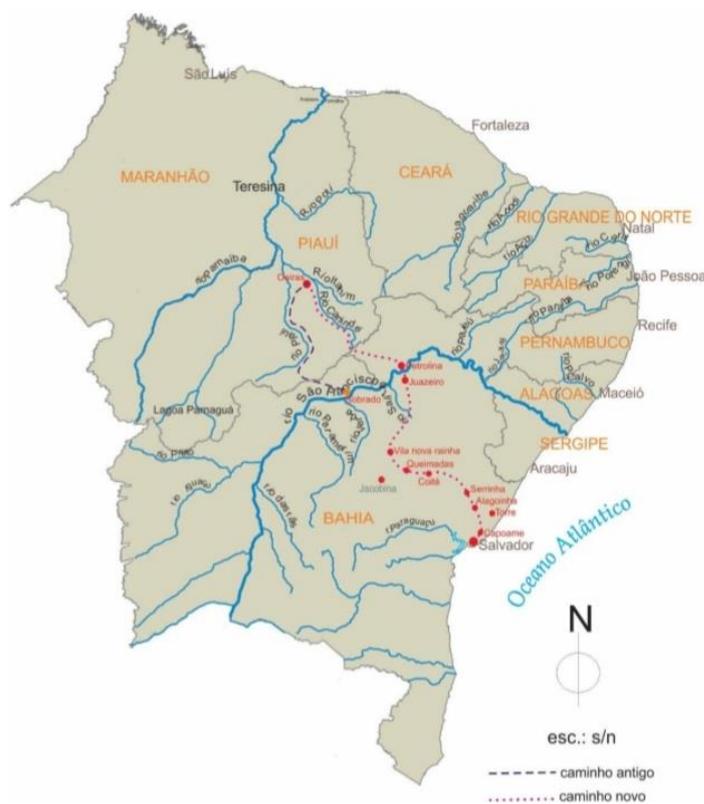
2.1 Da Arquitetura De Fazenda À Arquitetura Da Cidade De São Raimundo Nonato

O Povoamento e a Formação do Piauí tiveram início no final do século XVII quando os primeiros aventureiros, à procura de novas terras para a pecuária, penetraram a região dos sertões. Logo, a pecuária e a atividade criatória contribuíram para definir as bases históricas desse território, além das formas de uso da terra e de recursos naturais, bem como, os agentes sociais que impulsionaram esse processo. A Ocupação dessas terras ocorreu no chamado “Sertões de Dentro”, iniciando pela costa leste e sul do território, às margens dos rios Piauí, Canindé, Paraim e Gurguéia (ALVES, 2003).

Os Chamados “Sertões de Dentro, foram ocupados em decorrência da expansão baiana. Logo, Southey (1965), menciona em seu texto cinco caminhos que percorriam o Nordeste. Destes cinco, somente dois passava pelo sertão do Piauí e desciam mais precisamente em direção ao Rio São Francisco, englobando o estado da Bahia. Isso fica bastante evidente, em um documento Escrito pelo Padre Miguel de

Carvalho, intitulado pelo autor de “*Descrição do sertão do Piauí*”, datado em 1964. Nessa obra, o Sacerdote destaca duas rotas para tal ocupação, a chamada “Travessia Velha” que partia do Piauí em direção a Bahia, e passava pela fazenda Tabuleiro Alto, localizada próxima a nascente deste rio e seguia até o Rio Piauí. Já o segundo caminho ficou denominado de “Travessia Nova” que percorria a cabeceira de outro rio piauiense de nome Canindé, essa rota seguia até a Casa Torre (Figura 1).

Figura 1 - Mapa com os dois caminhos existentes no sertão do Piauí com destino à Bahia no século XVII



Fonte: Furtado (2019, p. 31).

A Partir disso, o povoamento do território piauiense possuiu relação direta com a expansão e a conquista empreendidas pela chamada Casa Torre, instituição que foi fundada e administrada pela família Ávila, da Bahia, cujo principal objetivo estava voltado para o financiamento de aventureiros, uma misto de apesadores de “índios” e conquistadores de terras destinada à pecuária.

Nessa época, a ocupação das terras era impulsionada pelo regime de sesmaria, que consistia na distribuição e na apropriação da terra e de todas as riquezas do território (Borges, 2019).

De acordo com Oliveira (2007, p. 27), o projeto colonial de ocupação da região Sudeste do Piauí pode ser dividido em duas etapas: inicialmente aconteceu a ocupação daquela área, com a chegada dos Sertanistas Provenientes do São Francisco, durante o final do século XVII e início do XVIII, dispersando a sua população nativa, formada provavelmente pelos remanescentes dos Agricultores-ceramistas. Já para as etnias indígenas que sobreviveram, restou apenas buscar áreas de refúgio, voltando, entretanto, a ser incomodados novamente pelo processo de ampliação da área das Fazendas de gado no século XVIII ou sendo obrigados a integrar-se ao processo Colonial. A Segunda Fase deu-se a partir da segunda metade do século XVIII, após a Expulsão dos Jesuítas, com a expansão da área ocupada pelas fazendas de gado, período em que tiveram início os conflitos com os Pimenteiras, últimos povos indígenas em guerra com o colonizador na Capitania do Piauí (Oliveira, 2007, p. 27).

A partir disso, é importante ressaltar, que ocupação das pastagens pelo gado e a criação e construção dessas fazendas, foi um dos motivos que assegurou apropriação dessas terras pelos proprietários, ocorrendo assim disputas entre Fazendeiros, Posseiros, Sesmeiros, entre esses escravizados e indígenas pelo domínio desse território (BORGES,2019). Assim sendo, segundo Oliveira (2007) ocorreu o abandono de diversas fazendas pelos moradores locais e, depois, o despovoamento da região, com a dispersão dos povos indígenas para que ocorresse um repovoamento colonial e a Construção Geográfico-social daquela área.

Como se nota, as fazendas e as disputas entre bandeirantes e religiosos foram o pilar da formação das sociedades que se criaram na formação do Piauí. Assim percebemos que, segundo Oliveira (2007, p. 30):

As fazendas constituíam o principal móvel de ocupação do espaço piauiense, sendo que, desde 1697, vinte anos após a entrada da Casa da Torre no sertão do Piauí, havia sido constatada a existência de 129 fazendas de gado e 153 sítios às margens dos rios e lagoas, com uma sociedade, de certa forma, organizada (Carvalho apud Ennes, 1938, p).

Entre essas fazendas, estava a propriedade de Afonso Mafrense. Que em 1711 após sua morte seus bens e propriedades ficaram a cargo dos religiosos da Ordem

dos Jesuítas. Dessa forma, segunda Oliveira (2007²) *apud* Nunes (1991, p. 170) a administração das fazendas de Domingos Afonso Mafrense pelos jesuítas constituiu-se fundamental para a coesão do território, transformando-o em um todo homogêneo; o que impediu a dispersão por pequenos donos, tendo em vista que isso poderia facilitar a atração de aventureiros de Regiões Vizinhas.

Ademais em trabalho realizado por (Mendes, *et al.*, 2010) aborda a trajetória dos Padres da Companhia de Jesus no Piauí, onde se instalaram tardiamente (1711), quando tiveram de assumir as fazendas e sítios deixados em herança por Domingos Afonso Mafrense. A administração das propriedades impedia que, na Capitania do Piauí, os Jesuítas promovessem o mesmo trabalho educativo que os notabilizou no restante da colônia Portuguesa na América. A obra educativa dos Jesuítas no Piauí resumiu-se ao aldeamento dos índios Tremembés na região do Delta do Rio Parnaíba e a Construção do Seminário do Rio Parnaíba na Vila de Oeiras que, em função da dispersão demográfica, e da falta de interesse para com a educação de uma sociedade composta de agricultores, fazendeiros e vaqueiros, não resistiu mais que uma década.

A expulsão dos Jesuítas em 1759 afastou qualquer possibilidade de retomada do processo educacional na Capitania e as Aulas Régias implantadas para substituir o trabalho dos inacianos resultaram num grande fracasso. Outro trabalho recente que aborda o tema dos Jesuítas é de Furtado³ (2019) aborda o arco temporal se inicia no ano de 1711, quando os Jesuítas do Colégio da Bahia receberam por herança uma Capela constituída por fazendas de gado no sudeste Piauiense e, em razão disso, resolveram lá se estabelecer. A Ordem permaneceu residindo na região até o ano de 1760, quando foi expulsa de todo o Reino Português e, conseqüentemente, do Piauí. O intervalo de 50 anos é analisado através da pesquisa histórica que buscou, por meio da análise de documentos, conhecer a vivência dos padres jesuítas nos sertões do imenso território do Piauí.

Através da Hermenêutica se verificou que os Inacianos, ao lá chegarem, continuaram com a práxis da catequese, atividade que já desempenhavam mesmo

² Ver para mais detalhes Oliveira, Ana Stela de Negreiros Povoamento Colonial do Sudeste do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência/ Ana Stela de Negreiros Oliveira. Recife, 2007.

³ Maria Betânia Guerra Negreiros. OS JESUÍTAS NO SERTÃO DO PIAUÍ: 50 anos entre fazendas e rebanhos (1711-1760), 2019.

antes de lá fixarem morada. Durante o período em que residiram na região não edificaram Colégios ou Igrejas, como fizeram em capitânicas próximas; o interesse maior estava voltado ao gerenciamento das fazendas e a venda das boiadas.

Em função disso mantinham na região como residente um padre administrador que periodicamente era substituído. As casas de residência, erguidas para auxiliar na administração das propriedades, eram edifícios singelos, erguidos sem intenção de permanência, fazendo uso dos materiais encontrados nos próprios Sítios. Como administradores, conseguiram aumentar o número das fazendas e dos animais herdados. A bem-sucedida fase de fazendeiros só foi interrompida com a expulsão da Ordem no Brasil, que no Piauí aconteceu em 1760.

Para Furtado (2019, p. 95) a expulsão dos Jesuítas que se achavam residentes no Piauí aconteceu no ano de 1760, apesar de Portugal ter ordenado a prisão dos membros dos padres e o sequestro dos seus bens no início de 1759 (Ab'saber, 1973). A Ordem que chegou à Mocha tinha a data de 19 de setembro de 1760. João Pereira Caldas, primeiro Governador do Piauí que há pouco havia chegado para assumir a função, a encaminhou ao ouvidor-geral recomendando que fosse fixada nas fazendas e na vila.

Segundo Mendes (2010, p. 91), Os Jesuítas tiveram papel relevante no processo de colonização do Brasil, especialmente na catequese e na educação e na instrução dos colonos. Os colégios jesuítas, erguidos em vários pontos da América Portuguesa, formavam indivíduos para ingressar na carreira religiosa e tiveram papel de destaque no ensino dos filhos dos colonos, ministrando-lhes os primeiros ensinamentos, ou mesmo dando a educação necessária aos que não tinham condições de estudar na Metrópole.⁴

Logo, no Piauí, como podemos ver ao longo dessa trajetória, a grande contribuição Jesuítica no processo de colonização, no desenvolvimento de Capitânicas, na literatura e em diversos escritos que permitiram compreender os contextos históricos. Diante disso, a importância de conhecermos os apontamentos católicos para a formação do Piauí, assim como demonstrar as contribuições dos sacerdotes

⁴ Como fica retratado, é muito recorrente na história da educação brasileira, se referir aos Jesuítas, pois estes foram de fundamental importância na formação social, religiosa e na construção de muitas das vilas que se tornaram cidades no Estado do Piauí.

que também ajudaram de forma decisiva no processo de desbravamento dos chamados ‘Sertões de Dentro’.

2.2 Contexto Histórico Do Município De São Raimundo Nonato-Pi

Em Termos históricos, outra contribuição emblemática dos sacerdotes, se encontra no surgimento da primeira Povoação do Piauí, 1697, com a chamada Freguesia de Nossa Senhora da Vitória, nas margens do Rio Mocha, antecedida pela fundação da Capela de nome homônimo pelo Padre Miguel de Carvalho, como podemos ver nas informações colocadas por Silva (2013):

Essa freguesia foi elevada à categoria de vila em 1717, mesmo ano em que foi criada a comarca do Piauí. Em alvará régio de 1718 o Piauí tornou-se capitania independente da jurisdição do Maranhão. Porém, continuou subordinado ao Bispado de Pernambuco até 1728, quando passou a estar sob a alçada da diocese do Maranhão (Silva, 2013 p. 141).

Foi nessa conjuntura então que foi criada A Vila da Mocha, localizada nas de umas das fazendas de Mafrense às margens do Rio Piauí. É justamente nesse local que é criada a sede do governo do Piauí, recebendo o nome de Oeiras. Logo, nesse local conhecida como Mocha, foi construída uma capela filiada à Freguesia de Cabrobó, da diocese de Pernambuco (Alves, 2003).

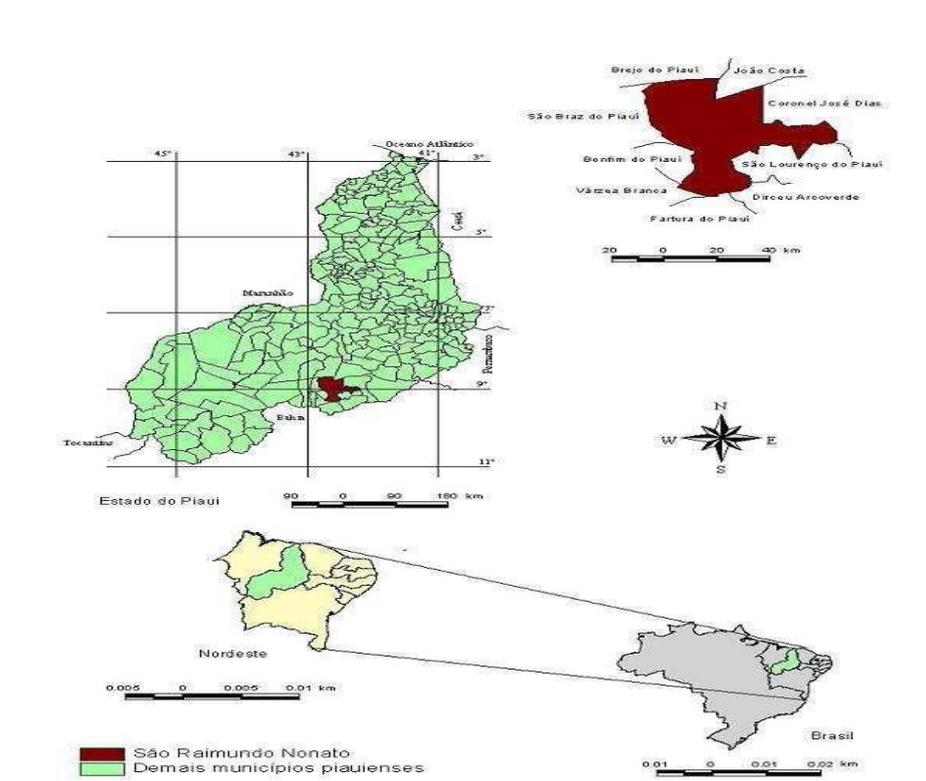
Com essa nova construção, simbolizou a expansão de Catolicismo no sertão, principalmente no Piauí. Nesse contexto é que a igreja busca propagar-se através da instalação dos bispados, que tinha o objetivo institucional da igreja, além de ser almejado pela população do estado. Até o final do século XIX, o território provincial possuía 29 Freguesias, sendo 1 Sacerdote para cada 20 mil habitantes (Silva, 2021). Diante disso, o Vaticano nomeou o cônego Joaquim Antônio de Almeida, natural do Rio Grande do Norte, como bispo do Piauí:

(...) Joaquim é nomeado bispo do Piauí designado para inaugurar o bispado recém-criado: era dezembro e transcorria o papado de Pio X. Monsenhor Almeida aparentemente hesita em aceitar a complexa missão, pede quinze dias para se decidir, faz algumas objeções, mas logo recebe a carta designatória. Em fevereiro de 1906, dia 4, é sagrado sob a presidência do Núncio Apostólico, Dom Júlio Tonti, na catedral da Paraíba, assistido por outros três bispos da região: o próprio Aduino, Luiz Raimundo da Silva Britto (de Olinda) e Antônio Manuel de Castilho Brandão (de Maceió). A posse em Teresina ocorre em 12 de março seguinte (Silva, 2021, p 57).

A partir da criação do bispado do Piauí, em fevereiro do ano de 1900, uma carta, remetida de terras Paraibanas, redigida pelo Cônego Fernando Lopes, é publicada no jornal carioca O Apóstolo, anunciando à comunidade católica da, até então, capital do Brasil, o processo e a luta do povo piauiense pela instalação do bispado bem como a consequente separação da Diocese do Maranhão (Arraes, 2016).

Com essa organização católica do bispado que consistiu na vinda de diversos bispos para o Piauí, em São Raimundo Nonato (Figura 2) foco dessa pesquisa, começou a receber também sacerdotes, entre esses bispos que veio para este território com intuito de administrar e agrupar as diversas Paróquias existentes nesses locais.

Figura 1 - Atuais limites territoriais de São Raimundo Nonato-PI.



Fonte: Oliveira Filho (2007, p. 108).

Para (Oliveira, 2001; Oliveira, 2011) o final do século XIX e o limiar do século XX serão marcados por profundas mudanças no econômico e social em São Raimundo Nonato, uma vila que nasceu da fazenda de gado. A dificuldade em seu crescimento, acentuado pelas baixas na produção da pecuária que já não tinha tanta força como em seu início, faz com que a população de São Raimundo Nonato veja no extrativismo da maniçoba a possibilidade de impulsionar a Economia local.

Assim, Oliveira (2021, p. 62) afirma:

De acordo com Oliveira (2001, p. 246 apud Emperaire) a população da cidade de São Raimundo Nonato teve um crescente aumento acentuado em 30 anos, passando de 5.997 habitantes em 1890 para 19.851 em 1920. Como resultado desse crescimento tem-se a crescente emigração de outros estados principalmente Pernambuco, Ceará, Bahia, Alagoas. Para Oliveira (2001) de Pernambuco partiu o maior contingente de trabalhadores que chegaram à região sudeste do Piauí (Oliveira, 2011, p.62).

Segundo Oliveira (2014), estes pedidos para criação de vilas e cidades estão relacionados a um maior desenvolvimento econômico da região. No Piauí, durante todo o período colonial esteve relacionada à pecuária, isto é, ao desenvolvimento das fazendas e a criação de capelas. A imagem (Figura 3) da Igreja Matriz de São Raimundo Nonato indica a expansão católica do município no século XX.

Figura 3 - Igreja Matriz São Raimundo Nonato.



Fonte: FUMDHAM (1959).

Porém no início do século XX, na região Sudeste do Estado, a justificativa dos habitantes e autoridades para requerer junto ao governo estadual a elevação de povoados à categoria de Vila, era que a região se encontrava em acentuado desenvolvimento, proporcionando pela valorização da borracha. Esse contexto econômico foi favorável para fortalecer certas famílias na política e na emancipação de Vila para Cidade. São Raimundo Nonato desde muito cedo funcionou como polo comercial muitas das fazendas do seu entorno que tinha um estreito ligamento comercial com São Raimundo Nonato local em que possibilitava a venda quando a compra de produtos (Oliveira, 2011).

Em 1922, permanência da ordem mercedária na região resultou na construção da capela Nossa senhora das Mercês (Figura 4) na diocese de São Raimundo Nonato, localizada no bairro Aldeia (Figura 5).

Figura 4 - Capela Nossa senhora das Mercês (1922)



Fonte: Livro de tombo da capela de Nossa Senhora das Mercês (Silva, 2021)

Em síntese, os estudos sobre a formação da cidade de São Raimundo Nonato apontam que a cidade foi se construindo sem muitos planejamentos urbanos, caracterizando-se de forma aleatória ou, Conforme Oliveira (2011, p.71), de modo que “viesse a atender a preocupação da época que era estar o mais próximo possível das margens do rio de forma que pudesse se beneficiar por estar mais perto da água, assim como uma boa área para plantio”.

Figura 5 - Mapa de Localização do Colégio Nossa Senhora das Mercês.



Fonte: Elaborado por Aricles Santos (2024).

Importante mencionar que o Bairro Aldeia, onde está localizada o CNSM, foi um dos primeiros bairros da cidade, a partir do qual surgiram outros núcleos populacionais em regiões periféricas. Desse modo, podemos pontuar a forma como as instalações da Igreja e da escola influenciaram historicamente a constituição do próprio Município.

2.3 A Ordem Mercedária e o Município De São Raimundo Nonato

Teixeira (2017) traça a trajetória dessa irmandade no contexto *confrarial* e cultural barroco do período Setecentista Mineiro em Mariana. Já naquela altura, a autora almejava identificar a construção de identidade, hierarquizações e sociabilidade no meio cultural e suas relações culturais.

Segundo Teixeira (2017), a origem da Irmandade remete à Idade Média Ocidental, mais exatamente ao século XIII, e representavam a conquista dos fiéis pela participação na vida religiosa, também inspiradas nas ordens mendicantes. Estas organizações religiosas edificavam seus templos, administravam a vida religiosa local e prestavam auxílio mútuo entre seus membros durante a vida, nos momentos finais e após a morte.

Portanto, a narrativa segue no caminho das origens, e pretende seguir os passos da Irmandade das Mercês:

A história de Nossa Senhora das Mercês tem origem espanhola, datada aproximadamente de 1218 período marcado pela dominação dos mouros que tomavam parte da Península Ibérica e obrigavam os cristãos a se tornarem seus cativos. A Ordem Real e Militar de Nossa Senhora da Mercês da Redenção dos Cativos teve origem através dos investimentos de São Pedro Nolasco e São Raimundo Nonato da Penaforte, junto ao Rei Jaime I. Segundo os relatos da Ordem, a Virgem teria aparecido em sonho aos três homens que a constituíram com votos de castidade, obediência e pobreza. Além disso, deveriam proporcionar a libertação dos cativos, desempenhando assim seu fim também militar. Logo a devoção se espalharia por toda a Europa e Novo Mundo (Silva, 1959, p. 162 apud Teixeira, 2017, p. 15).

Sob a perspectiva de Caio Boschi, na qual aponta para Teixeira (2017), o autor busca compreender as irmandades como dispositivos dos interesses da classe dominante, inseridas no processo colonizador. Para Boschi (2005) ao mesmo tempo força auxiliar, complementar e substituta da Igreja nessa ação, elas se propunham a facilitar a vida social, desenvolvida inúmeras tarefas que, pelo menos em princípio, seriam da alçada do poder público. Desse modo, intermediaram o contrato Estado-Igreja.

Dessa maneira, para facilitar a luta contra os infiéis ou para catequizar outras culturas foram criadas várias Irmandades com base na imagem de Nossa Senhora, cada uma com seus símbolos e diretrizes. Distintas invocações da Virgem possuíam a carga simbólica de combate aos *não cristãos*, como Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora dos Remédios, o que expressava o discurso catequético produzido na expansão das Devoções Marianas (Teixeira, 2017, p. 59).

Na América portuguesa, a Ordem de Nossa Senhora das Mercês foi estabelecida no Estado do Maranhão e Grão-Pará, trazida pelos frades mercedários. Dentre estes últimos, os principais responsáveis por impulsionar o culto foram os padres João Cerqueira, Marcos da Natividade, Manuel de Assunção Nolasco. Segundo Augusto de Lima jr, os primeiros devotos mercedários chegaram ao Brasil vieram do Peru em 1639 com Pedro Teixeira. Ao se instalarem em Belém do Pará, mantiveram a restrição de participantes aos puros de sangue, como em Portugal. Vale destacar que nesse período ainda se apresentava consolidada a União Ibérica (1580-1640), caracterizado pela incorporação do governo português à monarquia espanhola. Devido à forte tradição, na América hispânica a Senhora das Mercês recebeu a caracterização de Virgem Generala por ser protetora das prisões, do exército e das forças armadas do Peru, Equador e Argentina (Teixeira, 2017, p. 80).

Segundo os estudos de Silva (2021, p. 19 *apud* Azzi, 1993), os mercedários chegaram ao Brasil em dois momentos: por volta dos séculos XVII e XIX, nesse primeiro momento deram início a expansão da fé católica, além da execução de algumas construções: Patronatos, Igrejas e Conventos. Após a ordem religiosa espalhar o lema da redenção dos cativos, com a devoção à Mãe das Mercês retornam à Espanha. No segundo momento, que diz respeito ao enfoque desta pesquisa, se trata da segunda passagem dos mercedários ao Brasil no século XX.

Como se percebe a educação e a religiosidade juntamente com seus aparatos arquitetônicos sempre estiveram em uma harmonia espiritual para guiar uma sociedade que estava se formando no processo colonizador. Em seu artigo o autor *Em Nome da Fé; em nome dos bens: A Criação da Diocese Do Piauí (1822-1903)* Marcelo de Sousa Neto, busca discutir as lutas pela criação do Bispado do Piauí ao longo do século XIX, cuja relação com a vida social e política local foi intensa, articulando à própria história da Igreja no Brasil, bem como às manifestações da religiosidade de seu povo.

Para Nelson Werneck Sodré (1998), no Brasil muitos dos traços rígidos e repressivos do catolicismo romano perderam-se ou suavizaram-se no contato com a sociedade colonial e imperial, pouco afeita às reflexões profundas e com sacerdotes tão intimamente ligados à população e seu cotidiano que muitas vezes perdiam, junto à população de suas paróquias, seus símbolos diferenciais de representante de Deus e da Igreja.

Para Cruz Neto (2011, p. 194) como herança da tradição portuguesa, as ações da Igreja no Brasil caracterizaram-se por uma profunda intervenção do Estado nos assuntos eclesiásticos, vinculados ao padroado da Ordem de Cristo, Ordem agraciada com várias concessões que constituíram os alicerces do padroado português e que levavam normalmente a uma identificação entre colonização e Cristianização (Azzi, *apud* Silva, 2006, p. 156).

Como se observa a percepção cronológica desse artigo se inicia no momento de emancipação Político do Brasil, algo que vai acarretar as relações religiosas da época. Segundo Cruz Neto (2011, p. 198) o Governo Espiritual do Piauí, desde o início do controle português, esteve sujeito à jurisdição eclesiástica do Pernambuco, sendo a Igreja do riacho Mocha filial da Matriz de Cabrobó. No entanto, com a Criação da Diocese do Maranhão, a Jurisdição Eclesiástica do Piauí foi a ela incorporada em 1728 (Chaves, 1998; Carvalho Júnior, 1980).

Nesse período, o clero piauiense encontrava-se politicamente dividido entre a obediência a Portugal e o apoio à causa separatista. No Piauí, declararam apoio à causa brasileira padres Domingos de Freitas, Jerônimo José Ferreira, Clemente Antônio Gomes, frei Alexandre da Purificação e Marcos de Araújo Costa, este último figura de ativa participação nas lutas pela criação de um bispado independente. Posteriormente aderiu à Independência o ex-vigário de Oeiras e ex-presidente da Junta de Governo, padre Matias Pereira da Costa (Carvalho Júnior, 1980), indicando fortes aliados clericais ao movimento emancipacionista (Cruz Neto, 2011, p. 198).

Dessa forma a proposta de criação do Bispado somente ressurgiu em 1825 quando a Câmara da Vila de Jerumenha encaminhou instruções aos Deputados da Assembleia Geral Legislativa com propostas para o melhoramento do termo e da Província e entre estas destacou —a necessidade geral de desanexar-se a Província do Bispado do Maranhão (Costa, 1974, p. 365). O Mesmo gesto foi acompanhado pela Cidade de Oeiras e pelas Vilas de Campo Maior e Marvão, evidenciando que um

Bispado independente era um desejo compartilhado por várias lideranças do Piauí (Cruz Neto, 2011). Por fim, após um grande período de tentativas de reconhecimento do bispado independente, somente em 1903 foi autorizado a criação da Diocese do Piauí, que teve como o primeiro Bispo Dom Joaquim de Almeida.

Para o contexto de São Raimundo Nonato, registra-se os festejos do santo padroeiro da cidade e os festejos do mesmo que porventura leva o mesmo nome da cidade, que se inicia com a chegada dos religiosos da Ordem Mercedária por volta de 1822, sob o comando do Administrador Apostólico, Padre Pedro Pascual, espanhol, da Ordem Mercedária, a qual pertencia São Raimundo Nonato. No ano de 1832, foi criado o Distrito Eclesiástico de São Raimundo Nonato com a sede no lugar chamado Confusões. Em 1836 a sede do Distrito Eclesiástico foi mudada para o lugar de nome Jenipapo e a imagem de São Raimundo Nonato foi trazida em procissão⁵. Ainda dentro desse contexto, São Raimundo Nonato, no dia 17 de dezembro de 1960, por meio da bula Cum Venerabilis, de João XXIII, foi criada a Prelazia, sendo seu primeiro bispo Dom Amadeo González.

Um dos primeiros religiosos da Ordem Mercedária (Figura 6) a chegar em São Raimundo Nonato foi o Padre Carlos Martinez Esteban⁶ que se tornou sacerdote por esta ordem em 1954, e após sua formação desembarcou no Brasil, onde começou a prestar serviços em São Raimundo Nonato, principalmente na Administração das fazendas, entre essas a Jenipapo no qual foi formada esta cidade. Esse sacerdote também trouxe muitas contribuições não só para este município, como também para os demais existentes nesse estado, pois lecionou em diversos Colégios do Piauí, recebendo também o cargo de Gerente Regional da Educação na região, função que exerceu por mais de uma década se destacando como um grande impulsionador da educação, este sacerdote em 1957 foi nomeado de Vigário Provincial dos Padres Mercedários do Brasil.

⁵ Informações obtidas através de um documento de projeto de Lei nº 211/2021, de 06 de outubro de 2021. Estado do Piauí Assembleia Legislativa.

⁶ Esse religioso, nasceu em Huesca, Província de Aragão na Espanha em 10 de agosto de 1925, e ordenou-se sacerdote pela ordem mercedária em 1954, após sua formação desembarcou no Brasil, onde começou a prestar serviços no dado local. (Informações obtidas de um requerimento de pesar em nome deste sacerdote, em 15 de agosto de 2011).

Figura 6 - Genealogia das Ordem Mercedária.



Fonte: Deolinda Ruben de Macedo (2013).

Outro importante figura relacionada a fundação da Congregação da Ordem Mercedária em São Raimundo Nonato foi Madre Lúcia Sthepare. Para o contexto da escola abordada, essa se tornou referência principal do Colégio como um todo, estando presente nos relatos das diretoras e no nome para uma das extensões do ensino.

No que tange ao território de São Raimundo Nonato, com relação a educação e a transformação do espaço possuem uma marca fundamental para as pessoas que residem nesses locais. A presença das primeiras escolas construídas nesse Município

data na década de 1850, quando ainda era uma pequena Vila, e a Educação Brasileira ainda caminhava lentamente para alcançar o Território Nacional (Dias, 2001).

A Partir disso, as Contribuições dos Sacerdotes Mercedários na Educação são diversos, nesta cidade, destacou na década de 1920 duas escolas criadas: A Escola Agrícola de São Raimundo Nonato criada pelo Pe. Francisco Freira, e o Colégio Nossa Senhora das Mercês fundado pela Madre Lúcia Etchepare, que é o objeto de estudo dessa pesquisa.

Segundo Oliveira (2011, p. 81), em documentos oficiais foram encontrados comprovantes de venda e compra de terrenos no Bairro Aldeia para Inspetoria de obras contra a seca, segundo relatos orais, o local das instalações é onde se instala hoje o Colégio de Nossa Senhora das Mercedes. Este local de domínio público foi doado para ordem religiosa mercedária que prestou um relevante papel social.

Essas instituições de início, seguiam os padrões da época em que foram construídos e destinados, ou seja, a escola agrícola era destinada aos alunos do sexo masculino, e o Colégio Nossa Senhora das Mercês é destinado a formação de meninas (Batista,2015).

Como podemos observar, por meio da Igreja Católica o Ensino Escolar instalou-se na cidade de São Raimundo Nonato em um momento em que no Brasil a escolarização era privilégio das elites que contratavam preceptores, geralmente estrangeiros, para ministrar aos filhos o ensino em casa. Logo, a história da educação nessa cidade, está fortemente associada às ações evangelizadoras da Igreja Católica com a presença da Ordem Mercedária que se instalou em 1922. A partir disso, foi criada em São Raimundo Nonato a sede Provisória da Prelazia⁷ de Bom Jesus do Gurguéia, onde toda a gestão prelatícia aí se efetivava (Dias, 2001). Como destaca Dias:

As prelazias surgiram na Igreja Católica como resposta a prementes necessidades pastorais. Regiões imensas do Norte e Nordeste do Brasil estavam quase totalmente desprovidas de clero secular e religioso, enquanto na Europa, Ordens e Congregações religiosas dispunham de abundante pessoal. A Santa Sé, diante desta realidade, confiou a Ordens e Congregações religiosos grandes territórios para

⁷ A prelazia foi criada pelo Papa João XXIII, no dia 17 de dezembro de 1960, a pedido de Dom José Vasquez, sendo eleito o 10 prelado, Dom Amadeu Gonzalez Ferreiros, a 23 de dezembro de 1961. 5 Ordem de Nossa Senhora das Mercês, fundada a 10 de agosto de 1218, por São Pedro de Nolasco, inspirado pela Santíssima Virgem Maria teve comissão precípua a redenção de cativos cristãos (BATISTA, 2015).

que neles implantassem o Evangelho e formassem a Igreja particular. Assim surgiram muitas Prelazias no Brasil [...]. (Dias, 2001 p. 56).

Desse modo, em 1938 Dom Inocêncio Lopes Santamaria, junto com Madre Lúcia Etchepare fundaram a Congregação das Irmãs Mercedárias do Brasil “com a finalidade de auxiliar na evangelização e educação da juventude” (Dias, 2001, p. 52), foi um acontecimento importante, que, para além de sua finalidade primeira (evangelização), fortaleceu também a área do ensino no Colégio Nossa Senhora das Mercês, com a presença das freiras no magistério (Batista, 2015).

Com esse fortalecimento do Ensino Católico em toda a região, levou, em 1948, o Padre Nestor em parceria com o Padre Lira e apoiado por Dom Inocêncio, a fundar uma escola de nível ginasial denominada Ginásio Dom Inocêncio (Figura 7). Essa instituição seria, o primeiro educandário desse nível na região e logo passaria a atender alunos não só do Piauí, mas de várias cidades da Bahia. Para a época, o Ginásio Dom Inocêncio despontava como uma escola de ensino avançado, onde os alunos estudavam, além de outras disciplinas, três línguas estrangeiras: Francês, Inglês e Latim, e tinham professores de grande cultura (Ribeiro, 2013).

Figura 7 - Ginásio Dom Inocêncio (1931).



Fonte: Deolinda Ruben de Macedo (2013).

Conforme Santos (1987, p. 135) em 18 de junho de 1920, pela bula “Eclesiae Universae Regimen” do Papa Bento XV, foi criada a “Prelazia Nullius” de Bom Jesus do Guruguéia com território totalmente desmembrado da então Diocese do Piauí (hoje Arquidiocese de Teresina), abrangendo grande parte do território do sudeste e sul do Estado. Dessa forma, o governo da nova prelazia foi entregue aos cuidados espirituais dos religiosos da Ordem de Nossa Senhora das Mercês (mercedários espanhóis) (Santos, 1987, p. 135).

Em 1936 Dom Inocêncio conseguiu trazer para São Raimundo Nonato um grupo de quatro religiosas de uma congregação argentina: Hermanas Mercedárias Del Divino Maestro com as quais fundaria, 2 anos depois, uma nova congregação. Em 10 de agosto de 1938, em São Raimundo Nonato, com a cooperação da Madre Maria Lúcia Etchepare, dando o hábito as três primeiras noviças nativas, fundava Dom Inocêncio a Congregação das Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil para cuidar da catequese e educação da juventude (Santos, 1987, p. 145).

Segundo Galvão (2010) foram fundadas cinco escolas, três no Piauí e duas na Bahia, entre 1938 e 1957. Hoje as Escolas atendem mais de 2.000 alunos. Outras irmãs atingem centenas de alunos nas escolas municipal na área de Educação junto aos filhos de imigrantes.

A liderança da Igreja e sua influência sempre foram significativas, como aponta Santos (1987): O Ginásio “Dom Inocêncio” (atual Colégio Dom Inocêncio), foi fundado em 1948 sob a orientação dos padres brasileiros Nestor Dias Lima e Manoel Lira Parente, sendo o Pe. Nestor o primeiro diretor do ginásio. Esse ginásio teve uma influência cultural muito significativa para toda aquela região do sudeste e sul piauiense e parte do nordeste baiano.

Dessa forma, São Raimundo Nonato passava a ter uma influência religiosa-cultural naquela extensa área, pois, além do Ginásio, dispunha de infraestrutura para receber alunos de toda aquela região visto que contava com o internato das freiras, para moças, e dos padres, para rapazes (Santos, 1987, p. 149). Podemos perceber esse contexto no livro “O Menino que Driblou a Seca” de Paes Ribeiro (1983). Por meio da narrativa romanceada, o autor conta sua história de vida e como ingressou no Colégio Dom Inocêncio.

Sou feliz! – suspirou Leonam, vibrando de contente. Receberá instruções do padre Juan de La Veja para submeter-se a exame

médico. Considerava-se já, não mais leiteiro, tropeiro, alugado, maniçobeiro, nem lavrador, mas estudante. Até que, enfim, no memorável dia 1º de setembro de 1953, Leonam, esperançoso, ávido, transpôs as portas do Ginásio Dom Inocêncio para, nele, trabalhar e, principalmente, para estudar (Ribeiro, 1983, p. 95).

Sobre o contexto das décadas de 1930 a 1960, a Igreja conseguiu manter uma forte liderança, como é possível observar na sua própria condição de mantenedora da liderança cultural. O padre, era praticamente, a pessoa mais informada e digna de confiança. Como indica (Santos, 1988, p. 149), “e foi ainda essa mesma Igreja que formou uma elite intelectual com a criação das instituições educacionais”.

Sob a Perspectiva da Era Vargas, ao contexto da realidade Sull-piauiense, essa pastoral conservadora tinha plena aceitação. O Brasil vivia uma época de relativa paz. O Governo populista de Getúlio Vargas gozava de grande admiração e prestígio junto ao povo. Não se conhecia a palavra “inflação” e não existia problemas sociais de grande monta, não obstante o atraso socioeconômico em que vivíamos (Santos, 1988, p. 149).

Segundo Santos (1988, p. 136) A região era isolada e de difícil acesso, o bispo e alguns religiosos fixaram residência não em Bom Jesus, sede oficial da Prelazia – “porque faltavam ali objetos necessários para a manutenção do culto divino” – mas em São Raimundo Nonato que, por estar mais próximo do rio São Francisco, tinha mais facilidades de acesso a comunicação com as demais religiões, que era feito através daquele rio.

Assim afirma Silva (2021, p. 13) que:

Nessa época, a cidade de São Raimundo Nonato era um lugar com poucos habitantes, mas que tinha grande potencial para a comunicação, pois, nesse período, funcionava um telégrafo e um correio, onde facilitava a comunicação de pessoas da cidade com outras pessoas das regiões próximas (Silva, 2021, p. 13).

Por uma questão geográfica e de logística, os mercedários foram se estabelecendo na região e iniciando seus trabalhos de catequéticos, e formando em seguida a Escola Nossa Senhora das Mercês que atendeu na época boa parte da região formação de meninas em primeiro momento e na sequência se tornando de ambos os gêneros. Mas, a formação dos primeiros núcleos arquitetônicos de ensino

nesse contexto não se prende somente ao Colégio Nossa Senhora das Mercês como veremos a seguir.

2.4 O Legado De Madre Lúcia E A Escola Nossa Senhoras Das Mercês

Segundo Farias (2023) a abertura do Colégio Nossa Senhora das Mercês serviu para atender a população pobre da região, num primeiro momento, e prepará-la para pensar o mundo a partir da ótica da fé pela educação. Já num segundo momento, a referida escola passou a se preocupar com a formação para o Magistério, dando início em 1960 ao anexo que seria na verdade a proposta da Escola Normal “Madre Lúcia” tendo por fim específico formar novas educadoras preparadas dentro do arcabouço social pelas normas pedagógicas e psicológicas para o Magistério.

Na Biografia sobre Madre Lúcia, com o Título *Uma vida a serviço do Povo*, de Maria Inês de Carvalho (1987) podemos notar as marcas de uma vida que foi materializada em um projeto educativo. Sua chegada a São Raimundo Nonato-Piauí, deu-se a 23 de agosto de 1937, às 11:30 da noite. As Primeiras Missionárias ocuparam uma pequena casa ao lado da residência dos Padres Mercedários. Durante alguns dias foram beneficiadas pela Comunidade Mercedária, fazendo ali as refeições enquanto se adaptavam ao local (Carvalho, 1987). Segue a imagem do Brasão da Ordem Mercedária (Figura 8):

Figura 8 - Brasão da Ordem Mercedária.



Fonte: Ordem das Mercês (2009).

Segundo Carvalho (1987, p. 30),

Nossa Madre Fundadora vendo que o pequeno capital que trouxeram de Argentina ia chegando ao fim, no dia 15 de setembro de 1937, depois de recomendar o caso ao Deus do seu coração, tomou esta decisão: comunicar a Dom Inocêncio a conveniência de abrir umas aulas de trabalhos manuais e uma pequena escolinha, a fim de ensinar letras a um grupo de garotinhas de 6 a 8 anos de idade (Carvalho, 1987, p. 30).

No final do século XIX e o limiar do século XX serão marcados por profundas mudanças no Econômico e Social em São Raimundo Nonato, uma vila que nasceu da fazenda de gado. A Dificuldade em seu crescimento, acentuado pelas baixas na produção da pecuária que já não tinha tanta força como em seu início, faz com que a população de São Raimundo Nonato veja no extrativismo da maniçoba a possibilidade de impulsionar a Economia Local (Oliveira, 2001; Oliveira, 2014).

A Maniçoba foi uma grande ferramenta utilizada pelo Governo do Piauí para frear as constantes levas de migrantes que buscavam emprego no Norte do País:

Para o governador Raimundo Artur de Vasconcelos a indústria extrativista poderia solucionar o problema da migração para a Amazônia e para esperança de desenvolvimento do Estado. Nesse sentido, sugere a propaganda energética da atividade (Oliveira, 2014, p. 35).

A “Maniçoba” foi utilizada para fins de Gestão Política também foi empregada no fomento da educação, principalmente particular, devido as constantes falhas da gestão governamental em ter uma Educação Pública de qualidade, como mencionado anteriormente.

A educação mercedária missionária é vista pautada em valores evangélicos, e parte do pressuposto de que o ser humano traz dentro de si impulso para o mais, para o transcendente, que carrega no seu íntimo o desejo profundo de liberdade. Ninguém nasce pronto, nem tampouco livre para vir a sê-lo (Galvão, 2010, p. 44).

Conforme Galvão (2010, p. 75) uma vez em São Raimundo Nonato, as Irmãs se encontraram ao trabalho da fundação, contando com o apoio de D. Inocêncio e da comunidade mercedária. Logo em seguida, em setembro de 1937, foi fundada a Primeira escola mantida pela Congregação. Além de beneficiar a população da pequena Cidade de São Raimundo Nonato, a abertura da escola serviu para suprir as necessidades financeiras da comunidade, pois o capital trazido da Argentina já estava reduzido.

A década de 1930, que é justamente a época do surgimento arquitetônico da Escola Nossa Senhora das Mercês em 1937, a princípio onde é hoje o Centro Diocesano, próximo a Igreja Matriz. Entre as décadas de 1930 a 1960 o ensino se caracteriza como um ensino mais convencional. Assim se percebe a metodologia de ensino na citação que se segue:

A escola se organiza como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos. À teoria pedagógica antes indicada correspondia determinada maneira de organizar a escola. Como as iniciativas cabiam ao professor, o essencial era contar com um professor razoavelmente bem preparado. Assim, as escolas eram organizadas na forma de classes, cada uma contando com um professor que expunha as lições, que os alunos seguiam atentamente, e aplicava os exercícios, que os alunos deveriam realizar disciplinadamente (Saviani, 2012, p.6)

Para Galvão (2010, p. 49) nossa Madre⁸ via na Educação um enorme e privilegiado campo de Evangelização. As Escolas fundadas em São Raimundo Nonato, Corrente, Santo Antônio de Jesus, Floriano e em Salvador, foram veículos para a formação, no sentido profissional, religioso, moral e pessoal de milhares. Onde foram fundadas, as escolas deram uma contribuição significativa para o crescimento do lugar em si, bem como das cidades circunvizinhas, oferecendo uma educação de

⁸ A Madre Lúcia Stchepare nasceu em 6 de julho de 1882. Era natural de Carmelo Uruguai, filha de Pedro Stchepare e Maria Sóttil Stchepare. Em 31 de janeiro de 1901, com 19 anos de idade entrou no Instituto de Nossa Senhora das Mercês do Divino Mestre, em Buenos Aires – Argentina. Seu maior sonho era morar no Brasil, tendo como referência o Piauí, onde se fixou no ano de 1937 na cidade de São Raimundo Nonato, sendo recebida pelo seu superior o Bispo Dom Inocêncio Lopes Santa Maria.

qualidade, principalmente para meninas que naquele período não tinham muitas opções para estudo. Na figura 9 e 10, podemos observar um pouco da realidade em sala de aula naquela época.

Figura 2 - Sala de aula do colégio Nossa Senhora das Mercês (1937).



Fonte: Acervo do colégio Nossa Senhora das Mercês (1937).

Figura 10 - Sala de aula do colégio Nossa Senhora das Mercês



A ESCOLA , INICIALMENTE, OFERECEU OS CURSOS DE BORDADO , COSTURA E CROCHÊ

Fonte: Acervo do colégio Nossa Senhora das Mercês (1937).

Segundo Silva (2021, p. 30) criada pelas irmãs mercedárias “Consta em Ata, que em 02 de setembro de 1937 “sob os auspícios do Exmo. Sr. D. Inocêncio Lopez Santamaría”, destina-se a instrução científica, aos trabalhos de luxo, bordado, cortes, confecções, música e a formação moral e educacional da juventude feminina deste e outros Municípios vizinhos.”

Além disso, o Ensino Obrigatório da Língua Portuguesa, História do Brasil e Universal, Geografia, Matemática e demais matérias aos quais contava no programa escolar (Silva, 2021, p. 30 *apud* Macedo, 2013, p. 38).

Assim sendo Silva (2021 *apud* Bastos, 2015) discorre sobre o Colégio de Nossa Senhora das Mercês, destaca que o colégio oferecia curso com duração de três anos, esses de caráter profissional para que as mulheres se tornassem futuras professoras do ensino primário, com a perspectiva de melhorias do ensino na educação de São Raimundo Nonato.

Conforme Silva (2021, p. 28), somente no ano de 1945 a escola passa a ser aberta ao público masculino, no qual em 1950 começam a ingressar os primeiros alunos do sexo masculino. Assim, podemos perceber que na literatura a respeito da Escola sempre é recorrente falar sobre Madre Lúcia, com uma visão de santificação da pessoa, a transformando em uma futura santidade e sempre buscando evidências

de boas ações na vida, como se pode observar na presença do busto de Madre Lúcia no pátio da escola (Figura 11).

Figura 3 - Busto de Madre Lucia Etchepare no pátio do CNSM



Fonte: Acervo do autor (2023)

Em toda essa imensa área não existiam estabelecimentos de ensino de 1º grau completo (curso ginásial como era denominada na época), exceto no município de

Corrente, no extremo sul do Estado do Piauí, onde existia o Instituto Industrial Correntino da Missão.

Segundo Farias (2023, p. 147)⁹, é importante salientar que no período demarcado neste estudo, outras experiências de escolas normais estavam acontecendo na região Nordeste do Brasil. Uma delas, era a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, criada em 1934. Este período é:

(...) referente aos primeiros anos de funcionamento desta escola, inaugurada em 1934 no município cearense de Juazeiro do Norte. O ano de 1946 apresenta-se como o marco limite por se tratar do momento em que é instituída a Lei Orgânica do Ensino Normal, ocorrendo mudanças na estrutura curricular da referida escola (Magalhães Junior; Farias, 2004, p. 01).

Assim sendo, outra experiência foi a Escola Normal Rural Santa Maria em Timbaúba, no Estado de Pernambuco, inaugurada em 1938 por freiras franciscanas alemãs. Pode-se observar o “Papel que esses colégios desempenharam na História da Educação em Pernambuco e as contribuições sobre a educação da mulher, sua formação, o currículo e o fazer educativo numa escola Confessional Católica” (Farias 2023, p. 147 *apud* Costa, 1974 p. 02).

Segundo Santos (1988, p. 149) A Liderança cultural de São Raimundo Nonato, entretanto, deve-se à ação marcante da Igreja Católica local, sobretudo nas décadas de 1950-1960. A Igreja local era regida pelo Concílio de Trentino, seguia a linha pastoral da Igreja espanhola, considerada uma das mais reacionárias da Europa. Na ditadura do genaralissimo Franco que, como se sabe, entendeu-se por quase 40 anos, a Igreja espanhola não só recebeu pleno apoio como deu todo respaldo aquele regime político. E os frades do Piauí, sem fazer exceção, eram todos nacionalistas e franquistas.

Em suma, como é refletido por Farias (2023, p. 156) a abertura do Colégio Nossa Senhora das Mercês serviu para atender a população pobre da região, num primeiro momento, e prepará-la para pensar o mundo a partir da ótica da fé pela

⁹ Ver “Escola Normal Madre Lúcia e a Formação de Professores Primários: Fé e Educação no Sertão do Piauí entre os anos de 1960 e 1979”. In: FARIAS, Gênesis Naum de; FARIAS, Enos de. (org.). **Pesquisa em Educação: Estratégias Pedagógicas e Articulações de Saberes**. São Paulo: Scortecci Editora, 2023.

educação. Já num segundo momento, a referida escola passou a se preocupar com a formação para o magistério, dando início em 1960 ao anexo que seria na verdade a proposta da Escola Normal “Madre Lúcia” tendo por fim específico formar novas educadoras preparadas dentro do Arcabouço Social pelas Normas Pedagógicas e Psicológicas para o Magistério.

Ademais, os espaços escolares devem ser refletidos sobre sua localização não somente suas metodologias didáticas, mas como se percebe no trabalho de Costa (2005) a escola, além de atuar como elemento do Estado, estava velada pelo caráter divino que atuava em união com os poderes estabelecidos. Neste caso o autor analisa uma escola Jesuítica pelo viés da arqueologia da arquitetura, algo que este trabalho buscará refletir nos próximos capítulos apresentados.

Dessa maneira ressalta Costa (2005), O contexto urbano não pode ser entendido apenas através de seus setores organizados e de alinhamentos de ruas com edifícios com funcionalidades específicas. No que se refere a inserção do Colégio na Cidade, este deveria se inserir num local privilegiado no centro das atividades urbanas, ou, no caso de uma cidade em formação no local onde este Centro se instalaria.

Dessa forma como aponta Zarankin (2002) Foucault (1976) Grahame (1995) a capacidade de controlar o espaço é uma condição para o funcionamento do poder. A arquitetura, como forma de construção física da paisagem cultural é um dispositivo eficaz para tal fim.

No entanto, como é apontado por Santos (1988, p. 155) no início da década de 1970, por problemas com políticos locais, as Irmãs viram-se na contingência de fechar a Escola Normal. A Política local construiu outra escola, agora do Estado, que continua funcionando. A escola referida pelo autor é a Unidade Escolar Edith Nobre de Castro.

Essa escola deu a São Raimundo Nonato grande visibilidade e amplitude no que tange ao Setor Educacional na Região Sul do Estado do Piauí, podendo-se atribuir à Igreja Católica a responsabilidade de criar nesta cidade uma tradição escolar, e ao mesmo tempo contribuir para reforçar a posição desta cidade como polo regional (Batista,2015). Além disso, o processo de constituição da educação em São Raimundo Nonato por um considerável espaço de tempo foi prioritariamente de domínio da iniciativa privada representada pela Igreja Católica e por profissionais da sociedade civil (no caso, professores), entre esses está o Colégio Nossa Senhora das

Mercês que foi responsável por grande impulso na educação desta cidade, formando principalmente moradores locais e das cidades vizinhas. No tópico a seguir, focarei em trazer a história e as características dessa instituição no âmbito educacional em que se fortaleceu ao longo da história da educação em São Raimundo Nonato.

Sobre as questões de ensino, podemos notar que a escola vai se moldando, se adaptando em meio às circunstâncias de cada década. Em suma, aponta-se que educação em São Raimundo e região se deu pela inserção dos Mercedários e a Especialização da Escola Nossa Senhora das Mercês (1937), com a educação de meninas em primeiro momento e com a educação de meninos no colégio Dom Inocência (1948). Passando pela Criação da Educação Normalista com a Escola Normal Madre Lúcia em 1960 a 1971. Ambos os referidos locais de saber localizados no Bairro Aldeia. A educação Pública somente veio a existir no início das décadas de 60 e 70.

Para esse contexto, é importante ressaltar que a década de 1960, ano que se inicia a formação das Professoras Normalistas e a escola se divide em dois momentos educacionais, um com o Ensino Fundamental menor somente para meninas até 1948, estando ao seu lado o Colégio Dom Inocência que era para a educação de meninos, e na parte da tarde a formação de Professoras Normalistas para trabalhar na mesma instituição. Dessa maneira entre as décadas de 1960 e 1980 a educação de modo geral, em escalas teóricas se apresenta como uma educação tecnicista. Que segundo Saviani (2012, p.8) a pedagogia tecnicista se caracteriza pelo:

Pressuposto da neutralidade científica e inspirada nos princípios de racionalidade científica e produtividade, essa pedagogia advoga a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional. De modo semelhante ao que ocorreu no trabalho fabril, pretende-se a objetivação do trabalho pedagógico (Saviani, 2012, p.8).

A Década de 1990 está como recorte cronológico devido as questões de modificações e ampliações da arquitetura que aconteceram ao longo desta década, as modificações culturais e políticas tanto no país e na cidade de estudo. A década referida, o ensino se caracteriza como Progressista ou Crítico-social:

A tendência da pedagogia crítico-social de conteúdos propõe uma síntese superadora das pedagogias tradicional e renovada, valorizando a ação pedagógica enquanto inserida na prática social concreta. Essa tendência entende a escola como o lugar de mediação entre o individual e o social, exercendo aí a articulação entre a transmissão dos conteúdos e a assimilação ativa por parte de um

aluno concreto (inserido num contexto de relações sociais); dessa articulação resulta o saber criticamente reelaborado (Libâneo, 1992).

Ademais, podemos refletir que, todas essas leis que regem nossa educação são pensadas sob a ótica de cada sociedade, sob a perspectiva de cada cultura, mas não somente estas leis, mas a própria arquitetura. Dessa maneira, vamos observar as plantas baixas e as fachadas da Escola Nossa Senhora das Mercês.

3 ARQUEOLOGIA ENTRE PRÁTICAS E TEORIAS

A Arqueologia usa-se de “Teorias”¹⁰ e métodos na exploração dos vestígios materiais humanos por meio de suas estruturas arquitetônicas e elementos da cultura material, como cerâmicas pré-coloniais e louças coloniais, líticos, estruturas, entre outros tipos de materiais, utilizados como mecanismo de acesso aos comportamentos socioculturais ao longo da trajetória humana na terra.

Conforme Trigger (2004), as práticas e teorias arqueológicas acompanharam diferentes momentos da construção do conhecimento científico moderno, se aproximando das Ciências Humanas, Biológicas e Geológicas, como a História, Biologia, Antropologia, Geologia, entre outras. Sua gênese está associada a trajetória colonial europeia e ao advento do Imperialismo, contextos que influenciaram a Arqueologia Clássica e Antiquarianismo dos finais do século XVIII e início do XIX, em contexto em que os artefatos eram retirados de contextos de povos originários das colônias (África, Américas, Ásia e Oceania) e, assim, acumulados em gabinetes de curiosidades europeus. De outro modo, a disciplina constitui-se em práticas exploratórias e cumulativas, sem rigor teórico-metodológico.

¹⁰ Usamos de teorias entre aspas no sentido de que a arqueologia é uma disciplina interdisciplinar, por razões esta, pode se intercambiar entre teorias de outras ciências como a antropologia, a história, entre outras, compreendendo que as interfaces arqueológicas não necessariamente são teorias, porém se tornam essenciais para os contextos contemporâneos.

No início do século XX, pontua-se o desenvolvimento da Arqueologia Histórico-Culturalista, que resultou no desenvolvimento de métodos de seriação, estratigrafia e compreensão dos modos de vida de populações passadas denominadas como pré-históricas. A partir da década de 1960, surgem novas abordagens caracterizadas como Arqueologia Processual ou “Nova Arqueologia”, mais próximas da Antropologia desenvolvida nos Estados Unidos. O marco nessa perspectiva arqueológica foi o desenvolvimento do “método positivista”, seguindo os movimentos da construção e expansão da modernidade, as revoluções científicas, industriais e políticas e guerras que marcaram diferentes partes do mundo, culminando assim, no sistema capitalista (Trigger, 2004).

A Década de 1980 trouxe mais um movimento crítico nas teorias arqueológicas, conhecido como Pós-processualismo, com surgimento na Inglaterra. Influenciada por movimentos pós-modernos e pós-coloniais, a perspectiva tem como característica a abordagem contextual e simbólica dos artefatos, se opondo às premissas difundidas anteriormente no Processualismo. Em síntese, as abordagens foram-se expandindo e adequando-se conforme as transformações e diversidades de contextos pré-históricos, históricos, culturais, ambientais registrados ao longo da história, compreendendo passados distantes ou passados mais recentes (Trigger, 2004).

Nessa conjuntura, considera-se imprescindível apresentar as abordagens e seus contextos de surgimentos para que se possa direcionar as abordagens desejadas. Da mesma forma, considera-se a possibilidade de entender as mudanças e transformações de pensamento reproduzidas na materialidade, formas, matérias-primas, tipos de utilidades e funções. Isto posto, a presente pesquisa está próxima das provocações da Arqueologia Histórica (Funari, 2007; Orser, 1992); Symanski, 2009; Lima, 1993), Arqueologia da Arquitetura (Zarankin, 2002) e Arqueologia Contextual (Hodder, 1999). A articulação dessas abordagens teve como objetivo compreender as condições sociais, econômicas e políticas que implicaram nas modificações arquitetônicas dos espaços escolares do CNSM.

Com isso, buscamos estabelecer relações entre Arqueologia e contemporaneidade como um meio de elaborar as histórias das habitações, compreender os mecanismos socioculturais e as temporalidades históricas associadas ao edifício estudado. Do ponto de vista arqueológico, são aspectos

perceptíveis, que estão imbricados no âmbito social e nos espaços construídos (Santos, 2016)

Dessa forma, a premissa teórica-metodológica aqui apresentada, buscou compreender como os espaços arquitetônicos atuaram e atuam no controle e poder sociocultural externo e interno da instituição CNSM desde a sua constituição.

3.1 Arqueologia Histórica: Um Olhar A Partir Do Contexto Das Unidades Arquitetônicas

O Desenvolvimento teórico da Arqueologia Histórica está diretamente associado aos marcos teóricos da Arqueologia, de acordo com, trata-se de uma “subdivisão autônoma da arqueologia” (Orser, 1992, p.17). A abordagem apresenta métodos e abordagens específicas de investigação de vestígios arqueológicos e registros documentais (Funari, 2007; Symanski, 2009; Lima, 2002).

Apesar de ser praticada desde a década de 1930 nos Estados Unidos, o campo teórico passou a ser desenvolvido somente em 1960, com a Conferência sobre Arqueologia de Sítios Históricos (1960) e a criação da Sociedade de Arqueologia Histórica (1967). Importante destacar que, na mesma época, pesquisadores da Grã-Bretanha se organizavam por meio da Sociedade de Arqueologia Pós-Medieval. Conforme os apontamentos de Orser (1992), apesar de ambos terem em comum o estudo do período histórico, mesmo que em contextos divergentes, existem diferenças entre os focos de abordagens.

Sumariamente, as construções da América do Norte indicam divisões muito consolidadas entre pré-história e história. O período pré-histórico abarca das mais antigas ocupações de povos originários ao período da chegada do colonizador nas Américas. Já o período pré-histórico, de domínio da Arqueologia Histórica, o desenvolvimento do estudo arqueológico dos aspectos materiais, em termos históricos, culturais e sociais concretos, estão associados aos efeitos do mercantilismo e do capitalismo expandido pela Europa nos finais do século XV e que continua em ação ainda hoje (Orser, 1992).

Desse modo, se compararmos os cenários do Novo Mundo com contextos da Inglaterra e em outras regiões da Europa, os povos indígenas contemporâneos eram entendidos como mais próximos dos povos ditos “pré-históricos”, o que resultou na

construção de narrativas de continuidades étnicas históricas dessas populações. Das dificuldades em estabelecer as temporalidades no Novo Mundo, ressalta-se as complicações de definir onde começa o período histórico, devido às diversidades regionais. Assim, considera-se como uma alternativa estabelecer períodos de transição como “pré-histórico”, “proto-histórico” e “Histórico”, ressaltando os períodos de “contato” entre povos originários e colonizadores. No entanto, apesar das tentativas, essas divisões ainda são incapazes de abarcar a diversidade desses contextos, resultando em análises de contexto históricos com referenciais da arqueologia pré-histórica (Orser, 1992).

Dessa maneira, de acordo com Funari (2007, p. 50):

(...) o termo Arqueologia Histórica foi quase que totalmente aplicado ao “Novo Mundo” e, em razão disso, formou-se uma dicotomia fixa e dura, uma disjunção completa entre períodos da história humana. Por outro lado, arqueólogos trabalhando na Europa, China e em partes da África não estabeleceram fronteiras tão precisas, e o estudo de períodos históricos foi batizado de acordo com as “civilizações” ou períodos históricos. Por exemplo, as arqueologias clássica e medieval na Europa, ou a arqueologia islâmica em diversos países do Oriente Médio e da África (Funari, 2007, p. 50).

De fato, a Arqueologia Histórica não ficou somente atrelada às análises dos monumentos arquitetônicos, o seu horizonte de pesquisa se expandiu no decorrer das décadas, como aponta Lima (1991):

Vislumbrou o seu potencial para “dar voz” a minorias étnicas e a segmentos subalternos, oprimidos, desfavorecidos, ou marginais, que não puderam registrar sua própria história; recuperar memórias sociais, reinterpretar a História Oficial, resgatar elementos e práticas da vida cotidiana, sobre os quais normalmente não se escreve, e assim por diante. Campos de batalha, quilombos, simples unidades domésticas, becos urbanos, quintais, caminhos, povoados, fazendas, senzalas, tecnologias de processamento de determinados materiais, entre outros, passaram a ser valorizados como objetos de investigação (Lima, 1991, p. 228).

Portanto, a Arqueologia histórica se desenvolve por meio de objetivos de pesquisar esses contextos de contato das sociedades imperialistas, os efeitos do processo de colonização europeu e suas Culturas materiais juntamente com as Civilizações e Culturas Ameríndias.

De acordo com Funari (2007, p. 52) pode-se argumentar que trabalhos mais recentes no campo da arqueologia histórica, que focam na história do capitalismo e

em suas expressões industriais, escapam, ao menos, de alguns dos problemas analíticos que estão associados com a distinção tipológica entre sociedades letradas e não letradas.

Segundo Funari (2007) Mais recentemente, dando prosseguimento a essa linha de pensamento, arqueólogos históricos têm focado na expansão europeia e no colonialismo, na exposição de mecanismos relacionados de dominação e de resistência, e nas formas econômicas e políticas daí geradas, particularmente o avanço do capitalismo.

De Fato, devido ao grande leque de possibilidades de pesquisa mencionada anteriormente, também pode ser intitulada como arqueologia do capitalismo como Symanski (2009) aponta na passagem a seguir:

A noção de arqueologia histórica como arqueologia do capitalismo foi proposta inicialmente por Schuyler (1970), que definiu a subdisciplina como o estudo das manifestações materiais da expansão da cultura europeia sobre o mundo não europeu. A mesma ideia foi defendida por Deetz (1977) e, mais recentemente, por Orser (1988, 1996). Embora deva ser considerada a perspectiva eurocêntrica desta abordagem, é inegável o impacto devastador do processo de expansão das potências europeias sobre as populações nativas americanas, bem como os enormes movimentos populacionais transoceânicos que foram produto desse processo, envolvendo populações da África, Europa e Ásia, que remodelaram a configuração material, social e cultural das Américas (Symanski, 2009, p. 9).

A Pesquisadora norte-americana Little (1994) refere-se a três temas gerais que têm sido abordados na arqueologia do capitalismo: Pesquisa Transcultural, Consumo e Industrialismo, e Ideologia e Poder. A Pesquisa transcultural refere-se aos encontros coloniais entre povos europeus e não europeus, focalizando no papel da cultura material nesses processos de interação e conflito. Consumo e industrialização dizem respeito às mudanças culturais que acompanham as mudanças sociais na organização do trabalho, conectando as condições de produção com as circunstâncias do consumo. Desse modo, poder e ideologia referem-se aos modos complexos pelos quais as ideologias atuam na manutenção da estrutura social hierárquica que caracteriza o capitalismo. Levando em consideração já o século XX, os estudos sobre essas sociedades recentes, se nota mais possibilidades de pesquisa, se guiando pela questão mais ideológica e de suas arquiteturas. Dessa forma,

entende-se que a ideologia do capitalismo é um fator definidor dos espaços construídos.

Conforme aponta Symanski (2009, p.10),

A ideologia do capitalismo industrial introduziu noções de disciplina pessoal através de uma série de discursos e artifícios que envolveram a separação entre o espaço doméstico e o espaço de trabalho, a segmentação das refeições, e a mensuração mecânica do tempo (Symanski, 2009, p.10).

Tais aspectos foram frequentemente observados a partir de contextos arquitetônicos coloniais ingleses e norte-americanos do século XVIII. Conforme ressaltou Zarankin (2002), essas são premissas que precisam ser reavaliadas, considerando os contextos específicos, bem como as articulações de identidades, etnicidades, status, gênero e faixa etária (Symanski, 2009).

No Brasil, a abordagem da Arqueologia Histórica passou a ser fortemente utilizada por volta da década de 1960, ainda sob o viés de perspectivas descritivas e classificatória anglo-americanas. Boa parte destes estudos estão ligados aos patrimônios culturais. Uma acentuada atração por exemplares da arquitetura colonial determinou, por um considerável intervalo de tempo, os rumos da Arqueologia histórica no Brasil, que se voltou para a investigação de igrejas, conventos, missões, fortificações etc. (Lima, 1991). Ainda que o cenário mais amplo da Arqueologia apontasse para o surgimento de abordagens processualistas na época, as influências mais diretas dessa perspectiva só se deu por volta de 1990 (Lima, 2002). Ainda segundo Lima (2002), quando associada ao histórico-culturalismo, as investigações da Arqueologia Histórica foram direcionadas para “estruturas e artefatos remanescentes dos poderes religioso, militar e civil” (Gheno, 2013, p.169), o que acabou reforçando seu caráter elitista.

Lima (1993, p. 228) nota que nos anos de 1980 surgiram novas perspectivas no campo da Arqueologia Histórica brasileira, sendo reconhecido o potencial da disciplina no estudo dos grupos étnicos e segmentos subalternos que não tiveram possibilidades de escrever sua própria história, em recuperar memórias sociais, estudar práticas cotidianas e reinterpretar a história oficial. E foi justamente nesta década 1980, que a Arqueologia Histórica ganhou mais autonomia em relação às outras nomenclaturas arqueológicas, por meio de encontros de profissionais que

tinham como nicho de pesquisa a área urbana e a preservação dos espaços arquitetônicos.

Considerando as conceituações até aqui apontadas, entendemos a Arqueologia Histórica, segundo Deagan (1991, p. 102), como abordagem capaz de proporcionar a “articulação e integração multidisciplinar de evidências da cultura material, dos mundos natural, intelectual e social, tanto no presente quanto no passado”. Como aponta Deetz (1991), Orser (1992) Lima (2002) o arqueólogo tem como ofício não apenas confirmar que está posto. O estudo da cultura material, mesmo que associada a documentos textuais e iconográficos, permite abordagens que alcancem outra dimensão de informações chegando inclusive ao conhecimento de grupos e contextos não registrados por outros meios.

No caso deste trabalho, o foco foi analisar os processos sociais e a construção de políticas de ensino do século XX, especificamente nas décadas de 1930, 1960 e 1990 e 2000 no que diz respeito ao espaço arquitetônico do então CNSM. Desse modo, foi essencial explorar os conceitos abordados pela Arqueologia da Arquitetura para compreender as construções e mudanças decorrentes das orientações sociais e políticas do contexto analisado, conforme abordarei no tópico seguinte.

3.2 Arqueologia Da Arquitetura: As Ruínas Historiográficas Deposicionais

A Arquitetura em si é um elemento que caracteriza civilizações e culturas por séculos ou milênios e tem se tornado um instrumento de hierarquização da sociedade pós-colonial. Nesse sentido, considera-se entendimento de que a o espaço construído exerce uma função de controle social, como foi apontado por Althusser (1968) ao considerar uma leitura marxista estrutural a respeito de ideologia dos Estados-nação refletidas nos mecanismos industriais de trabalho. Por outra via, Foucault (1976) afirma que a arquitetura é como uma tecnologia do poder a serviço da igreja e do estado, direcionando para questões de disciplina e poder dentro do mundo moderno capitalista.

Segundo Zarankin (2002), a partir do século XVIII, a elite toma consciência do potencial do controle e manipulação da paisagem como elemento de reprodução do sistema de poder. A partir de então, os espaços e as estruturas dentro dele passam a

ser objeto de controle e regulação. Soma-se a isso a ideia de durabilidade ilimitada das estruturas arquitetônicas que perdura durante quase todo o século XIX e início do século XX. Esta concepção tem claras raízes na mentalidade feudal, e foi, ao longo da história, uma constante naqueles edifícios de características monumentais (Zarankin, 2002).

Em um sentido mais particular das relações pessoais, as mudanças entre gerações familiares se refletem nas mudanças arquitetônicas, transformando relações pessoais e feições arquitetônicas sólidas em conotações mais frágeis com o decorrer das décadas do século XX. Por meio das observações de Zarankin (2002), nota-se que, a partir de 1920/1930, se produz uma importante mudança nas ideias do que devia ser uma arquitetura em consonância com o mundo moderno. Assim, o desenvolvimento de uma nova arquitetura capitalista representava o paulatino fim da ideia tradicional de uma arquitetura feita para perdurar, isto é, para se manter durante gerações.

Em síntese, a Arqueologia da Arquitetura pode ser definida enquanto uma abordagem que se dedica a estudar as construções e edifícios, se desenvolveu enquanto abordagem por volta da década de 1970 por meio de estudos de arqueologia preventiva da arquitetura medieval na Espanha e Itália, no entanto, sua aplicação data desde as décadas de 1950 e 1960 no âmbito da arqueologia urbana (Copé, 2006). Para Lopes (2013, p. 26) a arqueologia da arquitetura não consiste em um novo subcampo da ciência arqueológica. Ela é uma metodologia utilizada nos mais diversos contextos temporais e espaciais (Steadman, 1996; Copé, 2006; Drennan, 2010).

Para Lemos (2019, p. 68) de qualquer forma, ao longo dos anos, a Arqueologia da Arquitetura se diversificou. Se primeiramente as pesquisas eram voltadas mais para Arqueologia Histórica, a partir da década de 80, a Arqueologia da Arquitetura também passou a abranger de forma mais consistente estudos relacionados à Pré-História. Entendendo a arquitetura enquanto cultura material, pré-historiadores norte-americanos passaram a desenvolver trabalhos nessa área estudando estruturas semi-subterrâneas (*pithouses*) nos Estados Unidos, abrindo assim um caminho mais definitivo para a Arqueologia da Arquitetura na Pré-história.

Dessa maneira, Lemos (2019, p. 68) ao mesmo tempo, a Arqueologia da Arquitetura também se desenvolveu a partir de um caráter preservacionista, com o objetivo de atender às demandas de restauro e conservação de patrimônios históricos

edificados, ligados, por exemplo, à arquitetura militar e religiosa (Bomfim *et al.*, 2016; Santos, 2013, 2015; Villela; Tirello, 2014).

Segundo Maia (2021, p. 24) a Arqueologia da Arquitetura como ramo da Arqueologia Histórica tem como foco principal o estudo das edificações pelo viés arqueológico. A Arqueologia como ciência multidisciplinar admite um estudo abrangente, utilizando para isso inúmeras fontes e evidências, ou seja, restos materiais, documentos, artefatos, plantas, fotografias, vasos cerâmicos e inclusive edificações. De forma resumida tudo que é produzido ou modificado pelo homem é passível de estudo pelo arqueólogo. Todos esses artefatos podem ser encarados como “materialização da cultura” (Najjar; Duarte, 2002, p. 11). Assim podemos perceber que:

Arqueologia da Arquitetura busca analisar as edificações e construções humanas de um ponto de vista arqueológico. Como disciplina arqueológica e histórica, centra-se na busca do conhecimento, por meio do estudo dos documentos materiais, no caso, as edificações (Quiros Castillo, 2002, p. 28). A Arqueologia da Arquitetura é passível de se apoiar tanto na Antropologia, focando os estudos nas questões sociais, como na História que considera —a leitura dos elementos arquitetônicos da edificação como meio para chegar ao conhecimento do processo histórico nela expresso; independentemente das tipologias tradicionais (Santos, 2009, p. 43 *apud* Maia, 2021, p. 25).

Segundo Maia (2021, p. 25), as edificações devem ser vistas como artefatos (ou como anteriormente citado, superartefatos) construídas pela ação humana, da mesma forma que objetos cerâmicos ou artefatos líticos o são. Na medida em que são fruto de um determinado tempo e espaço funcionam como meio de produção e produto das relações sociais. Essas relações sociais podem ser evidenciadas e compreendidas pelos estudos arqueológicos, e segundo a autora, são significativos para o enriquecendo dos resultados da pesquisa e da história, sob uma ótica necessariamente interdisciplinar (Najjar, 2011, p. 71).

A Arqueologia da Arquitetura, que vem ganhando destaque nas últimas décadas com um conjunto metodológico utilizado em diversos contextos temporais e espaciais. Segundo Zarankin (2002) um dos autores pioneiros no estudo da construção da paisagem humana foi Amos Rapoport, onde o seu principal objetivo era compreender a interação entre o meio ambiente e a construção humana de seu

espaço. Para Rapoport (1969, 1982, 1990) afirma que existiu uma relação direta entre cultura e meio ambiente, e a arquitetura reflete esse contato.

Nesse sentido, As abordagens de envolvem a relação entre arquitetura e paisagem são vistas como opções que contemplam desde opções funcionalistas, as quais pressupõem as edificações como um reflexo imediato da necessidade de se proteger do meio ambiente (Lopes, 2013; Zarankin, 2001). Outra perspectiva que se pode ressaltar, conforme Lopes (2013), são os sentidos simbólicos e sociais, em constante conexão com o meio envolvente (Steadman, 1996; Copé, 2006; Drennan, 2010). Dessa forma, como elenca Zarankin (2008) são objetos sociais e, como tais, estão carregados de valores e sentidos particulares. Dessa forma, as construções não são um reflexo passivo da sociedade. Participam ativamente na formação de pessoas, associada ao fato de que a arquitetura denota uma ideologia, e possui uma particularidade.

Para Steadman (1996 *apud* Lopes, 2013), os estágios iniciais da arqueologia da Arquitetura se voltam para análises espaciais dos objetos centrados no estudo de unidades domésticas pré-históricas, preocupando-se quanto a distribuição espacial no interior da construção e a posição das unidades no assentamento. As análises espaciais vinculadas à Arqueologia da Paisagem, que segundo Borrazás *at al* (2002) e Lopes (2013), tem servido como o próprio desenvolvimento da Arqueologia da Arquitetura, que seria compreender sobre a apropriação e modificação da paisagem compreendendo-a em constante transformação, distanciando-se assim, das abordagens funcionalistas.

Logo, estudos dessa natureza podem ser utilizados em diversos contextos temporais e espaciais, cuja necessidade é observar como as paisagens são transformadas em lugares. Nesse sentido, é possível observar com mais detalhes as alternativas de controle social, delimitação do espaço, ou seja, transformações da paisagem em lugar que limita a circulação humana, exercendo-se a assimetria do poder, percebidos nos edifícios arquitetônicos no CNSM.

Desse modo, o presente estudo entende, conforme Caballero Zoreda (2009), a Arqueologia da Arquitetura como meio para perceber, através da materialidade, uma série de práticas e representações ideológicas em determinadas construções/edifícios que funcionam nas sociedades. A partir de estudos voltados para análise contextualizada da arquitetura, entende-se que é possível situar as materialidades no

tempo e espaço. Dependendo do contexto histórico, estes ganham conceitos teóricos/metodológicos múltiplos. Portanto, presume-se que a Arqueologia da Arquitetura carrega alguns preceitos que auxiliaram no entendimento do tempo histórico/cultural, evidenciando interferências na configuração e funcionalidade dos espaços, que respaldam sobre os comportamentos sociais de uma determinada população ou grupo (Caballero Zoreda ,2009).

Historicamente, tomaremos como referência nesse estudo, o período sistemático na consolidação da Arqueologia da Arquitetura estruturada com métodos e metodologias a partir dos estudos de Zarankin (2002) para América Latina, se debruçando sobre habitações burguesas e as escolas públicas infantis na Argentina, onde ali se observa como os espaços arquitetônicos limitam a circulação humana e sobretudo o controle social. De acordo com Zarankin (2002) o advento da sociedade capitalista promoveu a “arquitetonização da paisagem humana” na medida que as atividades cotidianas passaram a ser desenvolvidas nos espaços construídos ou deles dependentes (Zarankin, 2002; Lopes, 2013).

Nesse sentido, no estudo dos espaços do CNSM, buscou-se na análise arqueológica da morfologia, a função e a organização espacial da estrutura, para que assim pudéssemos dialogar com os aspectos ideológicos. Uma vez que, na arquitetura, a estrutura nos mostra firmeza, utilidade e “encanto”. Segundo Zarankin (2002), pode-se identificar manipulações antrópicas de um dado espaço, mediante técnicas construtivas que variam ao longo do tempo atendendo a fatores sociais, culturais e econômicos. Conforme Borrazás *et al.* (2002, p. 14 *apud* Lopes, 2013, p. 25), a Arqueologia da Arquitetura elabora a história dos edifícios como parte da materialidade dos indivíduos que construíram, habitaram ou habitam.

Desse modo, no estudo do CNSM buscamos compreender tanto os lugares práticos/utilitários como as funções simbólicas/ideológicas materializadas na edificação, caracterizada por um forte discurso social e estético de renovação do ambiente de vida contemporâneo característico principalmente da Arquitetura moderna. Segundo Zarankin (2008 *apud* Lopes, 2013, p. 26):

Os edifícios são objetos sociais, como tais são carregados de valores e sentidos particulares, as construções não são um reflexo passivo das sociedades, pelo contrário participam ativamente na formação de pessoas. Esta construção de subjetividade se encontra estreitamente

associada ao fato de que a arquitetura denota uma ideologia, e possui a particularidade de fazê-la real ou transformá-la em uma estrutura material (Zarankin, 2008, p.328 *apud* Lopes, 2013, p. 26).

De acordo com Zarankin (2002), A arquitetura é um dispositivo fundamental para a transformação e a modelagem do mundo em que vivem as pessoas. Paisagens naturais são continuamente apropriadas por indivíduos e grupos para serem convertidas em algo radicalmente distinto. Estes novos espaços domésticos (ou lugares) são tanto produto como produtores de significado social.

Por sua vez, Lemos (2019) indica que em contextos como os estudos históricos e criminológicos, evidências arqueológicas apontam para uma tentativa de impor a conformidade (ou controle), mas também de resistência ao sistema por parte dos presos e funcionários da prisão. Embora os regulamentos do Conselho de Administração Prisional previssem, por exemplo, mecanismos que anulassem a identidade dos detentos, estes, por sua vez, conseguiam meios de manter sua individualidade, a qual se refletia em seus pertences pessoais (Lemos, 2019).

Para Aquino (2017; 2019) sentir a materialidade e desenvolver técnicas corporais de interação com ela não é somente uma questão de tocar ou evitar tocar as coisas. Mais do que isso, o mundo material é um componente forte no processo de direcionamento da estrutura mental, do comportamento, das relações humanas e da vida. A existência pessoal e a existência social estão intimamente ligadas às formas físicas que demarcam a conduta corporal humana. A partir de diferentes experiências corporais são criadas diferentes noções de espaços somáticos, desenvolvendo-se noções distintas de espaços perceptuais e existenciais (Tilley, 1999; 2004).

Arquitetos e Arqueólogos são unânimes em afirmar que a Arquitetura simplesmente não acontece por si só. Ou seja, as construções são pré-concebidas e projetadas antes de serem executadas (Morais, 2007). O construir envolve vários processos simbólicos: escolha do local, a direção onde se projeta a entrada principal, como os espaços devem ser tensionados, os detalhes decorativos de uma fachada e os materiais que integram o edifício. Estes integram um acontecimento maior, que parte do cognitivo (onde se constrói a ideia de projetar o edifício) para a materialização de ideias e culturas na Arquitetura, que não se mantém estática ao longo do tempo.

Segundo (Vila; Rotea; Borazzás, 2002 *apud* Maia, 2021, p. 27) A forma do espaço pode impor inclusive esquemas de organização social, sendo tanto um reflexo

como um gerador ativo de conduta social, e, portanto, não deve ser interpretado unicamente em termos funcionais, mas também em aspectos sociais. O espaço construído também é um objeto simbólico já que transmite mensagens que são assimiladas de maneira inconsciente na vida cotidiana. A forma arquitetônica é definitivamente um significante que transmite símbolos culturais (Vila; Rotea; Borazzás, 2002).

Na Arqueologia, Zarankin (2002), considera-se que um edifício, ou um conjunto edificado, pode ser observado de uma forma mais crítica e mais abrangente, não só a partir de análises estilísticas e arquitetônicas, mas também leituras estratigráficas. De outro modo, registrar e analisar todos os momentos da sua existência, percebendo como cada aspecto interfere na hierarquização e no controle social (Mañana Borrazás *et al.*, 2002; Mannoni; Boato, 2002 *apud* Santos, 2015).

Ou seja, as “Paredes que Domesticam” termo usado por Zarankin (2002), que tem por finalidade moldar o comportamento social por meio dos espaços arquitetônicos e sua dominação “simbólica”.

Em suma, a arqueologia da arquitetura não é somente fazer uma história da arte ou da própria arquitetura. Embora alguns trabalhos dessa área detenham-se, sobretudo, na classificação e sistematização de estilos e fases construtivas, o objetivo dessa linha de pesquisa vai além, uma vez que entende a arquitetura como um artefato carregado de signos compartilhados culturalmente e que está em constantes relações dialéticas com as pessoas (Moreira, 2015). Conforme explica Zarankin (2002), a arquitetura cria limites artificiais que regulam a forma como nos deslocamos no espaço e como nos relacionamos com as pessoas, uma vez que tais limites podem favorecer certos encontros em detrimento de outros (Moreira, 2015).

Assim, ao entender as diferentes possibilidades de análise e interpretação de espaços construídos, bem com as funcionalidades específicas de cada um, buscamos compreender como os mecanismos de hierarquização social funcionaram e funcionam entre as paredes dos espaços escolares de um modo geral e, especificamente no CNSM.

3.3 Arquitetura Escolar

Segundo Zarankin (2002), a escola funciona num lugar cujo espaço está fisicamente circunscrito, ou seja, que possuem delimitações muito marcadas. Este,

paralelamente, é organizado por meio de estruturas arquitetônicas. Ao mesmo tempo em que o poder estabelece lugares específicos para transmitir os saberes legítimos, nega-se esta função ao resto dos espaços (Trilla 1985). No entanto, é necessário esclarecer que essa ideia de uma escola que ocupa um lugar – planejado e construído especificamente para este fim - é um fato relativamente recente, que data de meados do século XIX, não por acaso, está relacionada às produções capitalistas (Trilha, 1985; Viñao Frago, 1998).

De acordo com Zarankin (2002), a evolução dos prédios escolares geralmente tem sido acompanhada de uma redução do pessoal de ensino e vigilância, em comparação aos primeiros modelos de escola. Esta situação está vinculada ao processo de aperfeiçoamento dos dispositivos que tem como função maximizar os efeitos do poder, ao mesmo tempo que diminui seus custos – materiais, simbólicos, políticos, dentre outros. Portanto, se vemos a escola como uma máquina, ao ser utilizada por seus usuários, ou operadores, funcionará como um mecanismo que impõe seu próprio ritmo de atividade por meio de processo de violência simbólica (Bourdieu, 1989). Uma ideia semelhante à “disciplina de máquinas” proposta por Gaudemar (1981).

Com relação à ideia da vida útil do edifício escolar, é possível pontuar significativas mudanças ao longo do tempo. No entanto, sempre primaram concepções que propunham ciclos de vida do edifício de médio e longo prazo (Escolano, 1998). Desta maneira, é frequente observar que escolas construídas em diferentes momentos (inclusive as do século XIX) continuam sendo utilizadas sem maiores transformações até a atualidade (Zarankin, 2002).

Portanto, para Zarankin (2002), elencando sobre o marxismo, a escola é pensada como parte do aparato ideológico do Estado (Althusser, 1968), enquanto Foucault (1976) caracteriza-a como uma tecnologia do poder. No entanto, em ambos os casos, a escola pode ser pensada como um dispositivo central de reprodução, já que, como indica Althusser (1968), não existe nenhuma outra instituição que mantenha por tanto tempo uma audiência cativa de crianças.

De acordo com Gonçalves (1999), o enfoque do espaço escolar na sua perspectiva histórica é considerado como obra humana situada no tempo e no território, o que nos permite ler na arquitetura escolar as marcas do seu próprio tempo, como um lugar de relações humanas – neste caso, relação pedagógica – que

traduzem a forma como a sociedade se organiza, a visão de mundo hegemônica a que se filia e quais suas contradições nesses processos de construção manutenção de ideais. Dessa forma, para a autora, o espaço escolar é um documento material, visível, que expressa os estilos, gostos, costumes, do passado e do presente. É, portanto, portador de histórias nossas. As descrições de escolas contadas em verso e prosa revelam imagens, lembranças do passado.

Assim sendo, podemos perceber que a organização do espaço onde estamos inseridos tem muito a ver com a sociedade que a constitui, da mesma maneira que a sociedade possui certa “forma espacial” e por ela é domesticada (Hillier; Hanson, 1984 *apud* Moreira, 2015). Desse modo, podemos dizer que a arquitetura é materialização da ordem espacial em sistemas relacionais nas quais estão incorporadas finalidades sociais.

De acordo com Pearson e Richards (1997), na nossa própria existência do mundo, especialmente os espaços com nossos corpos, experimentamos imposições de certas ordens, de forma consciente ou não, afinal, o corpo humano é um dos principais geradores de princípios ordenadores (Moreira, 2015, p. 95).

Portanto, o Colégio Nossa Senhora das Mercês, se apresenta para além de uma estrutura física com funcionalidades práticas, apresenta funcionalidades simbólicas, discursos que se materializaram e estão materializados nas paredes, exercendo poder sobre as pessoas, onde se emergem sensações e sentimentos.

Nos Pressupostos da Arqueologia da Arquitetura, para Lima (2010), dentro dos padrões pós- processualistas pode-se abordar a materialidade, assim como suas intenções e significados. Ao se expressar, a Arquitetura também materializa concepções e valores, revelando ideologias. Ao representar fisicamente uma concepção de mundo, ela estabelece vínculos entre os indivíduos, entre a paisagem em que se insere e entre as dimensões simbólicas incrustadas na sua materialidade.

Como é elencado por Foucault (2013, p. 95) sobre a hierarquização, poder e disciplina por meio da arquitetura, a arquitetura é totalmente pensada para vigiar em vez de punir.

Escrúpulos infinitos de vigilância que a arquitetura transmite por mil dispositivos sem honra. Só os acharemos irrisórios se esquecermos o papel dessa instrumentação, menor, mas sem falha, na objetivação progressiva e no quadriculamento cada vez mais detalhado dos comportamentos individuais. As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como um microscópio do

comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formaram, em torno dos homens, um aparelho de observação, de registro e de treinamento. Nessas máquinas de observar, como subdividir os olhares, como estabelecer entre eles escalas, comunicações? Como fazer para que, de sua multiplicidade calculada, resulte um poder homogêneo e contínuo? (Foucault, 2013, p. 95).

Portanto, segundo Foucault (2013), o aparelho disciplinar perfeito capacita um único olhar para tudo ver permanentemente. Um ponto central seria ao mesmo tempo fonte de luz que iluminasse todas as coisas, e lugar de convergência para tudo o que deve ser sabido: olho perfeito a que nada escapa e centro em direção ao qual todos olhares convergem.

Para Foucault (2013) a arquitetura não é mais feita para simplesmente ser vista ou para vigiar o espaço exterior (geometria das fortalezas), mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado, tornando visíveis os que nela se encontram.

Esse trabalho objetiva ser semelhante metodologicamente ao de Moreira (2015), onde a autora em “Arquitetura que Enlouquece” analisou juntamente com colegas arquitetos, engenheiros o prédio hospitalar para buscar identificar mudanças estruturais na arquitetura. Ou seja, uma arqueologia baseada no olhar, na observação da arquitetura do Colégio Nossa Senhora das Mercês. Desse modo, buscamos entender os espaços do CNSM por meio dos estudos da Arqueologia da Arquitetura, alinhado as configurações e intensões presentes nos espaços escolares que constituem a hierarquização social. Para isso, foi importante também compreender o contexto que social que influenciou determinadas mudanças ou permanências na arquitetura estudada.

3.4 Arqueologia Contextual

Em linhas gerais, segundo Ian Hodder (1982) Arqueologia Contextual é uma abordagem teórico-metodológica que se concentra no estudo do contexto arqueológico, ou seja, dos aspectos físicos, ambientais e culturais associados às materialidades do passado. Essa abordagem surgiu na década de 1980, como uma reação à “Nova Arqueologia”, que enfatizava o uso de métodos científicos e a busca de generalizações sobre o comportamento humano. A Arqueologia Contextual defende que o significado dos restos materiais só pode ser compreendido no contexto

em que foram encontrados. Para isso, a abordagem propõe uma variedade de técnicas, incluindo a estratigrafia, a análise espacial e a análise de materiais.

Assim, partindo de um dos teóricos da arqueologia contextual, para Hodder (1982) a interpretação simbólica é utilizada para entender o significado cultural dos artefatos. Por exemplo, os arqueólogos podem analisar os padrões decorativos de uma cerâmica para entender o que eles significam para as pessoas que a fizeram e usaram.

Partindo desta perspectiva podemos analisar por meio da arqueologia contextual os significados das mudanças de fachadas escolares ao longo do tempo. Quais os motivos dessa mudança? São por questões de controle social? São por questões de estética? São por motivos simbólicos?

A Arqueologia contextual pretende inferir sobre as normas sociais do comportamento, desvelar as atitudes coletivas, compreendidas como “configurações sociais”. Implicam, ao mesmo tempo, em uma dada mentalidade em particular, ou seja, preferências e aversões afetivas, predestinações a condutas e reações (Gurvitch, 1979 *apud* Alarcão, 1997). Entre uma das premissas da Arqueologia Contextual que referimos neste trabalho é a simbolização do espaço. Pois, conforme Hodder (1982) a arqueologia precisa levar em consideração o papel dos símbolos na vida social das sociedades humanas.

Portanto, podemos refletir as estruturas espaciais de um edifício escolar, muitas vezes caracterizado como um espaço simples, ou modesto, que não possui grandes atrativos. Os espaços escolares atuais têm por simbologia contrastes coloridos, grades para proteger as pessoas que estão em suas estruturas. Algo que veremos mais adiante é que, as colorações das escolas não possuíam cores mais vivas, como verde ou amarelo, mas sim cores mais serenas, como branco ou cinza. Tomando como exemplo o século XIX, Zarankin (2002) elenca que o prestígio da escola depende de onde ela está instalada, de seu tamanho, limpeza e orientação. Essa dignificação da arquitetura acrescentaria também o prestígio do professor e elevaria a estima que os alunos têm para com a educação (Estocolmo, 1998).

Em suma, a arqueologia contextual o espaço construído evidência ou denuncia as relações sociais, se é um dado onde essas relações se podem ler, é porque essas relações determinam o espaço, isto é, são a causa ou a razão da forma concreta que o espaço assume (Alarcão, 1997, p. 29). Deste modo o próximo capítulo vai abordar

o contexto histórico arqueológico de São Raimundo Nonato-PI e região, por meio da Ordem Mercedária e a fundação da Escola Nossa Senhora das Mercês.

4 METODOLOGIA: MÉTODOS DE LEITURA DA ESTRUTURA ARQUITETÔNICA E DO CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL/EDUCACIONAL

Para a análise e compreensão de como o espaço arquitetônico escolar do Colégio Nossa Senhora das Mercês atuou no controle social e na hierarquização do poder no decorrer das décadas de 1930, 1960, 1990 e 2000, tanto internamente como externamente, no município de São Raimundo Nonato-PI. Elencamos uma abordagem multidisciplinar que combinou metodologias da Arqueologia da Arquitetura e da história oral. Estas metodologias podem ser complementadas em três aspectos principais: funcional, espacial e histórico-socio/educacional, em escalas macro e micro.

Como destacado por Zarankin (2002), os edifícios arquitetônicos representam uma forma de comunicação não verbal, cuja análise visa transformar essas estruturas em textos passíveis de serem lidos e interpretados. Por outro lado, as histórias sociais podem ser acessadas por meio das trajetórias de vidas, dando voz aqueles que são considerados minorias, conforme apontado por Gonçalves e Lisboa (2007). Portanto, podem ser empregadas diferentes técnicas de investigação, como observação e entrevistas.

Logo, essa abordagem reconhece que a arquitetura comunica mensagens sobre a sociedade, cultura e poder, e que essas mensagens podem ser decodificadas e interpretadas por meio de uma análise cuidadosa dos elementos arquitetônicos. Além disso, valoriza a importância de ouvir as histórias e experiências daqueles que podem ter sido marginalizados ou sub-representados nos registros históricos tradicionais, permitindo uma compreensão mais abrangente e inclusiva do passado.

Ao combinar a análise da arquitetura com as histórias sociais coletadas através de entrevistas, é possível obter uma compreensão mais rica e holística da interação entre o espaço construído e as experiências humanas. Essa abordagem integrada permite explorar não apenas a forma física dos edifícios, mas também as

histórias e significados subjacentes que contribuem para a complexidade da paisagem urbana e social.

Os métodos da Arqueologia da Arquitetura aqui empregados tiveram como foco a análise dos vestígios arquitetônicos e estruturais do colégio ao longo do tempo. Isso envolveu a investigação de elementos como a disposição dos espaços, materiais de construção utilizados, mudanças estruturais ao longo das décadas e como esses aspectos refletem as dinâmicas sociais e de poder.

Para realizar essa análise no objeto de estudo, foram consideradas algumas formas de leitura da estrutura arquitetônica e do contexto histórico-social/educacional:

a) **Leitura Corporal ou Física:** Esta abordagem envolveu visitas ao colégio e deslocamentos dentro do espaço acompanhados da diretora administrativa. Durante essas visitas, foi possível observar diretamente a disposição física dos ambientes, a distribuição dos espaços, os materiais de construção utilizados, bem como interagir com o ambiente escolar de forma sensorial. Essa leitura proporciona uma compreensão mais imersiva e empírica da arquitetura do colégio, permitindo uma análise detalhada das características físicas e funcionais do espaço;

b) **Uso de Ferramentas Conceituais:** Além da leitura física, foram utilizadas ferramentas conceituais, como plantas baixas e fotografias do processo histórico do colégio. As plantas baixas fornecem uma representação visual da organização espacial do colégio em diferentes épocas, permitindo identificar mudanças na estrutura ao longo do tempo. As fotografias históricas são valiosas para compreender a evolução arquitetônica do colégio e capturar momentos significativos de sua história, como reformas, expansões ou eventos importantes;

c) **Contexto histórico-social/Educacional:** Acessado por meio das entrevistas com ex-alunos, professores e funcionários. Foi possível obter relatos e memórias que ajudaram a reconstruir a história do colégio e a compreender as experiências vividas dentro do espaço escolar. Essas narrativas fornecem informações sobre as relações de poder, hierarquias sociais, práticas educacionais e a percepção da comunidade sobre o colégio em diferentes épocas.

Considerando que essas são formas de leitura e interpretação de um espaço arquitetônico, para tanto, é importante reconhecer que algumas limitações surgiram durante a produção textual. Para contornar essas limitações, focamos em aspectos básicos, como função e organização espacial, em diferentes escalas (Zarankin, 2002).

Em uma análise em escala macro, que abrange o colégio como um todo, podemos examinar a função geral de cada área e sua organização espacial. Isso incluiu considerar como os diferentes espaços, como salas de aula, áreas administrativas, espaços de recreação etc., estão dispostos e como essa organização reflete as dinâmicas sociais e educacionais do colégio. Além disso, as entrevistas com os colaboradores nos forneceram informações valiosas sobre o funcionamento e a evolução do espaço ao longo do tempo.

Por outro lado, em uma análise em escala micro, nos concentramos em espaços específicos, como a fachada do colégio. Isso nos permitiu examinar detalhes arquitetônicos e elementos simbólicos em profundidade, considerando como esses espaços são utilizados e percebidos pelos usuários. Por exemplo, podemos analisar detalhes ornamentais na fachada do colégio, buscando entender como esses elementos contribuem para a experiência, identidade do espaço além de nos situar sobre a temporalidade.

A seguir, serão apresentados os métodos de leitura e interpretação utilizados para análise do colégio abordado nessa pesquisa.

4.1 Leitura Corporal ou Física

Para a leitura realizada nesta ocasião, foram conduzidas três visitas ao colégio. No primeiro encontro, a diretora, Irmã Raquel, apresentou o espaço arquitetônico (Figuras 12, 13) e disponibilizou alguns livros que serviram como fontes bibliográficas¹¹. Além disso, gentilmente cedeu plantas baixas para serem escaneadas e analisadas.

Figura 4 - Vista frontal do Colégio Nossa Senhora das Mercês no ano de 2004.

¹¹ GALVÃO, José Raimundo (org.). **IRMÃS MERCEDÁRIAS MISSIONÁRIAS DO BRASIL**. Aracaju: Criação, 2013.



Fonte: Arão (2023)

Figura 5 - Irmã Raquel
apresentando a parte interna



Fonte: Arão (2023)

Este momento representou uma oportunidade para imergir no espaço físico do colégio e compreender sua arquitetura e organização espacial. A apresentação feita pela diretora, Irmã Raquel, permitiu uma orientação inicial e uma visão geral do ambiente escolar.

No segundo momento, acompanhados por Juliano Arão, irmã Raquel nos guiou por mais espaços da escola, proporcionando uma compreensão mais detalhada e tangível da arquitetura do colégio. Isso possibilitou uma análise minuciosa das

características físicas e funcionais do espaço, permitindo uma imersão ainda mais profunda na sua estrutura e funcionamento. Além disso, ela nos levou a uma sala especial, uma espécie de memorial, onde estão expostos e guardados vários utensílios que pertenceram a irmã Madre Lúcia, como podemos visualizar nas (Figuras 14, 15, 16 e 17).

Figura 6 - Arquitetura externa do Memorial Madre

Lucia



Fonte: Arão (2023)

Figura 7 - Hábito do memorial Madre

Lucia



Fonte: Arão (2023)

Figura 8 - Utensílios do memorial Madre Lucia



Fonte: Arão (2023)

Figura 9 - Quadros de fotos antigas no memorial de Madre Lucia



Fonte: Arão (2023)

Esse momento foi proporcionado pela generosidade e disposição da diretora, irmã Raquel, em compartilhar conosco não apenas os espaços físicos do colégio, mas também elementos importantes de sua história e memória. A visita à sala especial, o memorial dedicado Madre Lúcia, foi um gesto significativo que enriqueceu nossa análise. Essa oportunidade de entrar em contato com objetos pessoais e históricos relacionados à figura importante na história da instituição adicionou uma dimensão emocional e contextual à nossa investigação.

No terceiro momento, acompanhados pelo professor Genesis Farias, dedicamos nosso tempo para identificar, fotografar e escanear as plantas baixas do conjunto arquitetônico (Figuras 18 e 19).

Figura 10 - Identificação da planta baixa



Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 11 - Análise e fotografia da planta baixa



Fonte: acervo do autor (2023)

Aproveitamos a oportunidade para realizar outro percurso pelo espaço externo, o pátio (Figuras 20), buscando assim uma experiência sensorial e visual mais completa. Reconhecemos que a experiência sensorial pode fornecer insights sobre o contexto cultural, social e histórico no qual o espaço ou objeto está inserido, enriquecendo nossa compreensão e análise.

Figura 12 - Caminhamento externo (pátio) Colégio Nossa Senhora das Mercês.



Fonte: acervo do autor (2023)

A partir desse momento, uma parte significativa de dados foi levantada, fornecendo subsídios para a etapa seguinte, que é contextualização com as ferramentas conceituais.

4.2 Os Espaços Internos da Unidade Escolar: Uma Leitura a Partir da Análise Gamma

Para além da leitura física, que se tornou imprescindível para imergir o pesquisador diretamente no objeto de estudo, após o levantamento de uma série de informações, o uso da planta baixa para uma compreensão da distribuição espacial, aliada de fotografias históricas da fachada externa, foram essenciais.

Segundo Hiller e Hanson (1984), a análise espacial por meio do método gama possibilita estabelecer uma base concreta para discutir a representação, quantificação, visualização e interpretação da distribuição espacial das estruturas arquitetônicas. Através dos nós¹² (nodos) distributivos ou não distributivos, é possível perceber como esses espaços (células) se conectam, permitindo assim a visualização das relações assimétricas ou simétricas que ocorrem nos espaços arquitetônicos.

De acordo com Hiller e Hanson (1984) e Zarankin (2022), os espaços não distributivos são caracterizados pela circulação através de uma única via, resultando em apenas uma entrada e saída. Isso implica em valores de conexões baixas, evidenciando uma hierarquização ou assimetria de poder. Por outro lado, nos espaços distributivos, a circulação de entrada e saída pode ocorrer por mais de uma via, resultando em valores de conexões mais altos. Isso caracteriza um controle simétrico ou uma distribuição homogênea (democrática) ver Figuras (21 e 22).

Figura 13 -
Espaços



Fonte: Zarankin
(2021)

Figura
14 - Espaços

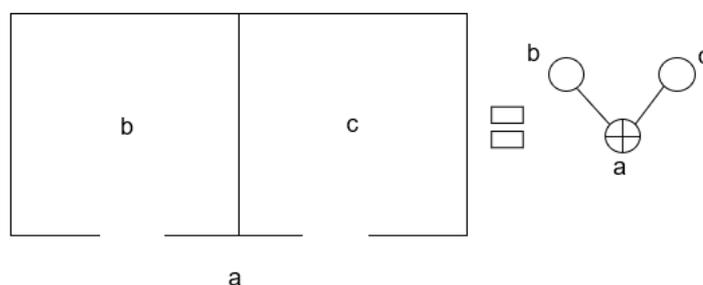


Fonte: Zarankin
(2021)

¹² São os espaços físicos, ou cômodos de um determinado conjunto arquitetônico

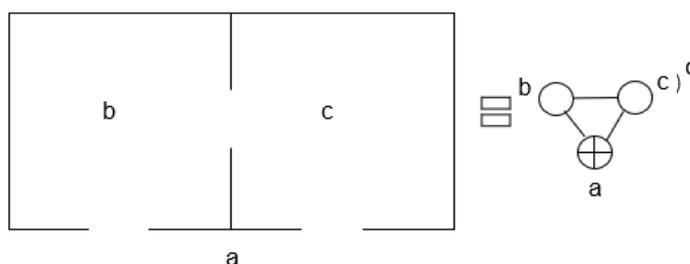
Essas lógicas podem ser quantificadas e demonstradas através da análise e classificação dos espaços (células) (Figuras 23 e 24). Assim como a diferenciação entre assimetria e simetria, surgiu a distinção entre espaços de acesso direto e aqueles que exigem atravessar um ou mais espaços intermediários. Em outras palavras, são espaços com relações apenas indiretas.

Figura 15 - Espaço não-distributivo - relações assimétricas com base no modelo



Fonte: adaptado pelo autor com base em Maia (2021) e Hiller e Hanson (1984)

Figura 16 - Espaço distributivo - relações simétricas com base no modelo



Fonte: adaptado pelo autor com base em Maia (2021) e Hiller e Hanson (1984)

No entanto, a organização e a quantificação desses espaços resultam da aplicação dessa combinação de métodos. Assim, o espaço físico não é apenas um

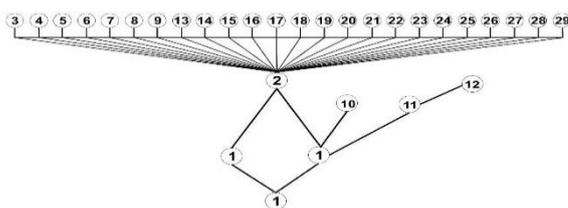
fim em si mesmo, mas sim uma ferramenta que facilita a compreensão da memória e das relações socioeducacionais históricas (Hillier e Hanson, 1984). Essa abordagem pode ser útil em diversos contextos, desde o planejamento urbano até a educação, proporcionando uma visão mais profunda das interações entre pessoas e lugares ao longo do tempo.

Segundo Hiller e Hanson (1984), essas relações podem ser quantificadas à medida que a circulação pelo espaço se aprofunda, destacando a conectividade dos nós (nodos). A assimetria reflete uma hierarquização e controle do espaço, enquanto as relações simétricas são caracterizadas por uma circulação mais uniforme, indicando espaços mais democráticos que oferecem múltiplas entradas ou saídas.

Refazendo: Diante disso, utilizamos o modelo "Gamma" (Figura 25) na planta baixa (Figura 26) do prédio atual como uma ferramenta para entender a interconexão entre esses espaços. No entanto, é importante destacar que essa planta baixa em análise é uma adaptação de 2010, o que significa que pode ter havido alterações nos acessos e controles ao longo do tempo.

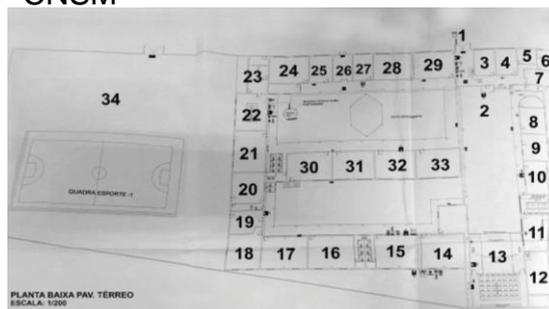
Essa análise nos permitiu identificar as relações sociais e educacionais que ocorrem no contexto escolar, bem como a função e organização espacial, que serão explicitadas nos capítulos posteriores.

Figura 18 - Análise Gamma sob a planta baixa do



Fonte: elaborado pelo autor

Figura 17 - Planta baixa do CNSM



Fonte: acervo do CNSM

Além da planta baixa, buscamos fotografias históricas que demonstram como a fachada foi sofrendo modificações ao longo do tempo, agregando elementos que refletem sua evolução arquitetônica ao longo do espaço-tempo (Figura 27). A evolução arquitetônica se refere às mudanças e desenvolvimentos que ocorrem na

arquitetura ao longo do tempo. Isso pode incluir alterações nos estilos arquitetônicos, técnicas de construção, materiais utilizados, funções dos edifícios e até mesmo influências culturais e sociais que moldam a forma como os espaços são projetados e utilizados (Santos, 2015).

Figura 19 - Prancha 1-Fachadas do CNSM



1 – Fachada da década de 1970 – Janelas grandes em cobogós, pintura em cores claras; 2 – Fachada da década de 1990 – Janelas grandes em cobogós, pintura em cores claras, letreiro e brasão na porta de entrada. 3 – Fachada da década de 2000 – Janelas grandes em cobogós, pintura em cores claras, nota-se um letreiro e um brasão na porta de entrada; 4 – Fachada a partir da reforma de 2010 – Janelas receberam vidros e grades de ferro, as cores ganharam tons escuros, porém o brasão em referencia a ordem mercedária continua na porta de entrada.

Fonte: Acervo do CNSM (2023), com
adaptação do autor

Conforme ilustrado na Figura 16 acima, alguns atributos arquitetônicos passaram por modificações ao longo dos anos. No entanto, a estrutura física das paredes manteve sua originalidade. O que se torna evidente são os aspectos que se adaptam aos contextos bioclimáticos. Por exemplo, a partir da década de 2000, foi inserida uma marquise para proteger a entrada principal da incidência direta do sol e da chuva. Na reforma de 2010, houve a substituição de cobogós e esquadrias em madeira por janelas de vidro, as quais frequentemente permanecem fechadas para o uso do ar-condicionado. Além disso, foram instalados toldos para proteger as janelas

da irradiação solar, informações que foram reforçadas a partir do levantamento histórico social durante as entrevistas com os colaboradores.

4.3 Contexto Histórico-Social/Educacional

A condução da história oral geralmente se dá por meio de entrevistas com pessoas que viveram o período ou evento em análise. É crucial adaptar essas entrevistas conforme as necessidades e contextos dos participantes, visando promover uma compreensão abrangente e uma participação significativa. Isso deve ser feito sem comprometer a essência e o rigor científico, fundamentais para alcançar os objetivos propostos no estudo. O quadro a seguir elenca a contribuição de cada colaborador dessa pesquisa:

Tabela 01-Perfil dos colaboradores da pesquisa

Nome	Idade	Profissão	Residência	Colaboração
Solange Oliveira de Negreiros	59 anos	Diretora Administrativa do colégio CAA	São Raimundo Nonato-PI	Compartilhou informações sobre a história e a formação do colégio
Jaqueline Santana Ribeiro	60 anos	Diretora pedagógica	São Raimundo Nonato-PI	Colaborou com informações sobre as modificações da arquitetura do colégio
José Herculano de Negreiros	79 anos	Padre	São Raimundo Nonato	Relatou sobre o contexto histórico da cidade, destacando a influência da ordem Mercedária na região
Raquel de Novaes Borges	79 anos	Diretora Administrativa do colégio Nossa Senhora das Mercês	São Raimundo Nonato-PI	Contou sobre a história do colégio Madre Lúcia e sua importância para a região
Maria Niva Lima da Silva	76 anos	Diretora da escola Municipal	Pilão Arcado Novo-BA	Compartilhou suas experiências e memórias da

		de Pilão Arcado Novo-BA		época em que estudou no colégio Dom Inocêncio
Filadélfio Hoara Negreiros Mendes	40 anos	Estoquista	São Raimundo Nonato-PI	Compartilhou memórias sobre a arquitetura do colégio Nossa Senhora das Mercês
Crisvaneth de Castro Aquino	40 anos	Arqueóloga	São Raimundo Nonato-PI	Compartilhou suas experiências nos anos de 1990 quando estudo na instituição
Lucas Ribeiro dos Santos Assis	28 anos	Arqueólogo	São Raimundo Nonato-PI	Compartilhou aspectos da arquitetura do colégio nos anos 2000

Para conduzir o levantamento histórico social e educacional do CNSM, optamos por um recorte temporal abrangendo o período de 1960 a 2007. Durante este processo, realizamos oito entrevistas com funcionários, ex-alunos e um Padre, utilizando um questionário semiestruturado¹³. A acessibilidade ao questionário foi facilitada por meio de diversas fontes, incluindo gravações em áudio, depoimento escrito, e-mail e plataformas como o Google Meet. Ressaltando que essa foi uma forma de conseguir dialogar com os colaboradores, pois cada um tem suas funções e deslocamentos de território.

O Propósito do levantamento histórico social e educacional do CNSM foi documentar e compreender a evolução e as experiências do colégio ao longo do período selecionado, percebendo como elas auxiliam os demais dados obtidos através da leitura da planta baixa, fachada arquitetônica e leitura física corporal pelo ambiente. Essas informações podem ser utilizadas para preservar a memória do colégio, compreender suas transformações ao longo das décadas e contribuir para pesquisas sobre educação e sociedade.

No tocante, iniciamos nossas entrevistas com o padre José Herculano de Negreiros, que é natural de São Raimundo Nonato, ingressou na Ordem Mercedária

¹³ Encontra-se nos apêndices

ainda na década de 1960, foi estudar na Espanha, retorna e acompanha o desenvolvimento da educação e do município.

A sua participação foi importante nesse momento para conseguirmos compreender o processo de implantação arquitetônica e ideológica do Colégio Nossa Senhora das Mercês, durante a entrevista ele destacou, Negreiros, (2023):

Havia ali mesmo no bairro Aldeia, próximo do Ginásio Dom Inocêncio um grandioso ponto ocupado por grandes barracões e imensa área de terra que tinha servido para abrigar os candangos do DNOS que construíram o açude da Aldeia em 1912 [...] na década de 1950, estando a referida área ocupada pela família do Sr. Antônio Bitoso Silva, que alegava ser seu proprietário, o mesmo, então Prefeito da cidade, indenizou a mesma área e a repassou para se tornar o convento das Irmãs da Congregação.[...] Toda a área do entorno, tida como área pública, foi então cedida para a implantação do complexo escolar de 1º Grau Completo¹⁴, até aquele momento funcionando na praça da Matriz.[...] O Colégio Nossa Senhora das Mercês funcionava o ensino de Primeiro Grau e Madre Lúcia de Segundo Grau¹⁵. (NEGREIROS, 2023. Em entrevista concedida no prelo.).

Uma entrevista como essa é importante por várias razões: Fonte de Informação Histórica; Contextualização Socioeconômica; Registro de Memória; Evidência de Decisões Políticas e Administrativas. Essa entrevista enriqueceu nosso entendimento da história local, fornecendo percepções sobre a transformação do espaço físico, as dinâmicas sociais e as influências políticas que ‘acenderam” o desenvolvimento educacional da comunidade.

A segunda entrevista foi conduzida com a Irmã Raquel de Novaes Borges, de 79 anos, nascida no estado da Bahia. Ela se juntou à Ordem Mercedária na década de 1970 e desde então tem residido em São Raimundo Nonato, Piauí, onde trabalha no colégio. Além de compartilhar suas experiências verbalmente, ela contribuiu para o estudo fornecendo plantas, esboços e fotografias que ilustraram o extenso processo de estruturação da escola.

Quando perguntada sobre a estruturação da escola ela destaca

O Colégio Nossa Senhora das Mercês continua com este mesmo nome que foi fundado por Madre Lúcia Etchepare em 1937. No mesmo ano em que ela chegou em São Raimundo Nonato. Mais tarde quando foi criada a Escola Normal está por uma necessidade social de formação pedagógica normalistas para lecionar para os novos

¹⁴ "Naquela época, compreendia a 1ª e 4ª série, correspondendo atualmente o Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano."

¹⁵ "Naquela época, compreendia a 5ª a 8ª série, correspondendo atualmente o Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano."

egressos do CNSM. [...] ela recebeu o nome de Escola Normal Madre Lúcia. Até quando foi extinta gradativamente pois foi criada outra do Estado não havendo mais a necessidade anterior (Borges, 2023. Em entrevista concedida no prelo).

Essa entrevista contribui para preservar a memória institucional, compreender o contexto histórico e educacional e registrar as mudanças ocorridas ao longo do tempo, fornecendo um valioso recurso para estudos e pesquisas futuras.

A terceira entrevista foi realizada via e-mail, na qual direcionamos alguns questionamentos para a professora Jaqueline Santana Ribeiro, de 60 anos de idade, atual diretora Pedagógica do CNSM.

Entre esses questionamentos perguntamos sobre a sua entrada na instituição e como ela acompanhou essas modificações estruturais do colégio ao longo dos anos, nos quais ela pontuou.

No ano de 2002, ocorreu uma mudança interna, foi construído o pavilhão da Educação Infantil com 05 salas de aulas, uma sala para os professores, banheiros adaptados e uma área aberta (pátio) foi colocado uma grade no palco para maior segurança das crianças no intervalo. [...] No ano de 2007 a diretora (Irmã Graça) queria algo mais moderno, acompanhando a evolução do tempo e que “chamasse mais atenção”, nisso foi feita uma alteração na fachada externa. [...] Ficou mais bonita, mais atrativa e com uma arquitetura moderna. As salas demais salas de aula mudou o teto e forrou, mas as paredes e o piso (cimento queimado) continuam os mesmos. (Ribeiro, 2023. Entrevista concedida no prelo).

Essa entrevista oferece uma visão abrangente das mudanças estruturais e arquitetônicas na escola, bem como dos objetivos e visão da gestão escolar, além de preservar a memória institucional e destacar o impacto dessas mudanças na experiência dos alunos.

Diante disso, as demais entrevistas foram direcionadas para ex-aluno(a)s que foram atendidos pela instituição ao longo dos anos

A quarta entrevista foi realizada com Dona Maria Niva de Lima, 76 anos, nasceu em Pilão Arcado-BA. Em 1959, mudou-se para São Raimundo Nonato para estudar. Naquela época, o CNSM estava localizado em um prédio próximo à igreja matriz, no centro da cidade. Nessa fase, o colégio operava como um internato de freiras, onde ela residia e estudava no Colégio Dom Inocência.

Segundo Lima (2023)

Quando eu cheguei logo primeiro era lá naquele colégio que eu lhe disse, de frente da Igreja Matriz. Aí depois estava na construção daquele prédio. Eu acho que logo no ano seguinte aquele prédio terminou. O internato passou para lá e cá embaixo, naquele de frente, a Igreja Matriz ficou só o colégio de sala de aula. Sim. [...] A parte das internas mudou todo para aquele grande que foi construído lá na aldeia (Lima, 2023. Em entrevista concedida no prelo).

As informações fornecidas por Dona Maria Niva ajudam a entender o contexto socioeducacional da época, incluindo o funcionamento do internato e as mudanças na organização e distribuição dos espaços escolares.

Nisso, ela complementa:

Eu lembro das meninas chegando todas fardadinhas, entrando na fila. No caso era só meninas, do ensino fundamental, primeira à quarta série, como era um internato de freiras era só meninas. [...] as alunas eram mais de São Raimundo Nonato, porque para deixar suas filhas distante de casa não era todos os pais que concordavam. [...] e eram famílias da "sociedade" como se falavam. (Lima, 2023 op.cit).

A quinta entrevista foi direcionada para a professora Solange Oliveira de Negreiros, de 59 anos, que atualmente ocupa o cargo de Diretora Administrativa no Colégio CAA (Centro de Aprendizagem Avançada).

Considerando que o Colégio Nossa Senhora das Mercês oferecia o ensino de primeiro grau pela manhã e o ensino de segundo grau à tarde, sob a denominação de Escola Normal Madre Lúcia, é importante destacar que a missão dessa instituição era "educar para a vida e a liberdade". Seu foco era preparar as mulheres para o serviço educacional, inclusive para atender à demanda do CNSM.

A Professora Solange foi uma das normalistas atendida pela instituição que já funcionava nas dependências físicas que se encontra até os dias atuais, mas que várias funções e funcionalidades (Educativo, religioso e cultural) foram modificadas ao longo do tempo. Portanto direcionamos nossos questionamentos para compreender como ela se sentia em relação as características físicas do colégio, que carregava em si, uma arquitetura de influência religiosa, bem como era a organização social dentro do colégio.

Segundo Negreiros (2023)

Era muito formal pelo o próprio traje das irmãs, das freiras. Era muito formal. Eram todas cobertas. [...] Então tudo era muito cronometrado. Você não podia chegar atrasado. Era assim, qualquer coisa era motivo de você ser repreendida. [...] Você não tinha essa intimidade com o professor, o professor era o professor. Tudo tem que ser respeitado.

Sem intimidades, claro que eles não eram grosseiros, não eram assim, não maltratava não, mas não existia essa, não tinha que ter essa relação (Negreiros, 2023. Em entrevista concedida em 2023).

Essa entrevista enriqueceu nossa compreensão da história e cultura do CNSM, ao mesmo tempo em que ofereceu uma visão sobre a experiência dos alunos e as práticas educacionais do passado.

Além disso, a entrevistada compartilhou mais lembranças e experiências vividas nesse ambiente, contribuindo ainda mais para o nosso entendimento da vida escolar na instituição.

Elas mantinham tudo em fila de em fila, porque essa história chegava, ia pra fila, ao sair era fila. Aí tinha um pátio decorando, onde se reunia uma turma em filas. Então a primeira série, a segunda série, a terceira série, a quarta série, todos nas filas. E ali em cima, no palco, estava a diretora. Ia cantar o hino nacional. Cada professora ficava atrás da sua turma. Aí a gente do sentido cantar o hino, rezava, rezava Pai Nosso. Ave maria fazendo toda essa parte da oração, das rezas, depois o hino, tudo. [...] Mas aí depois cada professora recebia em fila indiana para entrar nas salas. As salas não poderiam sair, as carteiras uma atrás da outra, as fileiras. [...] Para o recreio, saía em fila, voltava do recreio, fazia fila, tinha liberdade, ia merendar tudo, mas cada um levava o seu (NEGREIROS, 2023. op.cit).

Ao contrastar as práticas descritas na entrevista com o ambiente escolar contemporâneo, é possível refletir sobre as mudanças e continuidades na educação ao longo do tempo, bem como entender a influência da cultura escolar na formação dos alunos, ao mesmo tempo em que preserva a memória institucional e contribui para uma compreensão mais ampla da vida escolar na época em que a entrevistada estudou, nos levando a compreender a funcionalidade e a estrutura arquitetônica a partir da disposição das pessoas no espaço.

Enquanto na estrutura, a fachada e as cores ela recorda “Me recordo, era um ambiente religioso, víamos muitas cruzes. Era uma escola da Igreja Católica das Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil. A escola tinha uma fachada cinza, não tinha colorido” (NEGREIROS, 2023. op.cit).

A sexta entrevista foi realizada com Filadélfio Hoara Negreiros Mendes de 40 anos de idade, trabalha como estoquista no Armazém Paraíba em São Raimundo Nonato.

Nosso foco nas perguntas foi direcionado para a parte arquitetônica e a metodologia educacional, e ele destacou: “A arquitetura do colégio transmite a

sensação de um monastério, com capelas espalhadas pela escola. A estrutura arquitetônica possui um formato religioso." (Mendes, 2023, no prelo), essa percepção do entrevistado nos direciona para a busca de entender como é a relação entre os educandos e educadores o colaborador pontuou

Na entrada na escola antes das aulas tinham os momentos de oração, e cantos. Uma única professora para todas as disciplinas do ensino fundamental I. Na parte da tarde, a partir da 5^o série para cada disciplina tinha um professor respectivo. O fardamento era exigido de forma rígida (Mendes, 2023, op.cit)

Em síntese, entrevistas como essa são preciosas para uma compreensão mais profunda da cultura escolar da época, abrangendo tradições religiosas, métodos de ensino e disciplina. Ao descrever o rigor do fardamento e outras normas disciplinares, essas entrevistas evidenciam como esses aspectos podem ter influenciado a experiência e formação dos alunos na escola.

A sétima entrevista foi direcionada para a ex-aluna Chrisvanethe de Castro Aquino de 40 anos de idade, arqueóloga mestre formada pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Foi uma entrevista direcionada via e-mail, na qual a colaboradora relatou suas vivências no CNSM.

Iniciei em 1990 na primeira série do ensino fundamental, equivalente ao segundo ano do ensino fundamental nos dias de hoje. Fiz todo o ensino Fundamental- saindo do Colégio Nossa Senhora das Mercês, no ano de 1997, pois nessa época não era ofertado a modalidade de Ensino Médio. [...] Mamãe por ser professora da rede estadual de ensino na cidade de São Nonato, conhecendo a realidade do ensino público nesse período quando havia muitas aulas vagas, muita liberdade dos alunos para entrarem e saírem dos colégios a hora que quisessem, faltava controle da frequência de alunos e professores por isso sentiu a necessidade de buscar uma escola que cumprisse com a carga horária e se comprometesse com a qualidade do conteúdo de ensino (Aquino, 2023, no prelo).

Conforme evidenciado ao longo desta narrativa, a educação em São Raimundo Nonato, PI, era um tema complexo, especialmente para aqueles que buscavam maior qualidade. Apesar dos avanços na rede pública de ensino, as instituições particulares continuaram e continuam sendo percebidas no imaginário coletivo como as mais eficazes para a emancipação do "capital cultural".

Durante a década de 1990, já havia algumas escolas públicas nas proximidades do CNSM, localizadas no bairro Aldeia, tais como a Escola Normal Gercilio de Castro Macêdo, a Unidade Escolar Ginásio Moderno e a Unidade Escolar Edith Nobre de Castro. Essa concentração de instituições educacionais faz do bairro um complexo escolar.

Quando questionada sobre as mudanças arquitetônicas incluindo a fachada do prédio ela pontua:

A mudança de fachada ocorreu depois que já tinha me formado no Ensino Médio e já trabalhava como funcionária pública numa escola pública vizinha ao Colégio e, até hoje quando passo em frente ao Colégio não o reconheço, não consigo associá-lo ao espaço em que estudei por tanto tempo. A modernidade das portas e janelas trouxeram uma sofisticação ao monumento, contudo, apagaram as formas físicas da fachada, que integra as minhas memórias construídas durante a infância e início da adolescência (Aquino, 2023. Op.cit).

Essa reflexão ilustra como as mudanças arquitetônicas podem ter um impacto significativo na identidade e no sentido de pertencimento dos ex-alunos, destacando a importância de preservar elementos físicos que são carregados de significado emocional e histórico para a comunidade escolar.

No entanto, ela também acrescenta que compreende a necessidade de que os prédios e as mudanças sejam feitos para acompanhar o desenvolvimento social e educacional.

O colégio passou por mudanças não apenas físicas, mas principalmente no método de ensino, adotando novas metodologias, tecnologias e plataformas de aprendizagem. Isso representa uma quebra com os antigos moldes, pois atualmente disputa mercado com outras escolas particulares na cidade e se compromete a preparar seus alunos para o ambiente educacional competitivo. Por isso, também reconheço a importância de ter uma fachada que atraia o público moderno, pois crianças e adolescentes apreciam mudanças e gostam de estudar em um ambiente com uma aparência atualizada (Aquino, 2023. Op.cit)

A entrevistada entende que, embora as mudanças possam significar uma quebra com tradições passadas, são essenciais para garantir a qualidade e competitividade da escola no mercado atual.

A oitava entrevista foi conduzida com o ex-aluno Lucas Ribeiro dos Santos Assis de 28 anos de idade, arqueólogo mestre pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Foi uma entrevista direcionada via depoimento presencial onde tomamos anotações, na qual o colaborador relatou suas experiências no CNSM, Lucas encerra nosso ciclo de entrevista, por ser um dos alunos que estudou nos anos 2000 na instituição, ele tem memórias mais recentes e foi pontuando ao logo da nossa conversa

Eu nasci em noventa e cinco, eu comecei a estudar lá por volta de dois mil e um. É, então de dois mil e um até dois mil e sete dois mil e oito, mais ou menos, lá era um sistema militarizado, então tipo assim, os maiores sentam atrás, os menores sentam na frente dentro da sala de aula [...] e o sistema de ensino era aquele rígido, né? De acordo com o livro não poderia contestar o livro, né? O autor do livro que o livro falava a gente não podia contestar (Assis, 2023. Op.cit).

Um ensino militarizado se refere a um sistema educacional que adota características semelhantes às encontradas em ambientes militares. Isso pode incluir uma estrutura hierárquica rígida, com uma clara distinção entre autoridade e subordinação, bem como regras e regulamentos disciplinares rigorosos. No contexto escolar, isso pode se manifestar na imposição de uniformes, marchas, salas de aula organizadas de acordo com a hierarquia dos alunos e uma ênfase na obediência e disciplina. Essa abordagem educacional geralmente visa promover a disciplina, responsabilidade e respeito pela autoridade, além de preparar os alunos para assumirem papéis mais estruturados na sociedade.

Nessa perspectiva, ao longo de décadas, a escola desempenhou um papel fundamental na formação da elite intelectual e econômica de São Raimundo Nonato. Seu corpo discente era composto por filhos de médicos, engenheiros, advogados e outros profissionais de destaque na comunidade.

De acordo com Assis (2023), os modos de tratamento eram estabelecidos de acordo com a posição social e as normas familiares de cada aluno “por mais que o filho do médico sentasse também no fundo da sala, lidava de maneira diferente porque fulano é filho de médico e você é filho de cabeleireiro (Assis,2023. Op.cit).

Segundo Assis (2023), a mudança na direção da escola em 2007 resultou em uma transformação no sistema de ensino. No entanto, uma das memórias mais

marcantes para ele foi a alteração na fachada da escola para integrar ao sistema de ensino COC.¹⁶

5 A ARQUITETURA DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS MERCÊS: “As Paredes que Domesticam” a Alma e o Corpo.

Quando se cogita sobre as escolas ou educação sempre é recorrente o pensamento em sua arquitetura, ou seja, seus corredores, as salas que estudávamos e suas distribuições espaciais, as muitas amizades que se formaram e algumas que continuam com o tempo e, nessa leva de pensamentos, podemos mencionar canções ou filmes que abordam sobre o tema. Entre as canções, podemos falar um pouco sobre a música “Geração Coca-Cola”, que em dois momentos elenca a programação da sociedade por meio de uma educação.

Quando nascemos fomos programados /A receber o que vocês/ Nos empurraram com os enlatados Dos USA nove às seis/ Desde pequenos, nós comemos lixo Comercial e industrial/Mas agora chegou a nossa vez/ Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês. Depois de vinte anos na escola /Não é difícil aprender /Todas as manhãs do seu jogo sujo /Não é assim que deve ser (Renato Russo).

Nessa passagem, o compositor Renato Russo fala sobre os muitos anos de escola, 20 anos no mínimo para construir, por meio das “paredes que domesticam” pessoas para a competir e buscar seu espaço ao sol. Entre filmes, trago o exemplo do “O Clube do Imperador¹⁷”. O filme conta a história de William Hundert, um professor de latim e história em uma escola preparatória de elite para meninos. Hundert é um homem dedicado à sua profissão e acredita que a educação é a chave para o sucesso. Ele ensina seus alunos sobre os valores da honra, da tradição e da excelência. Apesar de sua grande dedicação ele não consegue sucesso. Sedgewick Bell, filho de um senador poderoso, é um aluno brilhante, mas também arrogante e desrespeitoso. O personagem se comporta de forma vil

¹⁶ Uma plataforma de educação que personaliza o ensino e a aprendizagem de acordo com o perfil de cada escola, engajando, com eficiência, estudantes e professores rumo à concretização de grandes resultados. Oferecendo aos estudantes, a construção do conhecimento de forma inteligente e inovadora com as nossas ferramentas digitais, videoaulas, jogos, entre outros. Disponível em: <<https://coc.com.br/>>. Acesso em 23 de maio de 2024, às 17:00h.

¹⁷ O Clube do Imperador é um filme de drama americano de 2002 dirigido por Michael Hoffman e estrelado por Kevin Kline, Emile Hirsch, Embeth Davidtz e Edward Herrmann. O filme é baseado no romance de 1998 The Emperor's Club, de Ethan Canin.

em uma disputa de questões da Roma Antiga, trapaceando. Ele desafia as regras da escola e as crenças do professor Hundert.

Os exemplos da canção “Geração Coca-cola” e do filme “O Clube do Imperador” apresentam diferentes contextos sociais associados aos ambientes escolares. Na canção, aponta-se os conteúdos massivos da propaganda comercial disseminados na década de 1980 no Brasil, e o papel da escola como “doutrinadora”. Por outro lado, o filme denota a realidade de professores que lidam com as intempéries do ensino dentro da sala de aula. Isto posto, considera-se os diferentes aspectos e vivências relatadas por alunos e diretoras do CNSM, considerando que este foi responsável por formar diferentes classes sociais do município de São Raimundo Nonato-PI. Sendo assim, o presente capítulo tem como objetivo a apresentação das entrevistas realizadas com alunos, diretoras e administradores do colégio, salientando as suas memórias e as mudanças estruturais e estilísticas presenciadas por eles durante os anos de ensino. O segundo momento foi dedicado a observação da Arquitetura Escolar do CNSM por meio das mudanças das fachadas entre as décadas de 1930 a 2000. Por fim, apresentando as configurações dos espaços internos, considerando suas modificações e permanências de acessos entre a distribuição dos cômodos do prédio.

Assim sendo, as observações das modificações das fachadas e estruturas foram necessárias para entender se estas foram questões influenciadas pela opção do currículo escolar. Pois, como foi possível notar, a CNSM foi se adaptando as mudanças educativas no decorrer das décadas.

5.1 Relatos Orais E O Espaço Escolar Do Colégio Nossa Senhora Das Mercês

A Memória desempenha um papel crucial na História Oral, pois é por meio dela que as pessoas reconstróem suas experiências passadas e as apresentam em forma de narrativas. Dessa maneira, as memórias se tornam ferramentas que moldam fatores como a percepção pessoal, emoções vivenciadas e as influências sociais (Quevedo; Serres,2018). Nessa abordagem, o registro da memória teve como objetivo valorizar as diversidades de perspectivas sobre o ensino do CNSM e permitiu analisar e refletir as

narrativas contadas pelos colaboradores dessa pesquisa, além de revelar, diferentes pontos de vistas, experiências de vida relacionadas com o Colégio Nossa Senhora das Mercês. Logo, trazer essas memórias e histórias para dentro dessa pesquisa, oferece uma perspectiva enriquecedora para a construção do conhecimento histórico, permitindo uma maior diversidade de vozes e experiências no processo de investigação e construção do passado e do presente.

A partir dessa concepção, esse tópico consiste em abordar as narrativas dos diferentes colaboradores dessa pesquisa, entre esses estão pessoas que fizeram e fazem parte da história desse colégio e que contam suas experiências a partir de suas vivências nesse local. Essa relação de afetividade com os espaços que ocupamos pode ser observada nas palavras de Halbwachs (2003) quando o autor diz que a afetividade é importante no processo de rememoração, porque com ela é possível conduzir as emoções e os afetos que podem influenciar na formação e evocação da memória, pois as lembranças mais marcantes e duradouras são aquelas impregnadas de emoções e afetos, seja no âmbito individual ou coletivo. Essas conexões, ficam bastante evidentes ao longo das narrativas trazidas por essa pesquisa, onde as pessoas por meio de suas experiências com o meio, expressam os significados e a importância do CNSM na formação educacional da cidade de São Raimundo Nonato.

Nesse sentido, me direcionei para as “memórias escolares” dos colaboradores desse estudo. Focando principalmente em observar as feições arquitetônicas do colégio, bem como enfatizar e apresentar as memórias de educadores e estudantes dessa época. Meu recorte temporal esteve voltado para abordar questões que englobam os anos de 1960 a 2007. De acordo com Ruskin (1996) os edifícios antigos são como lâmpadas da memória, que nos ajudam a relembrar o passado.

Já na perspectiva de Zarankin (2002) a arquitetura escolar é uma "tecnologia do poder" que desempenha um papel importante na socialização dos indivíduos para a sociedade capitalista. Portanto os espaços escolares são locais de memórias arquitetônicas, onde as memórias coletivas são conceituadas por meio da transformação desses espaços e ao mesmo tempo atribui significados que são atribuídos por meio dessa coletividade. Portanto, conectando o conceito de memória a arquitetura, a memória é um

fio que conduz a complexa estrutura da memória coletiva dos povos. Esse colégio por exemplo é o “*locus*” da memória coletiva, ele liga os fatos e os lugares, a arquitetura, as permanências e a história, pois, na medida em que ela se desenvolve, intencionalmente a ideia de colégio é revérbero das ações dos indivíduos daquela sociedade (Rossi,2008).

Desse modo, não se pode falar sobre narrativas orais, sobre contadores, sem fazer referência ao lugar que fez e faz parte da vida daqueles que teceram histórias a que esta pesquisa se refere. Neste território, boa parte das pessoas que tiveram acesso a este colégio, hoje o enxergam como parte fundadora da educação da cidade de São Raimundo Nonato, pois este local se tornou referência para eles. É, também, nesse ambiente que as histórias e as experiências de vidas ganham espaço. Logo, este lugar pode ser entendido como um palco de encontro entre o passado e o presente, história e memória. Isso fica bastante evidente nas narrativas a seguir, onde cada interlocutor vai falar do colégio de modo diferente, ou seja, de maneira distinta e ao mesmo tempo atribuir um significado e uma experiência diferente relacionada ao mesmo espaço.

A primeira conversa, foi com dona Solange Oliveira (Figura 28) e aconteceu de maneira online pelo aplicativo denominado de Google Meet no dia 23 de março de 2023, devido a disponibilidade de tempo da mesma. Em conversa com ela, dona Solange relatou sobre suas experiências com o local, destacando as vestimentas, e as exigências a serem cumpridas de acordo com as normas deste colégio, além de ressaltar como que era organizada o processo de educar e ensinar os alunos dessa instituição. Dona Solange narra:

Não era encarcerada, mesmo porque era tudo muito formal. Era muito formal pelo o próprio traje das irmãs, das freiras. Era muito formal. Eram formais, mas eram todas cobertas. Então tudo era muito cronometrado. Você não podia chegar atrasado. Era assim. Qualquer coisa era motivo de você ser repreendida (Solange Oliveira de Negreiros, 59 anos).

Figura 28 - Solange Negreiros.



Fonte: Acervo do autor (2018).

No decorrer desse encontro, dona Solange referiu-se a uma escola denominada de Madre Lúcia que funcionava em turno vespertino no dado local. Essa classe, era destinada a formação das chamadas normalistas, que consistiam em mulheres que cursavam o Curso Normal, também conhecido como Magistério de 1º grau ou pedagógico, ou seja, era um tipo de habilitação para o magistério nas séries iniciais do ensino fundamental. Logo, elas cursavam a escola normal, e a escola as formavam para serem professoras nas escolas

normais de todo o país, voltada especificadamente para o ensino infantil. Na imagem abaixo, a primeira turma de mulheres normalistas formadas nessa instituição (Figura 29):

Figura 29 - Primeira turma de mulheres da escola normal Madre Lucia.



Fonte: Acervo do colégio Nossa Senhora das Mercês (1960).

A figura acima, está representada a primeira turma de mulheres na Escola Normal Madre Lúcia, onde foi possível a entrada da mulher em um curso de segundo grau, na cidade de São Raimundo Nonato. Essa formação, possibilitou que as mulheres tivessem um estudo educacional de qualidade, dando a elas, a oportunidade de participação na construção de uma sociedade organizada com a inserção da mulher no meio educacional. Criando assim uma grande importância na contribuição para o papel da mulher na História (Silva, 2021, p. 28).

Com relação ao espaço físico e a relação dos docentes com os discentes, dona Solange argumentou que os alunos não tinham muito intimidade com o professor como nos dias atuais, pois era uma relação mais profissional, onde o professor era a autoridade superior na sala de aula e tinha que ser respeitado, não que existissem discórdias ou coisas nesse sentido, essa era uma forma que o educador encontrou de transmitir aos seus educandos os princípios fundamentais que deviam ser repassados e respeitados nesse

ambiente e que o objetivo principal estava voltado para torna-los cidadãos de bem. Para entrar na sala de aula, era necessário todo um roteiro já programado e exigido pela escola, neste caso, organizava-se filas com todas as séries cursadas naquela instituição. Por ser um local influenciado pelo catolicismo, era necessário que os estudantes aprendessem as orações para poder rezar antes de entrar na sala. Nesse colégio, além de ensinar as disciplinas exigidas pela grade curricular, o ato de aprender a rezar era necessário, já que o colégio era praticamente coordenado e organizado pelas autoridades eclesiásticas dessa época. Isso fica bastante evidente nas palavras dela:

A gente estudava no primário. Você não tinha essa intimidade com o professor, e o professor era o professor. Tudo tem que ser respeitado. Sem intimidades não existiam, claro que eles não eram grosseiros, não eram assim, não maltratava não, mas não existia essa, não tinha que ter essa relação. Professor era professor, e aluno era aluno. Quando a gente era pequeno, os pequenos, as professoras do infantil da primeira série, eles abraçavam, e tinha algumas, mas as freiras não. Geralmente isso acontecia quando era alguma professora que não era da ordem. Elas mantinham tudo em fila de em fila, porque essa história chegava, ia pra fila, saía. Aí tinha um pátio decorando, onde se reunia uma por turma e filas. Então a primeira série, a segunda série, a terceira série, a quarta série, todos nas filas. E ali você em cima, no palco, estava a diretora. Ia cantar o hino nacional. Cada professora ficava atrás da sua turma. Aí a gente do sentido cantar o hino, rezava, rezava Pai Nosso. Ave Maria fazendo toda essa parte da oração, das rezas, depois o hino, tudo. Mas aí depois cada professora recebia em fila indiana. Para entrar nas salas. As salas não poderiam sair, as carteiras uma atrás da outra, as fileiras. Só o pedagógico já era um pouco diferente. Já os jovens eram só mulheres, mas mesmo assim eram fila. Em seguida, como hoje é diferente, hoje tá tudo diferente, mas na minha época era dessa forma. (Solange Oliveira de Negreiros, 59 anos).

Nos relatos de dona Solange Oliveira, esse ambiente religioso era repleto de objetos religiosos usados no catolicismo, entre essa materialidade estava imagens de santos, cruzeiros e quadros que representava algo religioso. Ainda de acordo com ela, esse espaço era enriquecido por uma identidade cristã, ou seja, possuía espiritualidade da própria congregação, o que os faziam singulares frente a outras propostas educativas que existiam nessa época. Logo no início da construção desse espaço, a fachada era diferente da dos dias atuais, pois há cerca de cinquenta anos atrás a frente da instituição (Figura 30) era pintada de cinza e hoje se faz a pintura colorida e com símbolos coloridos. Nessa descrição,

constatam-se outras formas de representar esse espaço, entrelaçando as memórias da escola às memórias da religião:

Me recordo, era um ambiente religioso, víamos muitas cruzes. Era uma escola da Igreja Católica das Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil. A escola tinha uma fachada cinza, não tinha colorido. (Solange Oliveira de Negreiros, 59 anos).

Figura 30 - Vista frontal do Colégio Nossa Senhora das Mercês (1970).



Fonte: Acervo do colégio Nossa Senhora das Mercês (2004).

Para entender melhor esse espaço, entrevistei a senhora Jaqueline Santana Ribeiro que é diretora da escola. Essa entrevista aconteceu por meio de formulário eletrônico onde o participante recebe um pequeno roteiro que pode ajudá-la a contextualizar melhor suas informações. Dona Jaqueline, começou relatando sua trajetória no Colégio Nossa Senhora das Mercês, destacando principalmente o ano de sua entrada como diretora pedagógica que ocorreu em 2002, e em seguida começou a descrever os aspectos arquitetônicos que compõem este colégio, destacou também que nesse mesmo ano a escola passou por uma reforma e que mudou boa parte da edificação mais antiga. Dona Jaqueline diz:

No ano de 2002. Ocorreu uma mudança interna na área administrativa e na fachada. As janelas eram janelões de madeira e foram trocadas por janelas de vidro, a entrada era feita com duas colunas e uma pequena cobertura, que foi derrubada e a porta de também é de vidro com ferro. Foi construído o pavilhão da Educação Infantil com 05 salas, banheiros apropriados e uma área aberta. Sobre esse pavilhão, construídas duas salas, uma sala de professor e banheiro. Foi colocado uma grade no palco, para maior segurança das crianças, no intervalo deles. Foi envernizada a madeira do pátio e trocado o piso. (Jaqueline Santana Ribeiro, 60 anos).

Figura 31 - Diretora Jaqueline Santana



Fonte: Acervo do autor (2023).

Nas palavras de dona Jaqueline, essa mudança na arquitetura e nas cores do colégio foi bem significativa, pois as irmãs mercedárias buscavam uma maneira de deixar o colégio mais moderno e com isso seria uma maneira de chamar mais atenção até mesmo da população local com intuito de trazer mais alunos para essa instituição. Destacou também que essas reformas são constantes dentro desse ambiente:

No ano de 2007. Na época, a diretora (Irmã Graças) queria algo mais moderno, acompanhando a evolução do tempo e que “chamasse mais atenção”. Ficou mais bonita, mais atrativa e com uma arquitetura moderna. As salas de aula. Mudou o teto e forrou, mas as paredes e o piso (cimento queimado) continuam os mesmos, salvo algumas exceções. (Jaqueline Santana Ribeiro, 60 anos).

Outro colaborador desse estudo foi o senhor Pe. José Herculano de Negreiros (Figura 32), ex-prefeito da cidade de São Raimundo Nonato e também sacerdote vinculado a ordem mercedária do Brasil. O senhor Pe. Herculano mora no santuário das Mercês que fica situado no bairro Aldeia desse município ao lado da Igreja Nossa Senhora das Mercês. Essa entrevista também aconteceu por meio do preenchimento de formulário online. Na narrativa de Pe Herculano, ele ressalta que nasceu nesta cidade em 1934 e que ao completar seus 18 anos de idade ingressou na Ordem Mercedária, onde cursou Filosofia e Teologia na Espanha, já em 1971, foi ordenado sacerdote pelo Bispo Cândido e pela Ordem Mercedária.

Na narrativa de Pe Herculano, ele lembrou da vinda dos religiosos para São Raimundo Nonato e ressaltou que o colégio Nossa Senhora das Mercês teve iniciativa pelo senhor Dom Inocêncio Lopéz Santamaria que já desenvolvia em 1937 um trabalho missionário envolvendo a educação nessa cidade. Logo, foi através de Dom Inocêncio Lopez que as irmãs mercedárias chegaram neste território e passaram a exercer as funções educativas na dada instituição. Pe Herculano narra:

A vinda da Madre Lúcia com outras Religiosas para São Raimundo Nonato Teve o seu incentivo dado por Dom Inocêncio López Santamaria, para desenvolverem no nosso meio, através da Educação, o seu trabalho missionário. Tendo chegado, em 1937, a São Raimundo, as mesmas passaram a residir numa pequena e pobre vivenda, situada na “Rua de Baixo”, hoje avenida João Menezes. Logo o Prelado Inocêncio conseguiu alugar para as religiosas um grande casarão, pertencente à família do Sr Manoel Policarpo de Castro, situado na Praça da Matriz e com disponibilidade de vários quartos que permitiam a implantação de salas de aula que permitiam a implantação de salas de aula para a tarefa educativa das Freiras (José Herculano de Negreiros, 79 anos).

A partir daí, Pe Herculano conta que com o crescimento da nova Congregação na cidade, em 1938, com o nome de Irmãs Mercedárias do Brasil, surgiu a necessidade de um novo espaço convencional para abrigar as postulantes, noviças e professoras da

Congregação. Nesse caso, no bairro Aldeia, próximo do Ginásio Dom Inocêncio tinha um grandioso ponto ocupado por grandes barracões e imensa área de terra que servia para abrigar os *candangos*¹⁸ do Departamento Nacional de Obras e Saneamentos (DNOS), que construíram o açude da Aldeia em 1912. Esse açude foi denominado de Açude das Nações e ficou conhecido regionalmente como tanque da Aldeia, com a depilação desse local ocasionada pela estiagem que se prolonga pelo sudeste do Piauí, muitos arqueólogos e pesquisadores locais evidenciaram objetos como pilões em rocha, indicando o fortalecimento do grupo nativo indígena Pimenteira, residente nas memórias das pessoas mais velhas de São Raimundo Nonato (MACEDO,2012). Logo, foi justamente nesse local que foi construído um pequeno abrigo para as irmãs mercedárias e demais pessoas que faziam parte da congregação.

¹⁸ Nome popular atribuído aos operários que residiam em barracas nas adjacências da construção do açude.

Figura 32 - Entrevista com Padre Herculano.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Anos depois, já na década de 1950, o senhor Pe Herculano destaca, que a referida área foi ocupada pela família do Sr. Antônio Bitoso Silva, que alegava ser seu proprietário, o mesmo, então Prefeito da cidade na época, indenizou a mesma área e a repassou para a congregação eclesiástica para se tornar o convento das Irmãs da Congregação. Daí em diante, o colégio mercedário começou a funcionar e a formar pessoas da região, sendo influenciado também pela arquitetura estrutural religiosa:

Toda a área do entorno, tida como área pública, foi então cedida para a implantação do complexo escolar de 1º Grau Completo, até aquele momento funcionando, como dito acima, na Praça da Matriz. Por ser uma escola de linhagem religiosa, os mesmos sempre buscavam intervir na formação arquitetônica, ou seja, estrutural da então Escola Nossa Senhora das Mercês e Madre Lúcia que faziam parte do mesmo espaço educacional.

Como mencionado anteriormente, a Escola Nossa Senhora das Mercês funcionava o ensino de Primeiro Grau e Madre Lúcia de Segundo Grau. (José Herculano de Negreiros, 79 anos).

De acordo com Pe Herculano, essa foi a justificativa para o colégio se tornar uma potência em meio ao sol do Sertão, o Colégio Nossa Senhora das Mercês contou com o apoio religioso e político, para assim se estabelecer como uma ferramenta de ensino. O idealismo das Religiosas seria complementar a Educação local com a formação de uma Escola Pedagógica de 2º Grau. Entra novamente aí o papel do, então, Prefeito Municipal de São Raimundo Nonato, Padre Manoel Lira Parente, (1952-1955) o qual, mantinha naquela área o seu escritório particular, doa parte da mesma para a construção da Escola Normal Madre Lúcia. Com ajuda do Bispo Prelado, Inocêncio López, e mais alguma doação da Adveniat, entidade católica alemã, as Irmãs Mercedárias constroem e equipam todo o prédio, tal como se encontra até hoje.

Pe Herculano ainda afirma em suas narrativas, que “o grande papel que a Escola Normal Madre Lúcia representou no progresso educacional da cidade e região de São Raimundo Nonato”, foi a formação de centenas de jovens das diversas classes sociais, que alcançaram no Colégio Nossa Senhora das Mercês e Escola Normal Madre Lúcia o seu diploma pedagógico que lhes permitiu através dos concursos públicos, locais e regionais sua respectiva comenda dentro do Magistério.

Para entender melhor essas questões de organização do colégio, entrevistei a diretora administrativa da instituição. Essa entrevista foi realizada com a Senhora Raquel Borges (Figura 33 e 34) e aconteceu no próprio colégio, onde a mesma procurou me mostrar alguns acervos pertencentes ao local. Entre esses agrupamentos estavam livros, plantas baixas, fotografias e alguns documentos com a história do colégio. Nesse sentido, a colaboradora começou contando um pouco de sua história e a relação com esse espaço. Dona Raquel é natural de Mutuípe-Ba, e nasceu em 05 de novembro de 1944. Está em São Raimundo Nonato-PI desde a década de 1970, e faz parte da Congregação das Irmãs Mercedárias do Brasil. Possuindo a formação em Pedagogia com Especialização em administração escolar e Orientação Educacional Teológica na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Dona Raquel narra:

Na mesma instituição Madre Lúcia funcionava o então Colégio Nossa Senhora das Mercês onde foi formada as normalistas para lecionar para os novos egressos. Sendo Diretora do Colégio Normal Madre Lúcia, atualmente Irmã Raquel é Diretora Administrativa Colégio Nossa Senhora das Mercês. O Colégio Nossa Senhora das Mercês continua com este mesmo nome que foi fundado por Madre Lúcia Etchepare em 1937. No mesmo ano em que ela chegou em São Rdo. Nonato. Mais tarde quando foi criada a Escola Normal está por uma necessidade social de formação pedagógica e instrução ela recebeu o nome de Escola Normal Madre Lúcia. Até quando foi extinta gradativamente pois foi criada outra do Estado não havendo mais a necessidade anterior (Raquel de Novaes Borges, 79 anos).

Figura 33 - Entrevista com Irmã Raquel.



Fonte: Acervo do autor (2023).

De acordo com as memórias de dona Raquel, o colégio Nossa Senhora das Mercês possuía uma creche que tinha como objetivo atender as famílias carentes da região e que não tinham recursos financeiros para colocar seus filhos em escola particulares. Esse local, foi fundado por Dom Cândido Lorenzo Gonzalez que fazia parte da prelazia de São Raimundo Nonato. Essa prelazia, foi fundada em 18 de julho de 1920 e fazia parte da prelazia de Bom Jesus do Gurguéia através da bula “ECCLESAE UNIVERSAE” do papa Bento XV que incluía a paróquia de São Raimundo Nonato e somente no final de 1960 que a cidade passou a ter sua própria prelazia (Batista,2015).

Atualmente este local, está sob a responsabilidade dos Padres Mercedários da Paróquia Nossa Sra das Mercês aqui em São Raimundo Nonato - PI. Hoje o Colégio Nossa Senhora das Mercês, continua com este mesmo nome, e abarcando desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental séries iniciais de 1º ao 5º ano, e o Ensino Fundamental séries finais do 6º ao 9º ano.

Figura 34 - Dona Raquel mostrando alguns objetos do colégio.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Segundo a Irmã Raquel, embora ambos estejam no Bairro Aldeia, o Colégio Nossa Senhora das Mercês completou 85 anos e a Creche Nossa Senhora das Mercês sob a responsabilidade dos Padres Mercedários já tem 45 anos. Ela relata ainda que existe uma escola do Município aqui em São Raimundo Nonato com o nome de Madre Lúcia, uma homenagem a essa irmã mercedária que lutou muito pela Educação, de modo especial às

crianças, adolescentes e jovens, não só através do acadêmico, mas também pelas artes e o social. Dessa maneira, a foto abaixo faz parte do acervo da Escola Nossa Senhora das Mercês, e a mesma elenca os professores da turma de 1970 da qual a Irmã Raquel fez parte (Figura 35).

Figura 35 - Livro de Professores e homenageados da década de 1970.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Na busca por mais informações sobre o colégio, encontrei dona Maria Niva que fez parte dessa história e que mora em Pilão Arcado Novo-Ba. Dona Niva como gosta de ser chamada, é natural da Bahia, mas estudou no Colégio Dom Inocêncio que também faz parte das instituições fundadas pela Ordem Mercedária de São Raimundo Nonato. Nas conversas com ela, ressaltou que veio para esta cidade para estudar a educação infantil e o ensino fundamental em um dos colégios mercedários, mas que devido a disponibilidade de espaço a mesma ficou alojada em um local reservado para meninas no então internato das irmãs mercedárias. Dona Niva diz:

Eu fui para São Raimundo quando tinha a idade de 12 anos, 1959. Se não me foge à memória de 59 a 62. Naquela época, os pais, com aquela criação

rígida. Racista, né? Não deixava as filhas mulheres, sair assim sozinha para estudar fora e eu terminei meu primário quinto ano Primário. E como o colégio disse, eles tomaram informação aqui na redondeza de Pilão, existia um colégio de freira, um internato que naquela época. Tinha um, também existia. Né? E Pilão não existiam, não existiam, mas se sabia, né? Que nessas cidades grandes existiam os internatos das freiras? Sim, sim. Aí eles tinham a Barra-Bahia, a Barra. Tinha? São Raimundo Nonato e Petrolina. Onde tinha colégio de freira. Eles optaram por São Raimundo por ser mais próximo, né? Era mais próximo, então ele foi lá (Maria Niva Lima da Silva, 76 anos).

Dona Niva (Figura 36) ainda contou, que foi seu tio que a incentivou a vir estudar em São Raimundo Nonato, pois era um local de referência nos estudos da região. Nesse caso, dona Niva relatou que ficou órfã de pai muito jovem e que seu tio assumiu sua criação e a de seus irmãos, e que por sua família possuir uma condição financeira média pois seu tio era prefeito de Pilão Arcado Velho nessa época, decidiu matriculá-la nessa instituição devido suas condições financeiras e também pela proximidade geográfica entre ambas as cidades.

Figura 36 - Entrevista com Dona Maria Niva.



Fonte: Acervo do autor, Pilão Arcado Novo (2023).

Dessa maneira, podemos perceber por meio destas imagens, o Casarão que deu origem ao Colégio Dom Inocência e no relato de Dona Maria Niva, a narrativa que elenca e a mudança do local de moradia das freiras internas da Ordem Mercedária. A imagem

abaixo, explana a fachada da Escola Nossa Senhora das Mercês e o local onde era o dormitório das estudantes internas (Figura 37).

Quando eu cheguei logo primeiro era lá naquele colégio que eu lhe disse primeiro, de frente da Igreja. Matriz na matriz. Aí depois estava na construção daquele prédio. Eu acho que logo no ano seguinte aquele prédio terminou. O internato passou para lá e cá embaixo, naquele de frente, a Igreja Matriz ficou só o colégio de sala de aula. Sim. Ao colégio de aula e ao internato, a parte das internas mudou todo para aquele grande que foi construído lá na aldeia, que já ficava virando assim o Dom Inocência ficava na outra praça aqui de uma Capelinha também (Maria Niva Lima da Silva, 76 anos).

Figura 37 - Escola Nossa Senhora das Mercês (2023).



Fonte: Site Colégio Nossa Senhora das Mercês (2013)¹⁹.

No decorrer dessa conversa com dona Niva, ela memorou as mudanças que ocorreram na Praça da Igreja Matriz no local onde ficavam as meninas que ficavam no internato das Freiras Mercedárias no Bairro Aldeia, o local de referência da foto anterior. O que ficou bastante marcado nas lembranças de Dona Niva era o trajeto que ela tinha que fazer todos os dias para se chegar na escola. Dona Niva lembrou:

¹⁹ Disponível em: <https://cnsmercês.com.br/>. Acesso em 23 de maio de 2024, às 18:00h.

É, foi bem melhor. Foi bem melhor a mudança. A mudança tinha mais espaço. Mais espaço, colégio grande, mais espaço, tinha um muro muito grande que a gente tinha Recreio, né? Podia ficar espaçoso, apesar de todo murado, né. Já os trajetos eram bem demorados. Né? Era naquela época, o carro que meu tio vinha como prefeito, era um jipe, um jipe. Um jipe. Ele só tinha condições de ter um jipe porque tinha uma, né? Ele era Prefeito, né? É o poder aquisitivo, sim, a alta. E ele, que é um Prefeito. Ele vinha, ele pegava um vapor. Ia até Juazeiro de Juazeiro, ele pegava o ônibus ou um avião. Depois, Remanso, já tinha avião, tinha um campo de Posse. Ele vinha de jipe para Remanso, pegava o avião em Remanso e ia para Salvador. Então já é uma pessoa de destaque, né? Assim, e a gente? Tinha aí pra ir pra São Raimundo. A estrada era aquela mesma, aquela mesma só mudou a questão de botar o asfalto. Enfim, asfaltadas. Maria Niva Lima da Silva, 76 anos).

Outro colaborador dessa pesquisa e que fez parte do corpo discente dessa instituição de ensino foi o senhor Filadélfio Hoara Negreiros, 40 anos. Seu ingresso no colégio foi em 1988, permanecendo até 1999. Nesse período o senhor cursou do ensino fundamental à 8ª série. Nas memórias dele, o que mais lhe chamou atenção foi o fardamento da escola que era escolhido pelas irmãs mercedárias e era colocado o símbolo da escola com formas e letras coloridas. Filadélfio entrelaça as memórias da escola às memórias da religião. Com isso, interfere-se que a quantidade de símbolos católicos contribuiu para a construção deste sentimento de “carinho”. Pode-se notar que as atividades pedagógicas, a formação religiosa e este espaço escolar promoveram esta construção. Além disso, as orações era algo exigido pelo colégio, ou seja, antes de entrar na sala era necessário fazer orações, o que se nota ao longo dos anos que a escola Nossa Senhora das Mercês se destacou por ser uma instituição de ensino que preza pela religiosidade, tanto dentro da metodologia de ensino como na sua arquitetura, como se nota a seguir a partir da fala do senhor Filadélfio:

A arquitetura do colégio passa a ideia de um monastério, com as capelas espalhadas na escola. Arquitetura com um formato religioso. Como castigo, escrevia em várias folhas a frase: devo respeitar os professores. Na época que eu estudava, a fachada possuía as janelas antigas, com gradeados estreitos de madeira, tinha uma pequena cobertura, uma calçada grande. A reforma da época, realizava somente uma pintura. Ausência de desenho nas paredes. Fachada simples. Hoje as janelas possuem vidros. (Filadélfio Hoara Negreiros Mendes, 40 anos).

A imagem abaixo é um desenho da antiga fachada do CNSM que perdurou entre os anos de 1970 e 2007, após esse período foram realizadas outras reformas. A fachada um estilo rústico, tradicional, como descrito anteriormente, sem grandes adereços arquitetônicos, mais monástica em vez de moderna. Com as modificações tanto na parte externa e interna pouco ou quase nada ficou preservado da fachada de outrora.

Figura 38 - Entrevista com Filadélfio Hoara.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Outra entrevistada foi a arqueóloga Chrisvanethe de Castro Aquino, 40 anos, que nasceu na cidade de São Raimundo Nonato e que estudou os anos iniciais e finais do ensino fundamental neste colégio. Essa entrevista também aconteceu por meio do preenchimento de um questionário online, onde a mesma narrou suas memórias e vivências no CNSM. De acordo com os relatos de Chrisvanethe, ela começou seus estudos nos anos de 1990 nesta escola, pois de acordo com sua mãe nessa época esta instituição era a

melhor da região, sua mãe já professora da região conhecia a realidade do local e decidiu colocar suas filhas neste colégio para que tivesse uma educação mais avançada. Chrisvaneth ressalta:

Iniciei em 1990 na primeira série do ensino fundamental - na linguagem atual – segundo ano do ensino fundamental. Fiz todo o ensino Fundamental, saindo do Colégio Nossa Senhora das Mercês, no ano de 1997, pois nessa época não era ofertado a modalidade de Ensino Médio (Chrisvanethe de Castro Aquino, 40 anos).

Como se nota, ao longo desta narrativa, a educação era algo bem complexo na cidade de São Raimundo Nonato PI, principalmente para quem desejava ter mais qualidade, apesar dos avanços da rede pública de ensino, o ensino particular ainda perdurou e perdura como uma conotação de eficácia para emancipação do “capital cultural” da região. Na década de 1990 já existiam algumas escolas públicas como a escola Normal Gercílio de Castro Macedo, localizada no bairro Aldeia; o Centro de Ensino Médio de Tempo Integral Moderna, também no bairro Aldeia; a Unidade Escolar Edith Nobre de Castro – localizada neste mesmo bairro, entre outras possibilidades de ensino. Desse modo, Chrisvaneth explica o motivo de ter estudado no Colégio Nossa Senhora das Mercês:

Mamãe por ser professora da rede estadual de ensino na cidade de São Raimundo Nonato e, assim, conhecendo a realidade do ensino público nesse período, quando havia muitas aulas vagas, muita liberdade dos alunos para entrarem e saírem dos colégios a hora que quisessem, faltava controle da frequência de alunos e professores, por isso sentiu a necessidade de buscar uma escola que cumprisse com a carga horária e se comprometesse com a qualidade do conteúdo de ensino (Chrisvanethe de Castro Aquino, 40 anos).

Segundo as memórias de Chrisvanethe, sua mãe sofria muitas críticas de parentes e vizinhos por não ter posses financeiras e colocar as filhas para estudarem em um colégio particular, pois naquela época o único com essa modalidade de ensino para as séries iniciais. Apesar de sofrer críticas, sua mãe buscava o melhor para ela e já que tinha condições financeiras melhores, procurou matriculá-la neste colégio:

Quando entrei no colégio eu já tinha estudado o maternal na creche do Salão Paroquial da Igreja Matriz de São Raimundo Nonato -PI e o pré-primário na escola Nilza Balduino de Castro, ambos públicos. Já estava alfabetizada, contudo, mamãe ainda enfrentou resistência para a matrícula na primeira

série, porque o Colégio dava prioridade a quem iniciasse os estudos no pré-primário, sob a alegação que a criança não alcançaria o nível dos alunos alfabetizados na escola, além de exigir que a criança tivesse completado os 07 anos ou fosse completá-los até o meio do ano, e eu faço aniversário apenas no mês de outubro, já no segundo semestre. (Chrisvanethe de Castro Aquino, 40 anos).

Com relação a arquitetura do local, Chrisvanethe relembra que a fachada foi a parte que mais ocorreu mudanças ao longo do tempo, pois atualmente o colégio está com uma arquitetura “moderna e sofisticada”, já bem diferente da época em que estive em contato com aquele espaço, porque em sua memória perdura as características mais tradicionais e religiosas daquele período, que consistiam em construções maiores e mais grossas, principalmente nas portas e janelas da instituição. Chrisvanethe comenta ainda que essa mudança na fachada marcou sua experiência enquanto aluna, mas provavelmente também afetou seus contemporâneos. E isso remete à memória coletiva do grupo de colegas, com as quais ainda compartilha essas lembranças:

A mudança de fachada ocorreu depois que já tinha me formado no Ensino Médio e já trabalhava como funcionária pública numa escola pública vizinha ao Colégio e, até hoje quando passo em frente ao Colégio não o reconheço, não consigo associá-lo ao espaço em que estudei por tanto tempo. A modernidade das portas e janelas trouxeram uma sofisticação ao monumento, contudo, apagaram as formas físicas da fachada, que integra as minhas memórias construídas durante a infância e início da adolescência (Chrisvanethe de Castro Aquino, 40 anos).

Figura 39 - Entrevista com Chrisvaneth de Castro Aquino



Fonte: Acervo do autor (2023).

Sobre essas intervenções na arquitetura, nossa colaboradora se recorda desse momento, em um tom de nostalgia, pois as memórias escolares são lembranças afetivas. Na narrativa de Chrisvanethe, percebe-se que a antiga estrutura lhe agradava. Durante a entrevista, essa lembrança foi recorrente, principalmente pela existência de uma memória visual que ainda perdura sobre ela ao lembrar de sua infância.

Eu sinto saudade da antiga fachada, porque tenho apreço pelas coisas antigas que traduzem e refletem as memórias de quem diretamente conviveu com os espaços, com os móveis, com os humanos, no que constitui parte de minhas memórias afetivas”. (Chrisvanethe de Castro Aquino, 40 anos).

Com relação aos avanços tecnológicos, nossa colaboradora enaltece a questão dos avanços de novas tecnologias e sendo assim, as escolas têm que modificar não somente suas metodologias de ensino, mas a sua roupagem, a sua embalagem para vender o produto, que neste caso é a educação.

Todavia, o Colégio passou por mudanças não apenas físicas, mas principalmente de ensino, com adoção de novas metodologias de ensino, uso de tecnologia, de plataformas de aprendizagem e isso significa uma quebra com os antigos moldes, quando, hoje, disputa mercado com outras escolas particulares na cidade, e se propõe a preparar os seus alunos para o mercado competitivo de ensino. Por isso, também entendo a necessidade de apresentar uma escola com uma fachada que atraia o público moderno, e as crianças e adolescentes gostam de mudanças, e de estudarem numa escola com fachada moderna (Chrisvanethe de Castro Aquino, 40 anos).

Ademais, podemos concluir que a colaboração de Chrisvanethe para esta pesquisa, foi de grande importância, pois por meio de sua narrativa podemos perceber as modificações da arquitetura e motivos destas intervenções, que não aconteceram nos anos que a mesma estudou, mas é notório que a competitividade não só da esfera pública, mas na esfera particular forçou modernizar não só a fachada, mas algumas partes internas do CNSM.

O próximo entrevistado e que também concluiu o ensino fundamental neste colégio foi o Lucas Ribeiro dos Santos Assis, 28 anos (Figura 40). Esse encontro aconteceu de modo presencial, onde o mesmo por meio de suas memórias foi narrando suas vivências no CNSM entre os anos de 2001 e 2008. Em seu depoimento, Lucas começou falando de sua entrada e experiências nesta instituição de ensino:

Eu nasci em noventa e cinco, e comecei a estudar lá por volta de dois mil e um. Dois mil e um. É, então de dois mil e um até salvo me engano dois mil e oito, mais ou menos dois mil e sete, dois mil e oito, lá era um sistema militarizado, então tipo assim, os maiores sentam atrás, os menores sentam na frente dentro da sala de aula e o sistema de ensino era aquele rígido, né? De acordo com o livro não poderia contestar o livro, né? O autor do livro que o livro falava a gente não podia contestar (Lucas Ribeiro dos Santos Assis, 28 anos).

De acordo com as lembranças de Lucas, o ensino antes da modificação em sua estrutura arquitetônica, era organizada na metodologia militarizada. Pois, no decorrer das décadas este local era caracterizado por ser escola que formava e forma a então elite intelectual e econômica de São Raimundo Nonato. Logo, a escola tinha entre seus alunos, os filhos de médicos, engenheiros e advogados e professoras. Segundo as observações realizadas por Lucas nesse período em que estudava, os modos de tratamentos eram efetivados seguindo a ordem do berço familiar.

E aí mas você sentia uma questão de questão de profissão de pai ou questão de pôr sentar atrás, sentar na frente, no meio ou era uma pedra na questão da não, era geralmente na questão de altura, mas você percebia que a forma de lidar com quem tipo eu, filho de pobre, feito cabeleireiro era diferente da forma que lidava com o filho do médico, entendeu? Sim. Por mais que o filho do médico sentasse também no fundo da sala, lidava de maneira diferente porque Fulano é filho de médico e você é filho de cabeleireiro (Lucas Ribeiro dos Santos Assis, 28 anos).

Com relação as mudanças ocorridas ao longo do tempo nesse ambiente, o colaborador Lucas ressalta que foram muitas, não somente física como também na parte intelectual que tem por objetivo a melhoria do ensino para os alunos ingressos do colégio. Lucas, menciona a chamada plataforma COC, que é uma plataforma de educação com escolas parceiras em todo Brasil. Logo essa ferramenta oferece diversas maneiras de estudar. Além do material didático exclusivo da escola, os estudantes têm acesso a variados materiais, entre essas videoaulas e resoluções de exercícios do material de ensino. Ainda de acordo com ele, nessa época ter essas possibilidades era algo difícil para a realidade de muitos moradores locais, pois além de ser algo muito avançado na época, consistia em um sistema de educação muito caro e que muitas pessoas não podiam pagar para seus filhos.

Lucas também afirma que conforme ia mudando o COC, também era feita mudanças físicas no colégio, usando como base para estas mudanças o livro didático. Nesse sentido, a fachada do colégio e até mesmo a farda ou o uniforme usado pelos estudantes era pintado de colorido, pois isso servia para demonstrar a simbologia do sistema COC. Lucas Assis diz:

Com a mudança de Direção, se modifica também as estruturas arquitetônicas e a forma de ensino. Numa sequência aí você nota que o sistema COC não só alterou isso na forma de ensino como também mudou a fachada. A fachada deixou de ser amarela pra virar aquela colorida com salvo me engano verde, azul, porque os próprios livros que eram do sistema COC eles tinham essa simbologia do sistema COC. Verde e azul esses negócios e aí essa alteração é notória que o ensino é tão associado a arquitetura da escola que até mesmo a maneira de mudar o ensino modifica a própria arquitetura. A pintura da escola, a estrutura da escola. E aí basicamente minha lembrança é essa daí o que mais marcou para mim foi a mudança da arquitetura da escola através da mudança do sistema de ensino e educação e a alteração das diretorias cabeleireiro (Lucas Ribeiro dos Santos Assis, 28 anos).

Figura 40 - Entrevista com Lucas Assis.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Podemos perceber ao longo dessas narrativas, que as materialidades do colégio Nossa Senhora das Mercês apresentam memórias afetivas e coletivas, pois ao longo das colocações de nossos colaboradores isso fica bastante evidente. A questão religiosa, por exemplo, os símbolos católicos chamavam a atenção das pessoas e dos próprios alunos, pois se sentiam acolhidos por meio desses elementos da escola. Neste colégio, houve mudanças gradativas na arquitetura ao longo do tempo, principalmente pelo objetivo de fortalecer sua identidade cultural que estava voltada para os aspectos religiosos.

Para aqueles que frequentavam o colégio, nota-se que os entrevistados sentem e rememoram as experiências de formas diferentes, porém devemos levar em conta não somente as memórias individuais, mas também as memórias coletivas desse espaço, que perpassam por marcos de uma aprendizagem sensorial, afetiva e cultural e que permeiam por variadas versões para este local. Dessa forma, o objetivo deste tópico foi o de apresentar e discorrer através da memória como as histórias e as lembranças podem ser variadas, em que os sujeitos dão significados as coisas a partir dos sentidos que este constrói.

5.2 O Controle Social Para Além Dos Espaços Da Escola: As Modificações Das Fachadas

A Partir da Arqueologia da arquitetura que está o documento vivo desta pesquisa, descrevendo o que foi preservado ou modificado, e quais as inovações são acrescentadas, e quais são as causas e os limites das modificações na fachada da arquitetura do CNSM.

Podemos observar o CNSM como uma expressão da cultura material que tem vários significados, tanto educativos, de ensino e religiosidade. Os dados levantados até aqui indicam que a escola resulta em uma edificação a fim de acomodar uma variedade de funções, como por exemplo: a escolar, religiosa e cultural. Seu modo de formação e organização que impõe por meio da organização de seus espaços, suas atividades de valores que prevaleceram em determinados momentos.

Ao analisar a fachada do CNSM ao longo dos anos, nota-se que ocorreram modificações, proporcionando maior acessibilidade ao ambiente, como também a transição arquitetônica, enquadrando-se nas novas percepções da atualidade.

Observa-se na fachada da década de 70 (Figura 41) a inexistência de elementos arquitetônicos que valorizam ou agregam valor estético e funcional à edificação, uma vez que se adequa ao estilo da época. As esquadrias em madeira integravam a estética simples do prédio, as quais perduraram para os anos seguintes. Como se percebe na imagem que se segue.

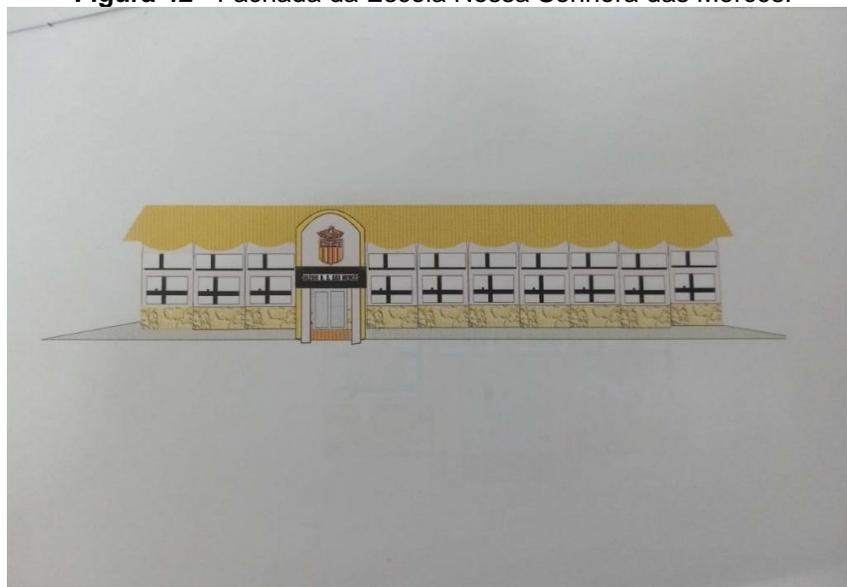
Figura 41 - Fachada da Escola Nossa Senhora das Mercês.



Fonte: Acervo da Escola Nossa Senhora das Mercês (1970).

Ademais, na pintura não existiam formas elaboradas, sendo aplicadas de forma simples (Figura 42 e 43).

Figura 42 - Fachada da Escola Nossa Senhora das Mercês.



Fonte: Acervo da Escola Nossa Senhora das Mercês (1990)

Figura 43 - Vista frontal do Colégio Nossa Senhora das Mercês aproximada.



Fonte: Acervo do colégio Nossa Senhora das Mercês (2004).

Apesar de manter alguns elementos da fachada original, em 2004 (Figura 44) houve algumas mudanças consideráveis, destacando a inserção de uma marquise para proteção da incidência direta do sol e chuvas na entrada principal. A pintura contava com mais detalhes, sendo notório a presença de chapisco na parte inferior, contando, ainda, com uma pintura simples no restante da fachada, além da logo marca na cor vermelha. Nesse período destacou-se a arquitetura bioclimática, a qual revigora a integração do espaço construído com o meio ambiente, buscando alinhar as condições climáticas do local com a estrutura arquitetônica (Conforme-Zambrano; Castro-Mero, 2020).

Figura 44 - Fachada da Escola Nossa Senhora das Mercês (2004).



Fonte: Acervo da Escola Nossa Senhora das Mercês (2004).

Ademais, o Colégio Nossa Senhora das Mercês é uma unidade integrante da Rede de Educação Madre Lúcia Etchepare e tem como lema “Educar para a vida e a liberdade”, priorizando, na sua prática educativa, a excelência acadêmica e a formação para os valores humanos e cristãos. Fundado no dia 02 de setembro de 1937, pela Madre Lúcia Etchepare com apoio de Dom Inocêncio López Santamaría, o Colégio Nossa Senhora das Mercês é uma instituição de ensino com mais de 85 anos de tradição na nossa macrorregião. A instituição tornou-se referência na comunidade educacional por ter crescido junto com a cidade de São Raimundo Nonato, fincando as suas raízes na história e na cultura da região, e por acompanhar as mudanças globais, sintetizando ações educativas e respeitando a identidade local.

Como mencionado pelo entrevistado Padre Herculano sobre a localização da escola “havia ali mesmo no bairro Aldeia, próximo do Ginásio Dom Inocêncio um

grandioso ponto ocupado por grandes barracões e imensa área de terra que tinha servido para abrigar os candangos do DNOS que construíram o açude da Aldeia em 1912”.

Sobre sua estrutura o site menciona que a história do CNSM²⁰ começa de forma modesta, em São Raimundo Nonato. A estrutura foi sendo ampliada e aprimorada ao longo dos seus 86 anos de história, através dos quais, a partir de inúmeras parcerias e projetos, as Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil conseguiram realizar a sua missão, de possibilitar o acesso à educação a crianças, adolescentes e jovens, acreditando que a educação é condição para a transformação social. O Colégio funciona em um prédio de construção própria, localizado no Bairro Aldeia da cidade de São Raimundo Nonato. O CNSM conta com amplos espaços, salas de aula arejadas, áreas verdes e estrutura adaptada, com total acessibilidade, biblioteca, auditório, piscinas, quadra esportiva, espaço cultural para desenvolvimento de eventos, estacionamento com rua dupla na frente da escola (Figuras 45 e 46).

Tabela 2: Elementos arquitetônicos e da Escola Nossa Senhora das Mercês

Nº	
1	Frontão
2	Empena (Frontão)
3	Tímpano (Frontão)
4	Telhado
5	Brazão
6	Janelas em cobogós
7	Paredes em chapiscar
8	Calçada
9	Arco Abatido

²⁰ Disponível em: <<https://cnsmerces.com.br/>>. Acesso em 23 de maio de 2024. Às 18:00h.

Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

Figura 45 - Fachada da Escola Nossa Senhora das Mercês (2018).



Fonte: Acervo do autor (2018).

Figura 46 - Fachada da Escola Nossa Senhora das Mercês (2018).



Fonte: Acervo do autor (2018).

5.3 Modificações Internas E A Aplicação Do Método Gamma

Neste segmento, exibiremos os desdobramentos da análise da planta baixa utilizando o mapa Gamma (Figuras 1 e 2). Nosso propósito foi identificar os espaços, compreender suas funções individuais e as interconexões entre eles, visando perceber as relações e o controle dentro do CNSM. Como salientado por Hiller e Hanson (1984), a análise de um edifício arquitetônico não se restringe à mera descrição de suas partes físicas.

Conforme observado por Hiller e Hanson (1984), essas relações podem ser quantificadas à medida que a circulação pelo espaço é estudada em profundidade, evidenciando a conectividade dos nós (nodos). A presença de assimetria reflete uma hierarquização e controle do espaço, que são observados a partir de espaços não-distributivos, ao passo que relações simétricas são caracterizadas por uma circulação mais uniforme, observadas em espaços distributivos, indicando espaços mais democráticos que oferecem múltiplas entradas ou saídas.

Nessa perspectiva, a interpretação do mapa Gamma nos conduziu a observar o índice de escala; índice de integração e a funcionalidade dos espaços proposto por Blanton (1994) Zarankin (2001); a) *Índice de escala*. Trata-se de contar o número de nós no gráfico; b) *Índice de integração*. Este índice está associado à circulação dentro da estrutura e indica o grau de restrição desta área. Esse índice pode ser obtido dividindo a quantidade de nós pela quantidade de portas ou passagens na estrutura. Enquanto a funcionalidade para esse estudo de caso em específico foi identificada a partir da observação entre as conexões (distributivas e não-distributivas) obtida através do índice de integração.

Ressaltamos que isso foi possível devido a escola ainda está em funcionamento e termos realizados leitura física e corporal pelo edifício. Para casos em que a unidade arquitetônica estiver desativada ou não seja possível realizar a leitura corporal sugerimos

analisar os índices de complexidade A^{21} e B^{22} proposto por Blanton (1994) Zarankin (2001).

Figura 20 - Planta baixa CNSM

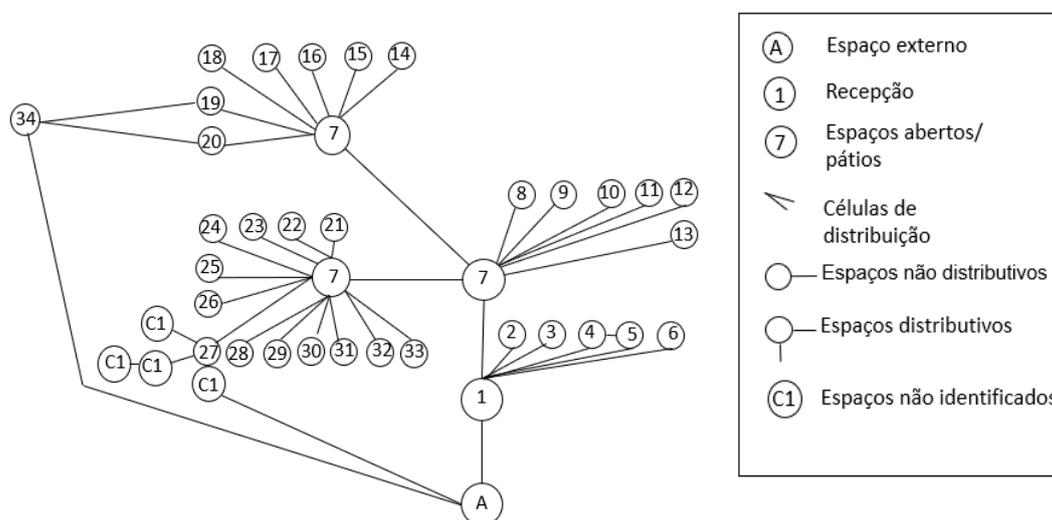


Fonte: Acervo do CNSM com adaptação do autor (2024)

²¹ Índice de complexidade A = quantidade de conexões entre os nós. Blanton (1994) Zarankin (2001);

²² Índice de complexidade B = acessibilidade de cada nó com o exterior (quantos cômodos são necessários para acessar) Blanton (1994) Zarankin (2001);

Figura 21- Mapa Gamma do CNSM



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Com base no mapa Gamma elaborado acima, podemos observar que a maioria dos espaços do CNSM são do tipo não-distributivos. Isso resultou nos índices apresentados na Tabela 2.

Tabela 3

Índice de escala	Índice de integração
37	$\frac{40}{37} \approx 1,08$

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Considerando que o grau de integração é 1,08, os espaços abertos (pátios) não foram contabilizados para essa integração. Enquanto isso, os espaços não-distributivos, ou seja, aqueles com baixos valores de conexão (com apenas uma porta), nos levaram a

identificar quais espaços possuem mais de uma porta e quais funções eles desempenham, conforme apresentado na Tabela 3.

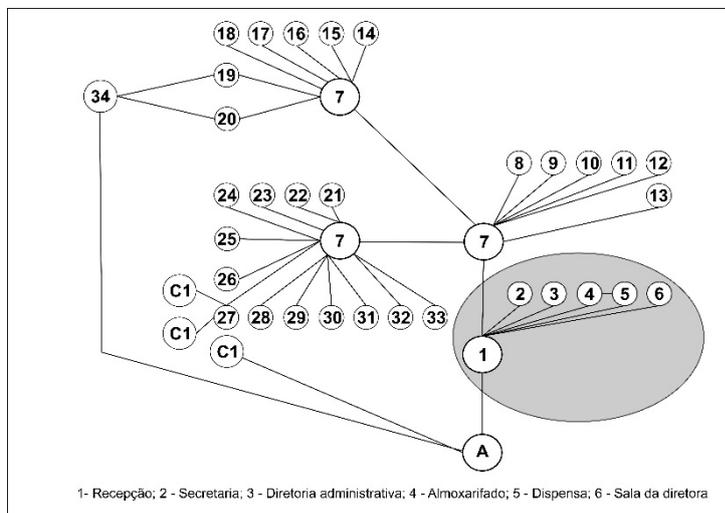
Tabela 3 – Espaços distributivos

Nº	Função	Conexão	Função
1	Recepção	2 – 3 – 4 - 5 – 6 -7	2 – Secretaria 3 – Diretoria administrativa 4 – Almojarifado 5 – Dispensa 6 – Sala da diretora 7 – Pátio com cobertura
4	Almojarifado	1 - 5	1 – Recepção 5 - Dispensa
5	Dispensa	1 - 4	1 – Recepção 4 - Almojarifado
27	Sala do(a)s professore(a)s	C1	Espaços não identificados
19	Deposito	7 - 34	7 – Pátio sem cobertura 34 – Quadra de esportes
20	Sala de aula	7 - 34	7 – Pátio sem cobertura 34 – Quadra de esportes

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Entre os espaços (nós) observados a recepção é a área de controle externo e interno, onde conecta com os espaços administrativos e o primeiro pátio com cobertura onde está localizado o palco de eventos, portanto é um espaço distributivo com valores altos de conexão (Figura 49 marcada na cor cinza).

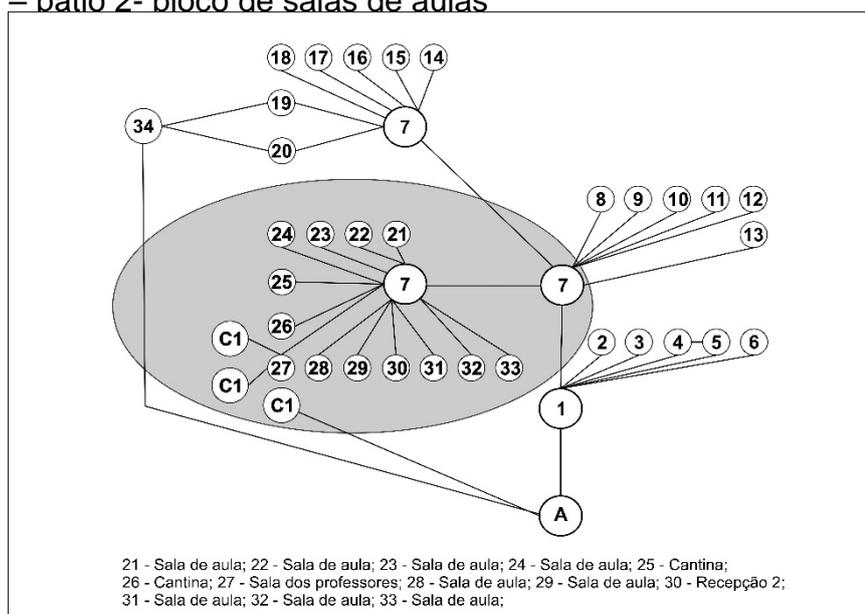
Figura 23 - Mapa Gamma – bloco de conexão 2 –
pátio 1 e salas de aulas



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

O bloco 3 é onde estão localizadas a grande maioria das salas de aulas, portanto são células não-distribuídas conectadas a partir do segundo pátio (Figura 51 marcada na cor cinza).

Figura 24 - Mapa Gamma- bloco de conexão 3
– pátio 2- bloco de salas de aulas

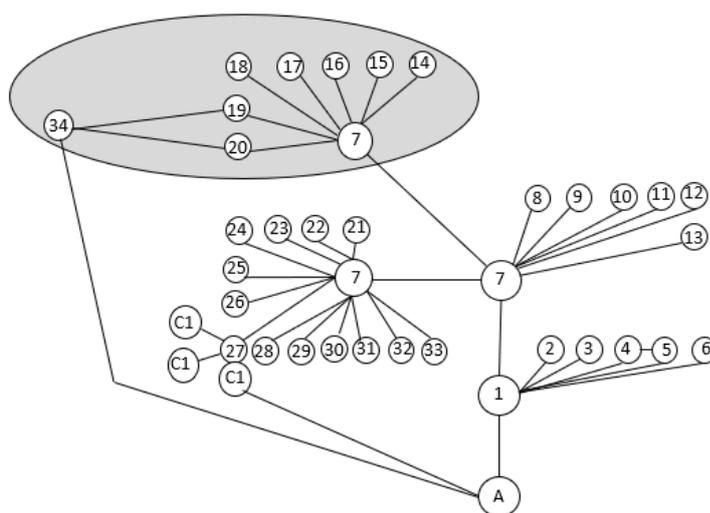


Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Podemos observar que a sala número 27 é a sala dos professores, portanto, ela possui divisórias e conexões internas. No entanto, ela tem apenas uma entrada e saída para a área externa ao pátio. Apesar de possuir valores altos de conexões internas, ela ainda se configura como uma célula não-distributiva.

O bloco 4, onde está localizado o pátio 3, é conectado a partir do pátio 1 e possui conexões com células distributivas e não-distributivas. Como podemos observar, a sala número 19 é um depósito que conecta a área escolar à quadra de esportes, enquanto a sala número 20 é uma sala de aula que também faz essa conexão entre a área escolar e a quadra de esportes. Portanto, o bloco 4 é uma construção mais recente, conectada ao espaço de lazer da quadra de esportes construídas na última alteração arquitetônica realizada no CNSM (conforme Figura 52 marcada na cor cinza).

Figura 25 - Mapa Gamma - bloco de conexão 4 – pátio 3 – bloco de salas de aulas conectada a



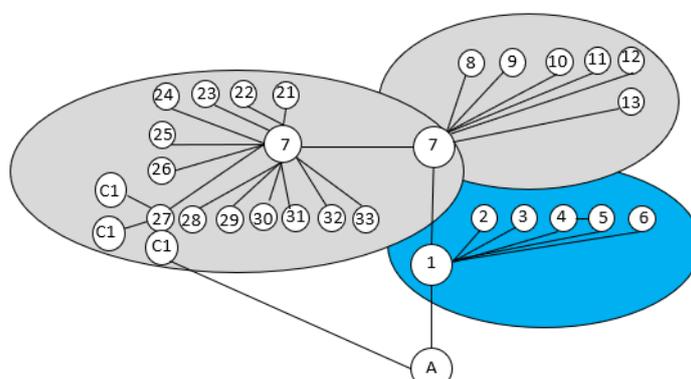
14 – Sala de aula: 15 – Sala de aula: 16 – Sala de aula: 17 – Sala de aula: 18 – Sala

Fonte: Elaborado pelo autor

O Colégio Nossa Senhora das Mercês adota um esquema fechado simples em U com pouca flexibilidade, com a entrada e saída controladas por uma única recepção. Dessa forma, a planta simétrica, com um índice de escala de 37 nodos e com um índice de integração de 1,08, caracteriza a maioria dos espaços como não-distributivos.

Buscamos identificar como a escola foi se estruturando e modernizando ao longo das décadas de 1930 a 2000. Até a entrada dos anos 2000, o prédio aparentemente tinha uma estrutura em formato de L (Figura 7 - blocos de salas de aula marcados em cinza e área administrativa em azul), conectada por dois pátios centrais. Esse formato permitia a vigilância tanto dos que estavam fora quanto dos que estavam dentro das salas de aula, todos controlados por uma única saída.

Figura 26 - Mapa Gamma - blocos de salas de aula e setor administrativo - antes da reforma e

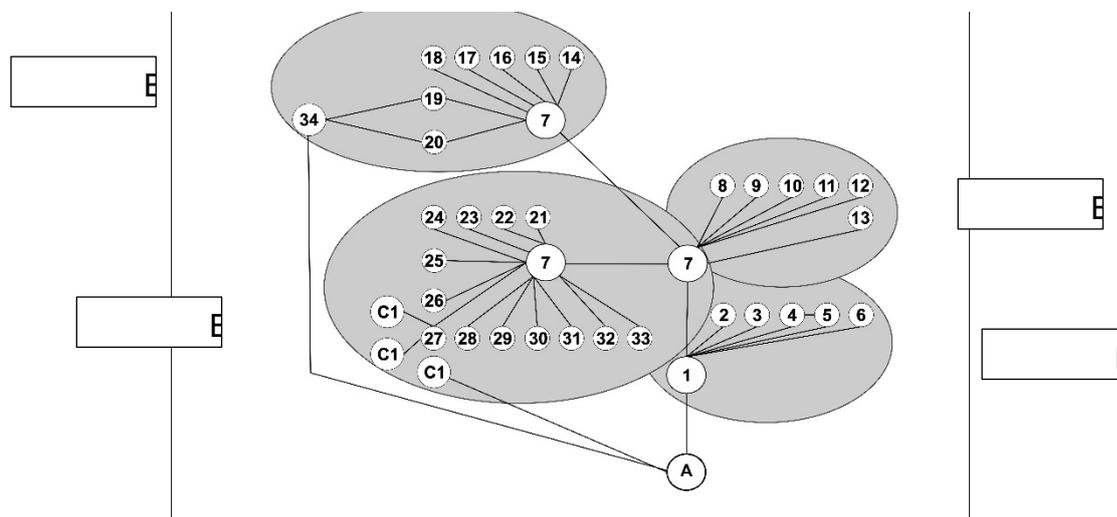


Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Na última reforma e ampliação, foi criado o bloco 4, que incluiu a extensão da quadra de esportes e a inserção de células distributivas (19-20). Contudo, essas células são controladas, uma vez que uma é sala de aula e a outra é um depósito. Com isso, a escola adquiriu um esquema em U e uma forma panóptica simples, com eixos centrais que formam uma trama de ligações, ramificando-se à medida que se adentra no edifício.

Isso resulta em índices de conexão e controle centralizado a partir dos três pátios (Figura 54, marcados em cinza).

Figura 27 - Mapa Gamma



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

O objetivo desta análise foi entender como as reformas e ampliações estruturais da escola influenciaram seu desenho físico e organizacional, especialmente em relação à conectividade, controle e vigilância dos espaços.

Ao analisar a disposição dos blocos e pátios, buscou-se identificar as mudanças na flexibilidade e no controle do ambiente escolar ao longo do tempo. A localização dos setores administrativos e da direção como pontos de entrada e saída indica que essa estrutura prioriza o controle dos espaços, e conseqüentemente, das pessoas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve em seu início buscar compreender como Arquitetura Escolar por meio de suas fachadas implicou no controle social e hierarquização dos poderes através das décadas de 1930, 1960, 1990 e 2000 na formação do ensino aprendizagem em São Raimundo Nonato-PI.

Todavia, podemos refletir que a Ordem Mercedária e a Criação dos Espaços de Educação pelos religiosos foram de suma importância para o progresso de São Raimundo nonato-PI. Nesse quadro de isolamento, como elenca Santos (1988) e subdesenvolvimento a Igreja Católica foi uma força propulsora de desenvolvimento local durante quatro décadas (1930/1960), mas limitando-se preponderantemente ao campo cultural tradicional.

No decorrer da presente pesquisa, podemos notar que a volumetria da escola não sofreu alterações bruscas. Foram agregadas alturas diferentes na platibanda, destacadas com pintura azul e jardins ornamentais em formato orgânico foram construídos. As aberturas continuaram as mesmas, mas as esquadrias em madeira foram substituídas por alumínio e vidro e instaladas grades protetivas, além disso, a marquise da porta principal foi retirada e as janelas receberam a proteção de toldos metálicos em formato curvo, para proteção da incidência solar. O uso das cores foram acompanhando a evolução da marca e a calçada recebeu revestimento cerâmico.

Nesse sentido, destaca-se que a evolução da fachada do prédio sofreu muitas alterações, ao passo que grandiosas obras arquitetônicas são criadas, o que refuta a ideia de tradicionalidade que acompanha a história do colégio, a qual é contada desde a entrada por sua fachada.

Assim sendo, a Rede de Educação Madre Lúcia Etchepare pertence à Congregação das Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil. Tem como missão contribuir, por meio da educação, com o desenvolvimento integral do ser humano e seu engajamento na construção de uma sociedade mais justa, solidária e sustentável. Desde

2007, as Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil vêm reestruturando e redefinindo suas ações institucionais em rede, com o objetivo de fortalecer e integrar suas atividades no âmbito educacional, social, missionário e político.

A criação da Rede favoreceu a organização e a eficácia do trabalho educativo e social das Irmãs no âmbito administrativo e de gestão. Todas as unidades educativas passaram a atuar de forma ainda mais coordenada e cooperativa. Além do Colégio Nossa Senhora das Mercês, a Rede de Educação Madre Lúcia Etchepare mantém outras três instituições de ensino: Colégio Nossa Senhora da Luz, em Salvador-BA; Colégio Santo Antônio de Jesus, em Santo Antônio de Jesus – BA; Educandário Santa Joana D'Arc, em Floriano-PI; Rainbow K School, em Buffalo, Nova York – EUA.

Podemos concluir por hora que, esse estudo não tem sua finalidade nessas linhas, mas que esse estudo pode ser apenas o início de um estudo das escolas em São Raimundo Nonato-PI, por meio da Arqueologia da Arquitetura, mas não somente este modo de metodologia, entre outros como já exposto aqui, história, pedagogia, antropologia, entre outras ciências. O estudo da Escola Nossa Senhora das Mercês, foi algo nova para este autor, pois não tinha conhecimentos mais aprofundados sobre sua história e arquitetura. Como falado anteriormente, as pesquisas ainda podem ser mais aprofundadas, pode ser realizado um estudo mais aprofundado analisando suas plantas baixas.

Podemos também, considerar que a Hipótese desta pesquisa foi refletida: O Colégio Nossa Senhora das Mercês acompanhou as necessidades e mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo e se adaptou as novas propostas escolares que surgiram, pois já preexistia uma condição favorável ao controle social por meio da hierarquização dos espaços arquitetônicos. Se norteando pelo enunciado anterior percebe-se que a Escola Nossa Senhora das Mercês, foi surgindo aos poucos para suprir a necessidade de carência de instituições de educação na região, como mencionado pelos entrevistados. Inserindo estudantes de cidades de outros Estados vizinhos, como as cidades de Remanso, Pilão Arcado, entre outros Distritos. Como o relato de Maria Niva de Pilão Arcado, que foi encontrada pela pesquisadora Alessandra Rocha, pesquisadora que estuda a região. Algo que possibilita novas possibilidades de pesquisa como:

- Pesquisar os estudantes de outras regiões, buscar as suas lembranças materiais por meio de suas memórias de estudante forasteiro.
- Outra fonte de pesquisa por manter sua estrutura mais antiquada é o antigo Colégio Dom Inocêncio, que funciona atualmente como uma casa para os clérigos, Rádio Alternativa FM e uma Creche Municipal com o nome Nossa Senhora das Mercês.
- Uma outra forma de pesquisa, seria um estudo sobre as modificações do ensino na Escola Nossa Senhora das Mercês em 2007, ano da modificação da Fachada e sua mudança para o ensino COC.

Dessa forma, a presente pesquisa se pautou pela seguinte pergunta: Como se estruturou a organização dos espaços externos, as modificações das fachadas da Unidade de Educação Nossa Senhora das Mercês nas Décadas de 1930, 1960 e 1990 e 2000 e como a sua forma de distribuição pode estar associada a mecanismos de controle social e hierarquização do poder?

Podemos refletir que a escola se moldou ao longo do tempo por meio das questões didáticas e suas formas arquitetônicas ganharam feições mais modernas para não perder espaço para outras instituições de ensino particular e públicas que surgiram ao longo das décadas. Sabendo que o filho ou filha que estudava nesta instituição por ventura teria uma profissão de valor social. As profissões que têm por cunhagem a plumagem de doutores (Médico e advogados). A pesquisa mostrou como o espaço escolar do Colégio Nossa Senhora das Mercês foi ocupado pelos estudantes, quando foi construído. A História Oral permitiu entender a dinâmica de ocupação do espaço escolar, levando informações da rotina escolar. Tem a casa das freiras que faz parte do contexto paisagístico da escola, onde elas residem e tem papel fundamental na regência da escola.

Por meio da análise da arquitetura foi possível perceber o uso e acessibilidade do colégio, com dados de distribuição hierárquica escolar por meio da análise gama, foi possível notar que o colégio se trata de uma estrutura que estabelece uma relação fluente com o exterior, pois as novas formações escolares têm saídas para as quadras. A arquitetura da Escola Nossa Senhora das Mercês foi pensada como uma escola particular em São Raimundo Nonato, pois escolas particulares tem arquiteturas únicas.

Fachadas que tem por simbolismo chamar à atenção de pais e crianças, e é evidente a segurança entre grades e muros.

Assim sendo, a intenção é que outros questionamentos surjam, fazendo deste trabalho um ponto de partida para outros, com novas abordagens e perspectivas.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Aziz N. *et al.* **História geral da civilização brasileira: A época colonial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. v. 2.
- ALARCÃO, Jorge de. A Arqueologia Contextualista. **MATHESES**, v. 6, p. 11-32, 1997.
- ALBERTI, Verena. Obras coletivas de história oral. **Tempo - Revista do Depto. de História da UFF**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 206-219, 1997.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado.** Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- ALVES, Shilton Paes Ribeiro Alves. **Os Anos de Chumbo e a Arqueologia dos Espaços Escolares de São Raimundo Nonato-Piauí.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2018.
- ALVES, Vicente Eudes Lemos. As bases históricas da formação territorial piauiense. **Geosul**, Florianópolis, v. 18, n. 36, p 55-76, jul./dez. 2003.
- AQUINO, Rosivânia de Castro. Entre o Sagrado e o Profano: Um mundo por trás das grades. **Vestígios** – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 91–113, 2019.
- AQUINO, Rosivânia de Castro. **Entre o sagrado e o profano: Um mundo por trás das grades.** 2017. 144f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal Do Piauí, Teresina, 2017.
- ARRAES, Esdras. **Imaginando a paisagem urbana de Oeiras do Piauí (1697-1762).** Revista de geografia, v.41, n 2, p. 351-371, 2016.
- AZZI, Riolando. **Os Mercedários no Brasil.** Roma: Institutum Historicum Ordinis de Mercede, 1993.
- BARETTA, Jocyane Ricelly. Por uma Arqueologia Feminista da Ditadura no Brasil (1964-1985). **Revista de Arqueologia**, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 08–34, 2017. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/541>. Acesso em: 22 nov. 2023.
- BASTOS, Valéria Ferreira. **História da educação sanraimundense: contribuições de Madre Lúcia Etchepare (1937 a 1961).** São Raimundo Nonato: [s.n.], 2015.
- BATISTA, Irene Bezerra. **O papel do ensino superior na dinâmica socioespacial da cidade de São Raimundo Nonato-PI.** Tese (doutorado)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.
- BLANTON, Richard E. **Houses end Households.** New York: Plenum Press, 1994.

BLOCH, Marc Leopold Benjamim. **Apologia da história, ou, O ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOMFIM, C.; SILVA, R.; DIAS, J. Arqueologia e suas contribuições na concepção das intervenções restaurativas contemporâneas. *In*: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO, 4., Belo Horizonte, 2016. **Anais [...]**. Belo Horizonte: [s.n.], 2016. 16 p.

BORRAZÁS, P. M.; ROTEÁ, R.B.; VILA, X. M. A. **Arqueotectura 1: Bases teórico-metodológicas para uma Arqueología de la Arquitectura**. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, 2002.

BOSCHI, Caio César. **Escravos e Libertos nas Irmandades do Rosário: Devoção e Solidariedade em Minas Gerais, Século XVIII e XIX**, Juiz de Fora: UFJF, 2005.

BORGES, Cássio de Sousa. **“Para o bem se cumprir” A Lei das Terras: O processo de regularização fundiária no Centro-Sul da Província do Piauí (1850-1860)**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. [S.l.]: Difusão Editorial, 1989.

BRANCO, Samantha Castelo. História oral: reflexões sobre aplicações e implicações. **Revista Novos Rumos Sociológicos**, v. 8, n. 13, p. 8-27, 2020.

CABALLERO ZOREDA, L. **Arqueología y arquitectura: Análisis arqueológico e intervención en edificios históricos**, in Curso As Actuacións no Patrimonio construído: un diálogo interdisciplinar (1995, Santiago de Compostela), Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1997.

CARVALHO JÚNIOR, Dagoberto Ferreira de. **História Episcopal do Piauí**. Teresina: COMEPI, 1980.

CARVALHO, João Renor Ferreira de. **Resistência indígena no Piauí colonial 1718-1774**. Imperatriz: Ética, 2005.

CARVALHO, Maria Inês de. **Uma vida a serviço do Povo: Madre Lúcia Etchepare e a Fundação da Congregação das Irmãs Mercedárias Missionárias No Brasil**. Salvador: Infographis, Gráfica & Editora, 1987.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. São Paulo: Editora Vozes, 1980.

CHAVES, Joaquim Raimundo Ferreira. **Obra completa**. Teresina: Fundação Cultural Mons. Chaves, 1998.

COPÉ, S. M. “Arqueologia da arquitetura: ensaio sobre a complexidade, performance e processos construtivos das estruturas semi-subterrâneas do planalto gaúcho”. *In*:

ENCONTRO DO NÚCLEO REGIONAL SUL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 5., 2012, Rio Grande. **Anais [...]**. Rio Grande: SAB, 2006. p. 1-21.

COSTA, Carlos Alberto Santos. **A influência do colégio Jesuíta na configuração da Malha Urbana de Salvador-Ba (1549-1760)**. 2005. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

COSTA, Diogo M. Arqueologia Histórica: Um panorama Espacial e Temporal. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 9-38, 2010.

COSTA, F. A. Pereira. **Cronologia Histórica do Estado do Piauí**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

CRUZ NETO, Otavio. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de S. *et al.* (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 51-66.

DAMASCENO, Marcos Oliveira. **Dom Inocêncio López Santamaría: Bispo Missionário no Sertão do Piauí**. Dom Inocêncio-PI: Produtora Sertão, 2012.

DEAGAN, Kathleen. Avenues of Inquiry in Historical Archaeology. *In*: SCHIJFER, M. B. (ed.). **Advances in Archaeological Method and Theory**, 5. Ed. New York: Academic Press, 1982. p. 151-177.

DEAGAN, Kathleen. Líneas de investigação en arqueologia histórica. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia histórica**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 63-93, 2008.

DEAGAN, Kathleen. Líneas de Investigación en Arqueología Histórica. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 2, n. 1, p. 63-93, 2008.

DEETZ, J. **In Small Things Forgotten**. New York: Anchor Books, 1977.

DELEUZE. G. **Controle e devenir: Conversões 1972-1990**. São Paulo: Editora 34, 1990.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidade. **História Oral**, [S. l.], v. 6, p. 9-25, 2003.

DIAS, William Palha. São Raimundo Nonato, de Distrito-Freguesia a Vila. Teresina, 2001.

DRENNAN, M. E. **Architecture in archaeology: na examination of domestic space in Bronze Age Mesopotamia**. [S.l.]: Honors Sholar Theses Paper, 2010.

DUNNELL, Robert. C. **Classificação em Arqueologia**. São Paulo: Edusp, 2006.

ESCALANO, A. Arquitetura como programa: Espaço-Escola e currículo. *In*: FRAGO, Antonio Vrao; ESCOLANO, Austín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FARIAS, Vanessa Soares Negreiros. As transformações na Educação Piauiense na Era Vargas. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal-RN: ANPUH, 2013.

FARIAS, Gênesis Naum de. Escola Normal Madre Lúcia e a Formação de Professores Primários: Fé e Educação no Sertão do Piauí entre os anos de 1960 e 1979. *In*: Farias, Gênesis Naum de; FARIAS, Enos de (org.). **Pesquisa em Educação: Estratégias Pedagógicas e Articulações de Saberes**. São Paulo: Scortecci Editora, 2023.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1997.

FONTES, L. **Experiências portuguesas em Arqueologia da Arquitectura**. Lisboa: Ministério da Cultura e IPPAR, 2006.

FOUCAULT, M. **Vigilar y Castigar: El nacimiento de la Prisión**. México: Siglo XXI, 1976.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro em 1970. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987. 288p.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FUNARI, Pedro P. A. Teoria e Método na Arqueologia Contemporânea: O Contexto da Arqueologia Histórica. **Mneme – Revista de Humanidades**, Natal, v. 6, n. 13, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo A. Teoria e a Arqueologia Histórica: A América Latina e o Mundo. **Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 1, n. 1, p. 50-58, 2007.

FUNARI, Pedro. P. A.; ZARANKIN, Andrés; REIS, José A. dos. **Arqueologia da Repressão e da Resistência: América Latina na Era das Ditaduras (décadas de 1960-1980)**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008.

FURTADO, Maria Betânia G. N. **Os Jesuítas no Sertão do Piauí: 50 anos entre fazendas e rebanhos (1711 – 1760)**. 2019. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

GALVÃO, José Raimundo (org.). **Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil**. Aracaju: Criação, 2013.

GALVÃO, José Raimundo (org.). **IRMÃS MERCEDÁRIAS MISSIONÁRIAS DO BRASIL**. Aracaju: Criação, 2013. p. 28-43.

GAUDEMAR, Jean-Paul. "Preliminares para una genealogía de las formas de disciplina en el proceso capitalista del trabajo". In: FOUCAULT, Michel (org.). **Espacios de poder**. Madrid: La Piqueta, 1991.

GHENO, Diego A.; MACHADO Neli. T. G. **Arqueologia Histórica: Abordagens. História: Questões & Debates**, [S.l.], v. 58, n. 1, p. 161- 183, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/33875>. Acesso em: 25 nov. 2023.

GIL, Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de S. *et al.* (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 83-92, 2007.

GONÇALVES, Rita de Cássia Pacheco. **Arquitetura Escolar: A Essência Aparece, Fábrica e escola confundem-se no desenho da Polivalente**. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

GONÇALVES, Rita de Cássia Pacheco. **Arquitetura Escolar: como materialidade do direito desigual à educação. Ponto de Vista**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 47-57, 1999.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A.; CRIADO-BOADO, F. Against reactionary populism: Towards a new public archaeology. **Antiquity**, [S.l.], v. 92, p. 507- 527, 2017.

GRAHAME, M. **The House of Pompeii: Space and Social Interaction**. 1995. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de Southampton, Southampton, 1995.

GUIDON, Niède; VERGNE, Cleonice; VIDAL, Irmã Asón. Toca da Baixa dos Caboclos. Um abrigo funerário do enclave arqueológico do Parque Nacional da Serra da Capivara. **Clio Série Arqueológica**, Recife, v. 1, n. 13, p. 127-144, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006.

HARRISON, Rodney; CABRAL, Mariana P. Arqueologias de futuros e presentes emergentes. **Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 84-104, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/12200>. Acesso em: 25 nov. 2023.

HILLER, Bill; HANSON, Julienne. **The Social Logic of Space**. Cambridge: Cambridge Universit Press, 1984.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HODDER, Ian. Arqueologia como arqueologia. *In*: HODDER, Ian; HUDSON, Scott (eds.). **Reading the past. Current approaches to interpretation in archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 236-243.

HODDER, Ian. **The Archaeological Process: An Introduction**. Oxford: Blackwell, 1999.

HODDER, Ian. **The Present Past: Na introduction to Antropology for archaeologists**. Londres: [s.n.], 1982.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, M. A. Ciência e Conhecimento científico. *In*: LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1992. p.13-37.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEDOUX, Nina Rosa P. **Casa do Major José Desidério: um estudo de caso sobre os espaços domésticos de uma casa rural em Remanso- BA**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2015.

LEITE, S. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2004.

LEMOS, Caroline M.; COSTA, Denise N. B.; ZARANKIN, Andrés. as flores do mal: arqueologia das estruturas da violência política da ditadura, o caso do DOPS/MG. **Habitus**, Goiânia, v. 19, n. 2, p.163-188, 2021.

LEMOS, Caroline Murta. **Arquitetando o Terror**: Um estudo sensorial dos Centros de Detenção Oficiais e Clandestinos da Ditadura Civil-Militar do Brasil (1964-1985). 2019. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2019.

LIBÂNEO, J. C. Tendências pedagógicas na prática escolar. *In*: LIBÂNEO, J. C. **Democratização da Escola Pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992. p. 18-33.

LIMA, Danielle Raquel. **Entre as Paredes de Deus**: Arqueologia da Arquitetura Sacra e do Urbanismo em Vila do Príncipe no século XVIII. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

LIMA, Tania A. Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 7-23, 2002.

LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. **“O Melhor sítio da Terra”**: colégio e igreja jesuítica e a paisagem da Belém do Grão-Pará – um estudo da arqueologia da arquitetura. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

MACEDO, Deolinda Ruben de. **Educação Escolar Mercedária**: Memória, história e ensino em São Raimundo Nonato no Piauí 1922-1960. São Raimundo Nonato: [s.n.], 2013.

MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **Ruralismo e Práticas Cotidianas na Primeira Escola Normal do Brasil**: A Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte-CE (1934-1946). São Paulo: UNESP, 2004.

MAIA, Ana Raquel. **Contribuições da arqueologia simétrica e da arqueologia da arquitetura para análise de espaços religiosos**: o estudo de caso das igrejas de São Raimundo Nonato (PI) e Ponta da Serra – Dom Inocêncio (PI). 2021. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, 2021.

MANZINI, E. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, v. 26, n. 1, p. 149-158, 1990.

MARCHELLI, Paulo Sergio. Da LDB 4.024/61 ao debate contemporâneo sobre as bases curriculares nacionais. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 03, p. 1480 – 1511, 2014.

MENDES, Francisco I. V.; LACERDA, José. D. de; AGUIAR, Rossana C. e S.; SOUSA FILHO, Vicente. G. Jesuítas no Piauí: negócios e educação. **Revista F@pciência**, Apucarana, v. 7, n. 9, p. 89-102, 2010.

MORAIS, Daisy de. **Arqueologia e Arquitetura**: Estação ferroviária de PIRAJU: ensaio de arqueologia da arquitetura de Ramos de Azevedo. Erechim, RS: Habilis, 2007.

MOREIRA, Juliana Maria. **Arquitetura que Enlouquece: Poder e Arqueologia**. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2015.

NAJJAR, R. **Catequese em Pedra e Cal: estudo arqueológico de uma igreja jesuítica Nossa Senhora da Assunção – Anchieta/ES**. 2001. Dissertação (Mestrado em Arqueologia e Etnologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

NAJJAR, R. Para além dos cacos: a Arqueologia Histórica a partir de três superartefatos (estudo de caso de três igrejas jesuíticas). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 6, n. 1, p. 71-91, jan.- abr. 2011

NAJJAR, Rosana; DUARTE, Maria C. Coelho. **Manual de Arqueologia Histórica em projetos de restauração**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2002.

NARA JÚNIOR, João Carlos. **Arqueologia da Persuasão: estudo arqueológico da primeira igreja rococó da América**. 2015. 220 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

NATIV, Assaf. No compensation needed: On archaeology and the archaeological. **Journal of Archaeological Method and Theory**, [S.l.], v. 24, p. 659-75, 2017.

NEGREIROS, José Herculano de. **Dom Cândido: uma história de 90 anos**. [S.l.]: Projeto Gráfico, 2015.

NOBRE, João Nilo de S. **Outra história do pensamento arqueológico: comparação entre quadros teóricos em estudos de Arqueologia Preventiva**. 2021. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para história do Piauí**. Rio de Janeiro: Artenova, 1975. v. 1.

OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. **Povoamento Colonial do Sudeste do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência**. 2007. 202 f. Tese (Doutorado em História do Brasil) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

OLIVEIRA, Ana Stela. **O povoamento colonial do sudeste do Piauí: indígenas e Colonizadores, conflitos e resistência**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal De Pernambuco, Recife, 2007.

OLIVEIRA, Jaime de Santana. **1912: São Raimundo Nonato, um Projeto De Emancipação Política**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual do Piauí, São Raimundo Nonato, 2011.

ORSER, Charles. E. **Introdução a Arqueologia Histórica**. Belo Horizonte: Oficina de textos, 1992.

PEARSON, Michael; RICHARDS, Colin. **Architecture and order**: Approaches to social space. Londres: Routledge, 1994.

POLLAK, M. La gestion de l'indicible. **Actes de la recherche em sciences Sociales**, v. 62/63, p. 30-53, 1986.

PRAZERES, Luís Carlos *et al.* **Extensivo e Terceirão**: Memorex. Curitiba: Ed. Positivo, 2006.

RIBEIRO, Antonio José Castelo Branco. Parque Nacional Serra da Capivara e as transformações sócio espaciais em São Raimundo Nonato – PI, Brasil. In: Reencuentro de Saberes Territoriales Latinoamericanos. Disponível em: <http://www.egal2013.com.pe>. Acesso em: maio de 2024.

RIBEIRO, Manoel Paes. **Um menino do mato que driblou a seca**. 2. ed. [S.l.: s.n.], 1983.

RUSKIN, John. **A Lâmpada da Memória**. Salvador: [s.n.], 1996.

SANTOS, Adriano B. dos. **Arqueologia e Contemporaneidade**: Reflexões Sobre os Locais de Repressão e Resistência do Regime Militar em Aracaju. 2016. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2016.

SANTOS, Milcíades C. dos. **Avaliação dos Esforços de Desenvolvimento num Espaço Organizado pela Pecuária**: O caso de São Raimundo Nonato. 1988. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

SANTOS, Nadja Ferreira. **Interface entre Arquitetura e Arqueologia na preservação do patrimônio cultural urbano**. 2009. 158f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Instituto de Ciências Humanas, Pelotas-RS, 2009.

SANTOS, Raquel. Arqueologia da Arquitetura: olhar paredes, ver vivências. **Rev. Arqueologia Pública**, Campinas, SP v.9 N^o.1(11) p.60-72 Jan-jun./2015.

SANTOS, Raquel. Arqueologia da arquitetura: conceito e metodologia. **PARC: pesquisa em arquitetura e construção**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 1-10, 2013.

SANTOS, Sheila Castro dos. COQUEIRO, João Carlos Pereira. LOUREIRO, Armando Paulo Ferreira. Paulo Freire e a tendência progressivista libertadora: uma via para o ensino/aprendizagem. **Igarapé**, v. 11, n. 1, p. 160-178, 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 42. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

SILVA, Severino Vicente da. **Entre o Tibre e o Capibaribe**: os limites da igreja progressista na Arquidiocese de Olinda e Recife a respeito do grau de adesão ocorrido

das ideias e práticas do chamado catolicismo progressista e de suas impossibilidades. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

SILVA, Suzane M. **História e Memória da Ordem Mercedária em São Raimundo Nonato – Piauí (1922-2006)**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Estadual do Piauí, São Raimundo Nonato, 2021.

SILVA, Vilmar da. O Ensino Primário No Piauí Na Década De 1930. *In*: ENCONTRO CEARENSE DE HISTORIADORES DA EDUCAÇÃO, 13.; ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3.; SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E GEOEDUCACIONAIS, 3., 2014, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Imprece, 2014.

SILVA, Carolina Rocha. O sabá do sertão: feitiçeras, demônios e jesuítas no Piauí Colonial (1750-58). (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Piauí, 2013.

SILVA, Bianca Moura. **O ALVORECER DE UMA ECLÉSIA: Embates pela criação do Bispado Piauiense (1906)**. XVII Simpósio Nacional da ABHR II Simpósio Nacional de Estudos da Religião da UEG, nov 2021.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Panorama do segundo Império**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.

SOUSA NETO, Marcelo de. Em nome da fé; em nome dos bens: a criação da diocese do Piauí (1822-1903). **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 4, n. 10, p. 1-22, 2011.

SOUTHEY, Robert. **História do Brasil**. São Paulo: Obelisco, 1965, v. 6.

STEANDMAN, S. R. Recent research in the archaeology of architecture: beyond the foundations. **Journal of Archaeological Research**, v. 4, n. 1, p. 51-93, 1996.

TEIXEIRA, Vanessa Cerqueira. **Fé e cultura barroca sob o manto mercedário: hierarquias, devoções e sociabilidade a partir da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês de Mariana**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

TRIGGER, Bruce G. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

VILLELA, A.; TIRELLO, R. Estudos diagnósticos em Arqueologia da Arquitetura: uma investigação sobre as possibilidades do “Método Harris” para o estabelecimento de cronologias construtivas. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 3., São Paulo, 2014. **Anais [...]**. São Paulo: ANPARQ, 2014. 14 p.

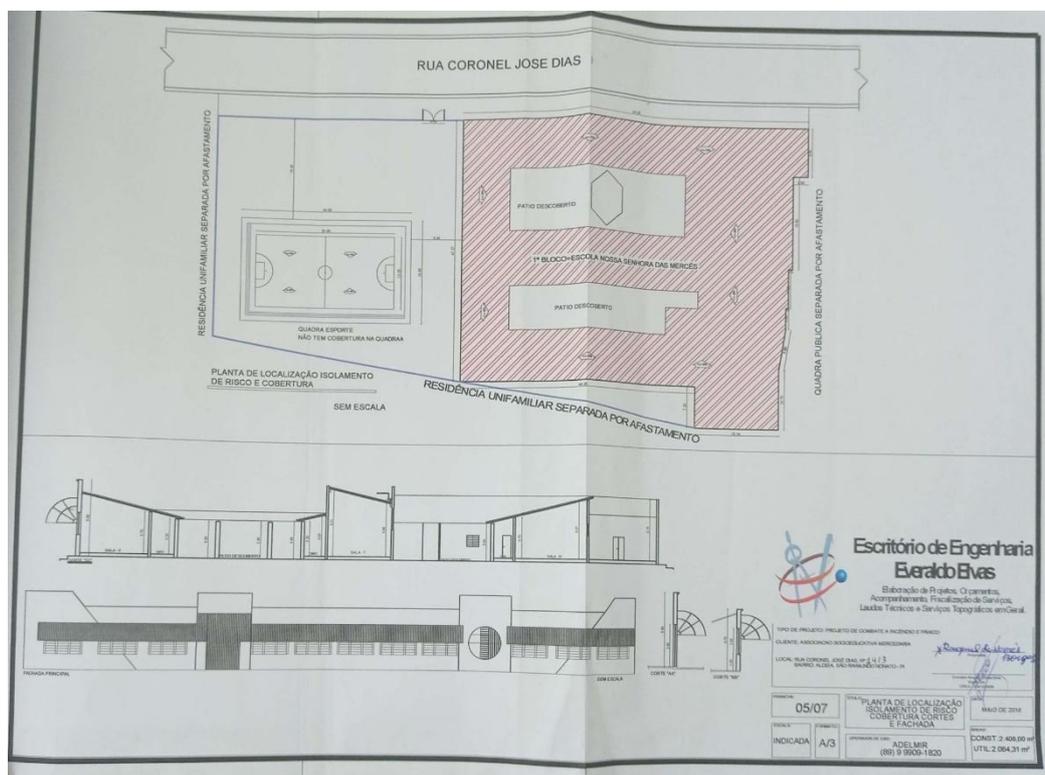
ZANETTINI, P. E. **Maloqueiros e seus palácios de barro: O cotidiano doméstico na casa bandeirista**. 2005. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2005.

ZARANKIN, Andrés. **Paredes que domesticam**: arqueologia da arquitetura escolar capitalista. 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

ZARANKIN, Andrés. **Paredes que domesticam**: Arqueologia da arquitetura escolar capitalista: O caso de Buenos Aires. Campinas: UNICAMP, 2002.

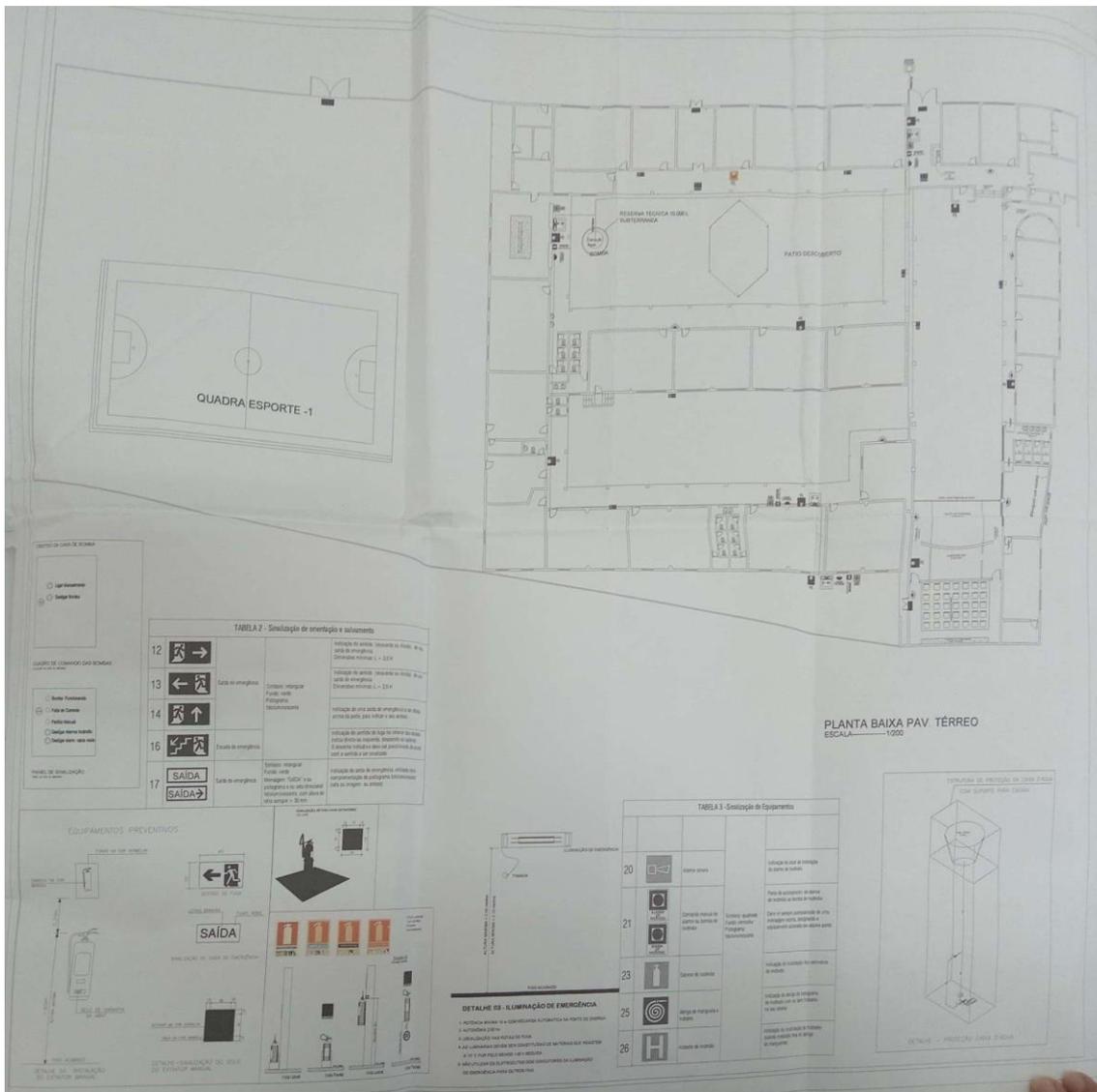
ANEXO I - PLANTAS BAIXAS

Planta De Localização, Isolamento De Risco, Cobertura, Corte e Fachada



Fonte: Escritório de Engenharia Everaldo Elvas, (2007)

Planta Baixa Pav Térreo

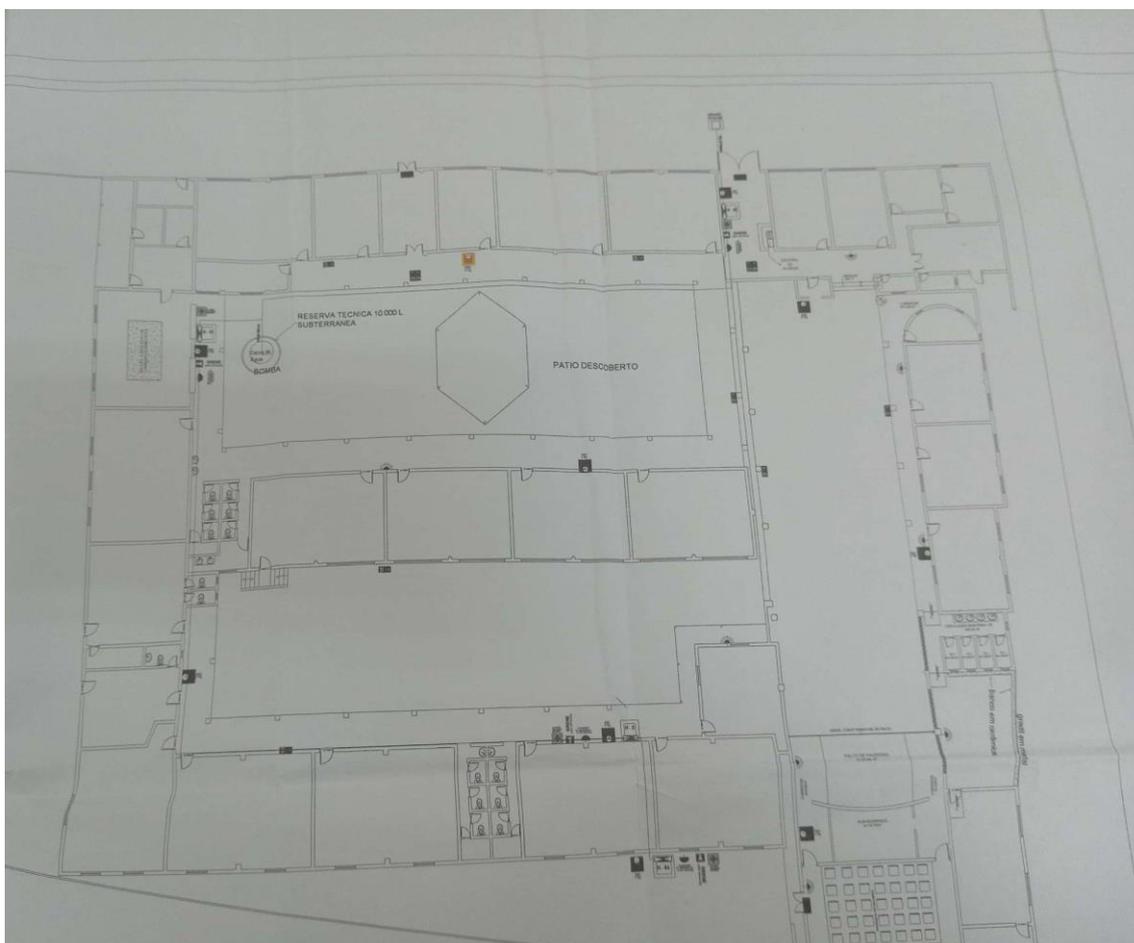


Fonte: Escritório de Engenharia Everaldo Elvas (2007)

Planta De Localização, Isolamento De Risco, Cobertura, Corte e Fachada

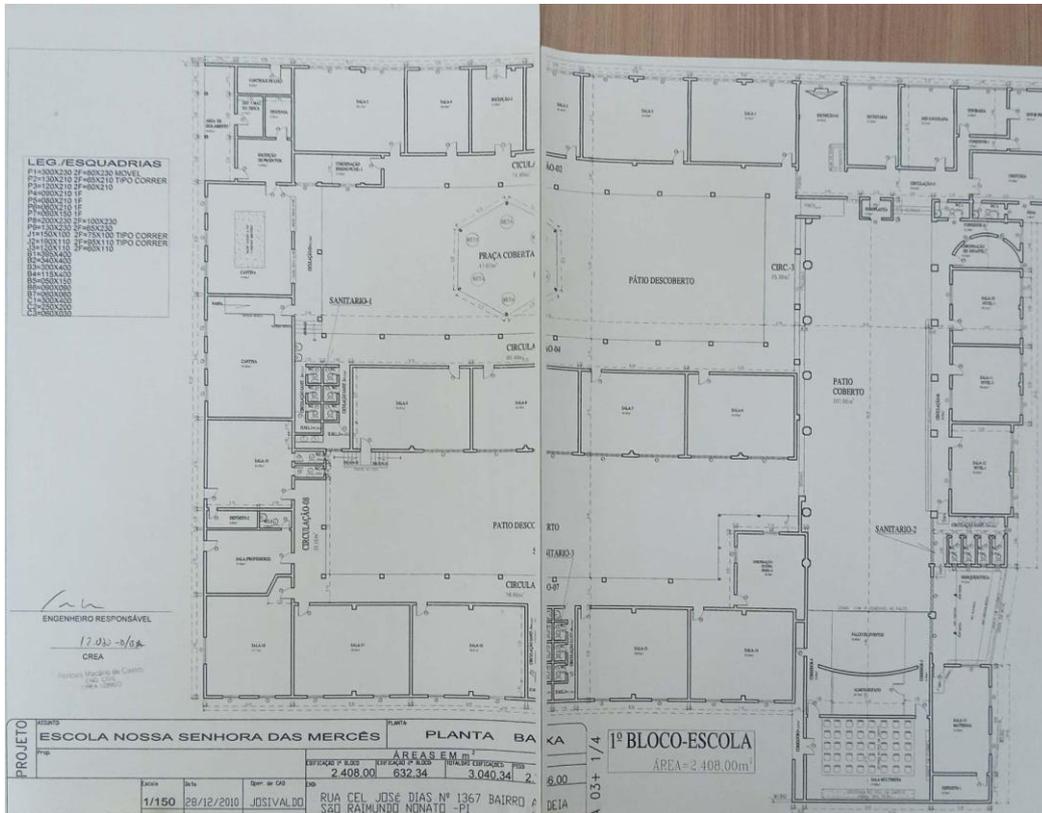


Fonte: Escritório de Engenharia Everaldo Elvas (2007)

Planta De Localização, Isolamento De Risco, Cobertura, Corte e Fachada

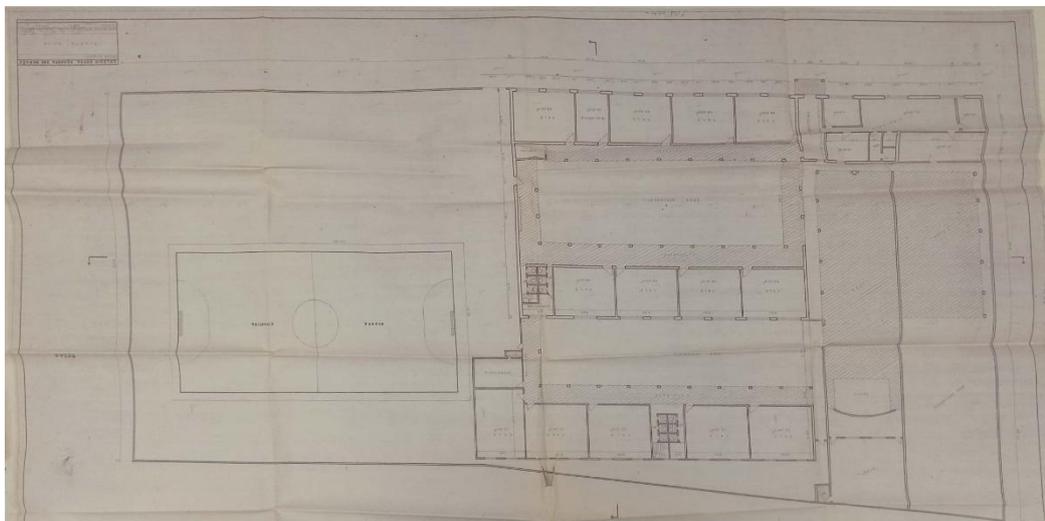
Fonte: Escritório de Engenharia Everaldo Elvas (2007)

Planta De Localização, Isolamento De Risco, Cobertura, Corte e Fachada



Fonte: Escritório de Engenharia Everaldo Elvas (2007)

Planta Baixa Colégio Nossa Senhora das Mercês



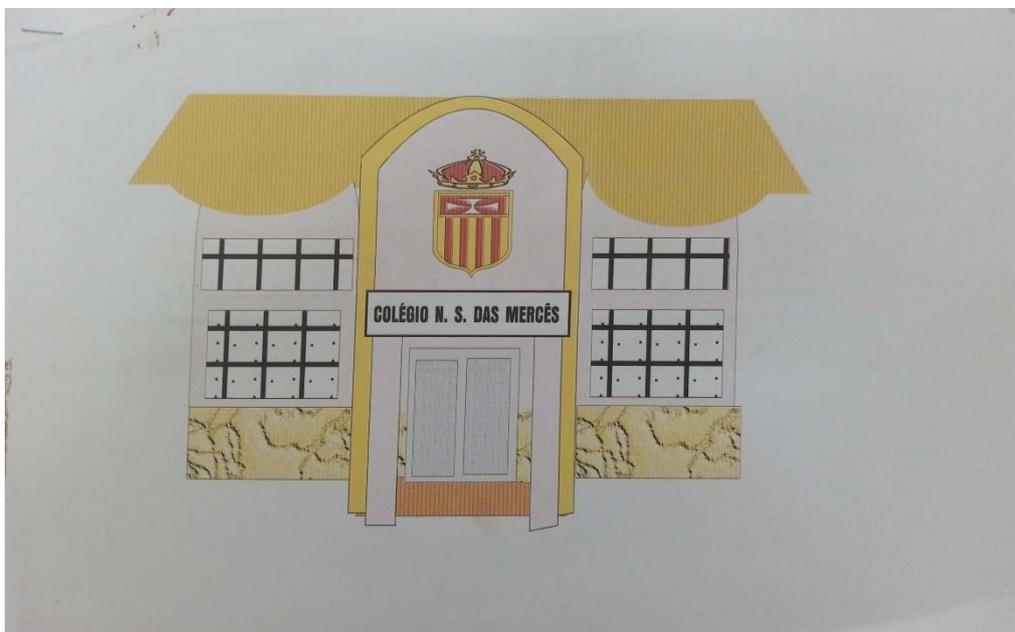
Fonte: Antes das modificações de 2007

Fachadas Nossa Senhora das Mercês



Fonte: Colégio Nossa Senhora das Mercês, ano 1990.

Fachadas Nossa Senhora das Mercês



Fonte: Colégio Nossa Senhora das Mercês, ano 1990.

ANEXO II – ARQUIVOS IRMÃ RAQUEL BORGES

Madre Lúcia Etchepare, Ano: 1940





DOM INOCÊNCIO LOPEZ SANTAMARIA E ALUNAS, 1940.



LIVRO DE FORMANDOS DAS TURMAS NORMALISTAS, ESCOLA MADRE LÚCIA
(DÉCADS DE 1960 À 1970).



1
9
6
2



Isabelinda de S. Ribeiro



Diva Dias dos Santos



Isabel R. da Silveira



Laura da Silveira Dias



Luiza C. Ribeiro



Maria Auxiliadora R.



M^{te}. Leni de Oliveira



M^{te}. Louracy Negreiros



M^{te}. das Mercês Silveira

2^a

TURMA

1963

Homenagem especial



D. Amadeo Gonzalez

Diretora



Ir. M^o Verônica Andrade

Preito de gratidão aos nossos professores



Dr. Abílio Costa



Luíza Cavalcante



Ir. M^o Evangelista



Francesca P. de Castro



M^o Emilia Pereira



Olga Isabel Reis



Thiriste F. de Oliveira



Vanezi de Oliveira

1
9
6
3



M^o de Jesus Mendes



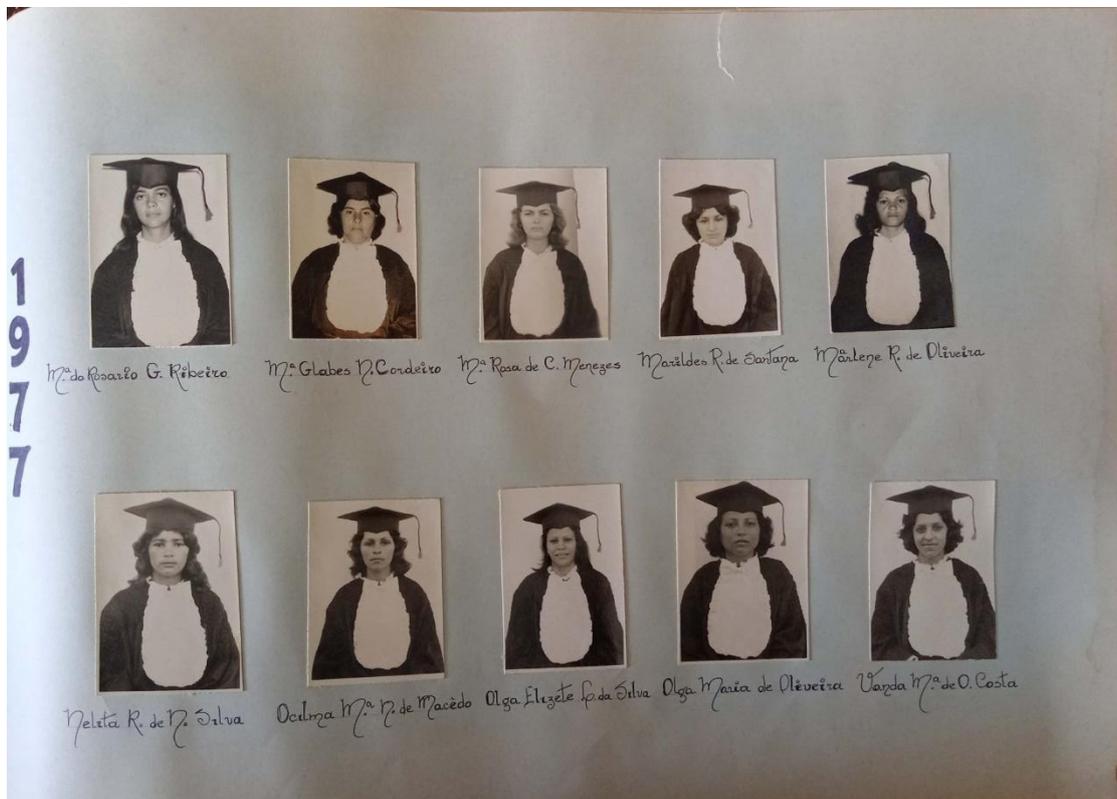
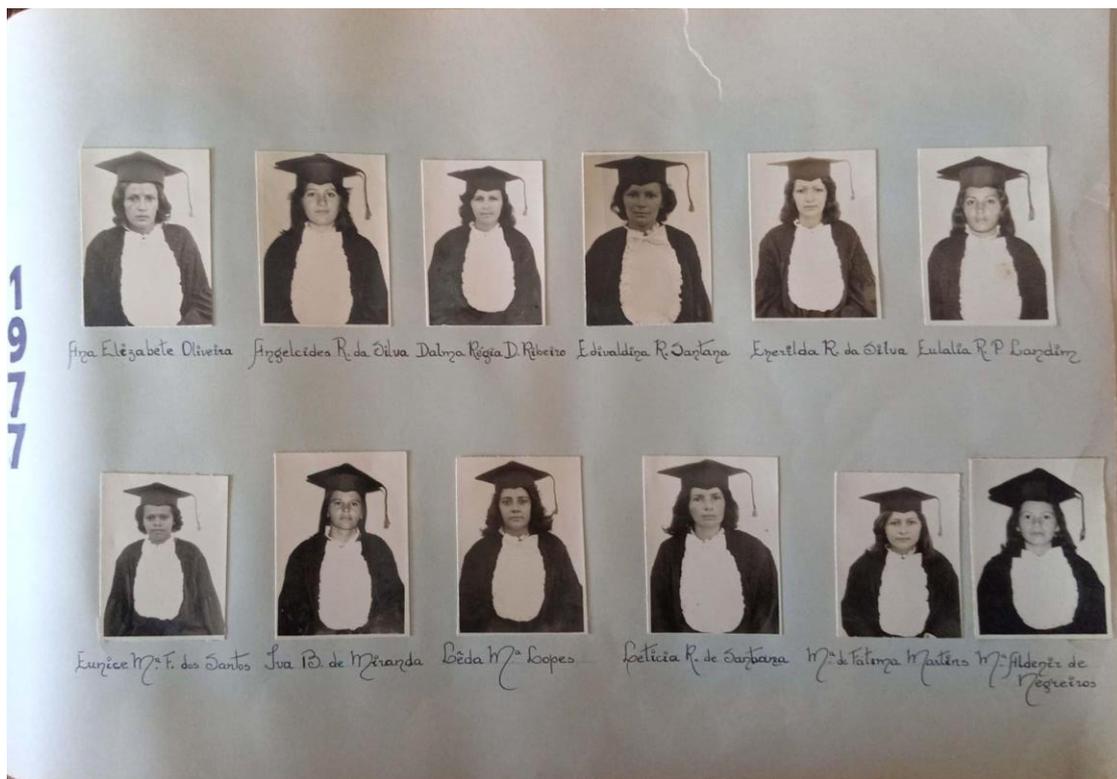
Teresinha P. Silva



M^o da Gloria Barros



M^o Oliveira Figueirado



17º Turma

1
9
7
8



Ana Lucia Emilia da Silva



Geraldina Amorim



Guadalupe da S. Bastos



Jeneise M. dos Santos



Luzia O. Silva



Luzia Deas da Silva



M.ª de Fátima M.



M.ª do Amparo F. Vieira



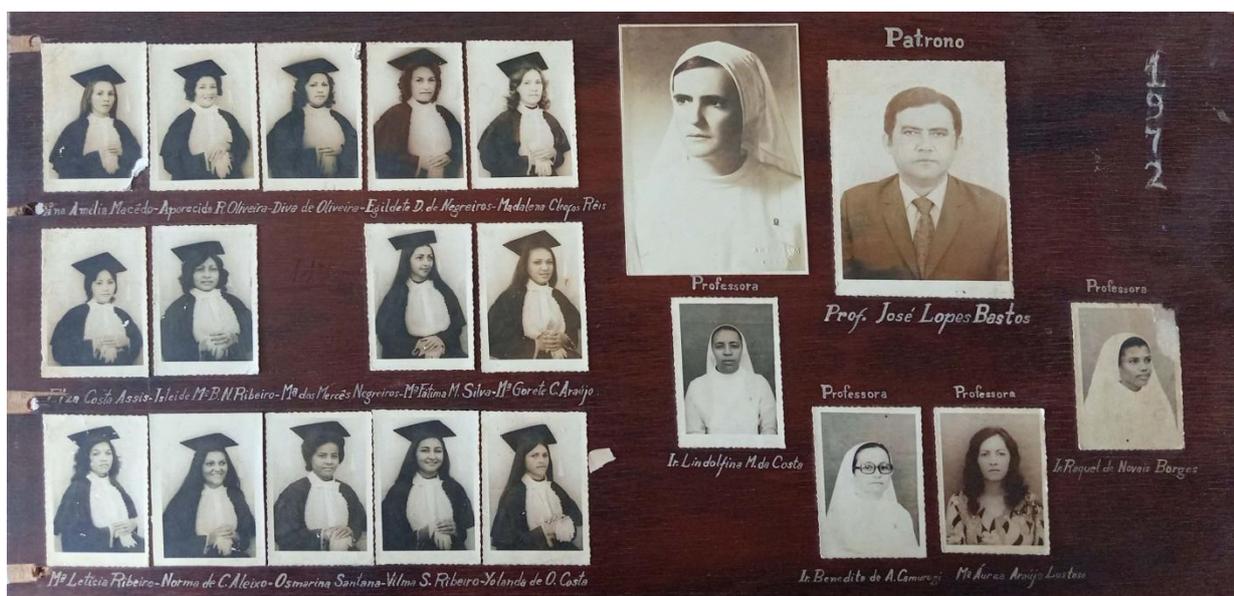
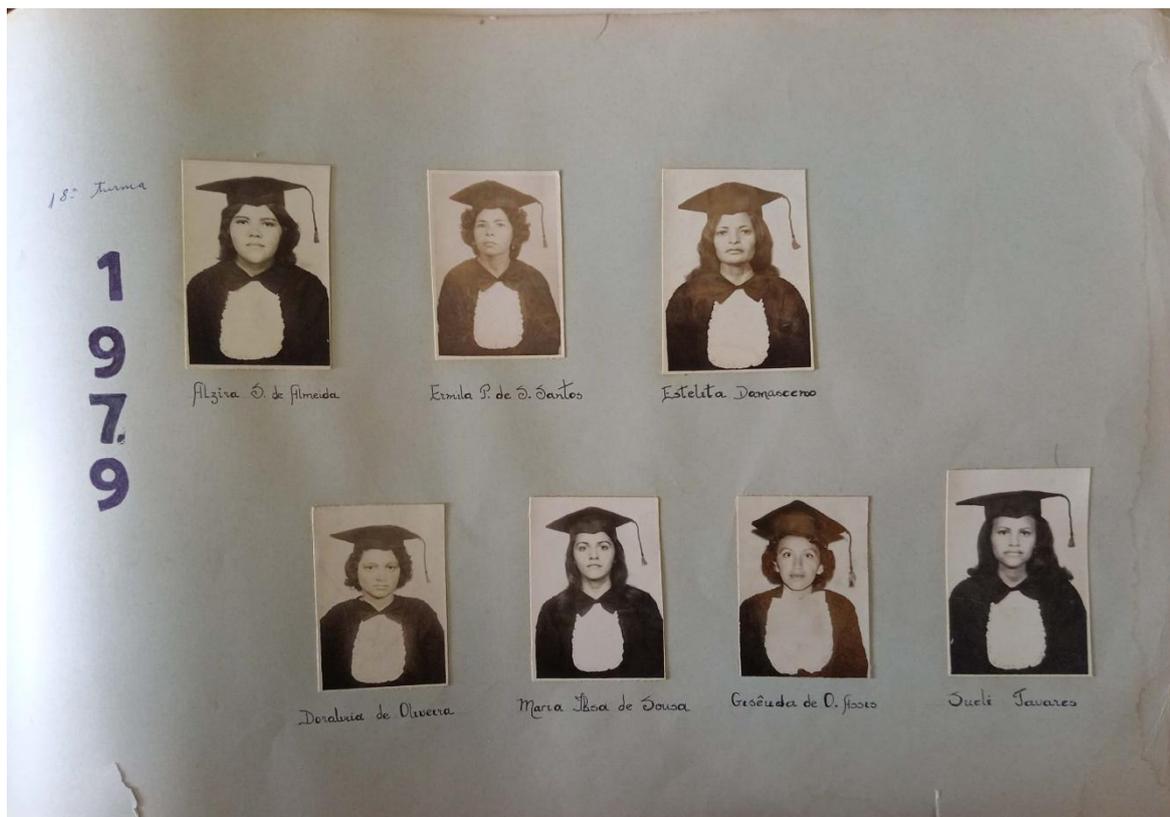
M.ª do Carmo Bastos



Raíza R. do Nascimento



Zildene C. Paes



TERMOS DE COMPROMETIMENTO**ANEXO III – TERMOS DE COMPROMETIMENTO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) Shilton Paes Ribeiro Alves do Pós-Graduação Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do curso da Universidade Federal do Vale do São Francisco, UNIVASF que pode ser contatado pelo e-mail shiltonpaes@gamil.com e pelos telefones (89) 981400892 e (87) 91122312. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com alunos e professores, visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão e estágio da disciplina de graduação intitulada "A ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA NO ESPAÇO ESCOLAR: Um Estudo sobre o Colégio Nossa Senhora das Mercês em São Raimundo Nonato-Piauí". Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Maria Niva Lima da Silva

Assinatura

São Raimundo Nonato-PI, 25 de Fevereiro de 2024

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) Shilton Paes Ribeiro Alves do PósGraduação Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do curso da Universidade Federal do Vale do São Francisco, UNIVASF que pode ser contatado pelo e-mail shiltonpaes@gamil.com e pelos telefones (89) 981400892 e (87) 91122312. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com alunos e professores, visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão e estágio da disciplina de graduação intitulada “A ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA NO ESPAÇO ESCOLAR: Um Estudo sobre o Colégio Nossa Senhora das Mercês em São Raimundo Nonato Piauí”. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.



Assinatura

São Raimundo Nonato-PI, ____ de _____ de 2024

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) Shilton Paes Ribeiro Alves do Pós-Graduação Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do curso da Universidade Federal do Vale do São Francisco, UNIVASF que pode ser contatado pelo e-mail shiltonpaes@gamil.com e pelos telefones (89) 981400892 e (87) 91122312. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com alunos e professores, visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão e estágio da disciplina de graduação intitulada "A ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA NO ESPAÇO ESCOLAR: Um Estudo sobre o Colégio Nossa Senhora das Mercês em São Raimundo Nonato-Piauí". Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Solange Oliveira Negreiros
Assinatura

São Raimundo Nonato-PI, 11 de fevereiro de 2024

Solange Oliveira Negreiros
Diretora
Aut. Port. N° 091/2019
CPF 412.264.963-34

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) Shilton Paes Ribeiro Alves do Pós-Graduação Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do curso da Universidade Federal do Vale do São Francisco, UNIVASF que pode ser contatado pelo e-mail shiltonpaes@gamil.com e pelos telefones (89) 981400892 e (87) 91122312. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com alunos e professores, visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão e estágio da disciplina de graduação intitulada "A ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA NO ESPAÇO ESCOLAR: Um Estudo sobre o Colégio Nossa Senhora das Mercês em São Raimundo Nonato-Piauí". Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Documento assinado digitalmente
 CRISVANETE DE CASTRO AQUINO
Data: 23/02/2024 18:03:01-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Crisvanete de Castro Aquino
Assinatura

São Raimundo Nonato-PI, 23 de fevereiro de 2024.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) Shilton Paes Ribeiro Alves do Pós-Graduação Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do curso da Universidade Federal do Vale do São Francisco, UNIVASF que pode ser contatado pelo e-mail shiltonpaes@gamil.com e pelos telefones (89) 981400892 e (87) 91122312. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com alunos e professores, visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização de um trabalho de conclusão e estágio da disciplina de graduação intitulada "A ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA NO ESPAÇO ESCOLAR: Um Estudo sobre o Colégio Nossa Senhora das Mercês em São Raimundo Nonato-Piauí". Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Raquel de Novaes Borges

Assinatura *Raquel de Novaes Borges*

Diratora Geral

São Raimundo Nonato-PI, 01 de maio de 2024

ENTREVISTAS

01-ENTREVISTA - SOLANGE OLIVIEIRA DE NEGREIROS – EX ALUNA DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

Como era o sentimento Sobre a Faixada da Escola?

A pergunta era sobre a fachada, se tinha algum tipo de liberdade e se sentia. No caso, se sentia encarcerada também ou não.

Não era encarcerada, mesmo porque era tudo muito formal. Era muito formal pelo o próprio traje das irmãs, das freiras. Era muito formal. Eram formais, mas eram todas cobertas. Então tudo era muito cronometrado. Você não podia chegar atrasado. Era assim. Qualquer coisa era motivo de você ser repreendida.

Como era a organização em relação ao espaço físico e escolar entre o aluno e o professor durante o período estudado no Colégio Nossa Senhora das Mercês? Como era essa relação e relação? Como era essa relação autoritária? Já foi falado com autoritário, mas tinha algum. Como a senhora descreve esse momento? Como essa relação era assim?

A gente estudava no primário. Você não tinha essa intimidade com o professor, e o professor era o professor. Tudo tem que ser respeitado. Sem intimidades não existiam, claro que eles não eram grosseiros, não eram assim, não maltratava não, Mas não existia essa, não tinha que ter essa relação. Professor era professor, e aluno era aluno.

Quando a gente era pequeno, os pequenos, as professoras do infantil da primeira série, eles abraçavam, e tinha algumas, mas as freiras não. Geralmente isso acontecia quando era alguma professora que não era da ordem. Elas mantinham tudo em fila de em fila, porque essa história chegava, ia pra fila, saía. Aí tinha um pátio decorando, onde se reunia uma por turma e filas. Então a primeira série, a segunda

série, a terceira série, a quarta série, todos nas filas. E ali você em cima, no palco, estava a diretora. Ia cantar o hino nacional. Cada professora ficava atrás da sua turma. Aí a gente do sentido cantar o hino, rezava, rezava Pai Nosso.

Avemaria fazendo toda essa parte da oração, das reza, depois o hino, tudo. Mas aí depois cada professora recebia em fila indiana.

Para entrar nas salas. As salas não poderiam sair, as carteiras uma atrás da outra, as fileiras. Recreio, saía em fila, voltava do recreio, fazia fila, tinha liberdade, ia merendar tudo, mas cada um levava seu. Fazia tempo que não entrava nas salas, na fila. Então tudo era com fila, tudo era com fila. Só o pedagógico já era um pouco diferente.

Já os jovens eram só mulheres, mas mesmo assim eram fila. Fazia fila, chegava a fazer fila e é para as salas. Como fica a minha imagem que eu tenho no pátio da escola? E fiz tudo. Era fila, toda a gente fazia fila, se era aquela fila. E aí desse jeito não era uma fila.

Em seguida, como hoje é diferente, hoje tá tudo diferente, mas na minha época era dessa forma.

No caso, quem saísse da linha também teria algum tipo de castigo. Bom, lá não tinha. Tinha alguma sala especial para isso?

Não era aqueles castigos de hoje. Eu não me lembro de entender o castigo. Ficar no pátio sozinho. Sabe de alguns relatos nesse sentido? Era mais um constrangimento o aluno. Passar por constrangimento, ou ele era reclamado na frente de todo mundo. No tempo eu lembro de um amigo, meu colega, e é porque eram todos alunos que estavam estudando, todos filhos de pessoas que tinham um determinado poder dentro da cidade, poder aquisitivo da cidade, seja de uma forma de outra. E eu lembro que esse colega meu vai ter dor de barriga e ele quando ele levantou, acho que a professora não deixava ele ir no banheiro. E aí quando ele foi, quando ele levantou, ela não se usava cueca, eles usavam só a calcinha e o short, diziam que era uma

carapuça pra dentro. Enfim. E aí quando ele saiu ele não aguentou. Aí ele fez um cocô, como desceu e saiu. E eu lembro disso. E eu fico e fico imaginando a vergonha que ele não passou por tudo por conta disso. Que você não saia a hora que você passava por constrangimento por conta dessas questões. Então tenha muito isso. Ela deve ter tido muitas questões constrangedoras, mas eu. Eu não. Eu não me lembro eu ter passado. Letícia e Eu éramos estudiosas, eu era focada nas coisas, eu estudava mesmo. Eu sempre fui desse jeito, dessa forma. Mas as colegas que não eram alguém que não era eu, pegava uma delas, botava o castigo e não tinha história de família.

Quando vocês eram disciplinados, havia ações voltadas vocês para determinada religião? Nesse caso, o cristianismo.

A primeira coisa que eram as orações, as principais orações que tinha que fazer no nome do Pai. A gente tinha que ir para a catequese. A gente tinha que ir pra missa aos domingos. Então tudo tinha que ter seguido bem todo esse ritual. Quando você seguiu o ritual religioso na Igreja Católica Apostólica Romana que elas fazem parte, assim como as necessidades, como as orações. Como você também prestava esse momento para estar para o país? Era cantar o hino nacional, cantar o hino do Piauí, cantar o hino da bandeira, cantar o hino da República, cantar o hino da independência. Mas na Escola Normal Madre Lúcia e o Colégio das Mercês, eram escolas para católicos.

Então, pelo discurso que foi passado, era nítida a repressão com relação a certos tipos de pessoas e uma não repressão a outro tipo, né?

Não existia uma sala de castigo. Não é da minha época. Mas você ia para o pátio.

As fachadas do Colégio Nossa Senhora das Mercês provocavam um ar de modernidade, de poder, de liberdade ou de cárcere? Você se recorda das características arquitetônicas internas e externas da escola?

Me recordo, era um ambiente religioso, víamos muitas cruzes. Era uma escola da Igreja Católica das Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil. A escola tinha uma fachada cinza, não tinha colorido.

A ARQUEOLOGIA E ARQUITETURA DO ESPAÇO ESCOLAR DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS MERCÊS EM SÃO RAIMUNDO NONATO-PIAUI.

ENTREVISTA 02

Jaqueline Santana Ribeiro

Diretora Pedagógica do Colégio Nossa Senhora das Mercês

1 – A senhora já estudou no Colégio Nossa Senhora Das Mercês? (Se a resposta for sim) Qual período?

2 – Como você descreve a arquitetura do Colégio Nossa Senhora das Mercês no período que estudava (fachada e o espaço interno)? (Responder somente se a primeira questão for SIM).

3 – Quando foi o início da sua trajetória profissional no Colégio Nossa Senhora das Mercês, e durante esse período até a presente data, quais as modificações arquitetônicas que a escola passou?

4 – Qual o ano e por que ocorreu a mudança da fachada do Colégio Nossa Senhora das Mercês?

5 – Na sua opinião quais as consequências com a mudança da fachada da escola?

6 – Quais as cores predominantes no Colégio Nossa Senhora Das Mercês antes das mudanças arquitetônicas?

7 - Quais as cores predominantes no Colégio Nossa Senhora Das Mercês após as mudanças arquitetônicas e por quê?

8 – Quais os registros que a escola possui (maquetes, fotos, documentos antigos, projetos arquitetônicos, museu na escola, etc)?

9 – Está previsto uma nova reforma para alterar a arquitetura da atual fachada?

10 - Quais os espaços presentes na escola que ainda preservam a estrutura original do colégio?

RESPOSTAS

3 – No ano de 2002. Ocorreu uma mudança interna na área administrativa e na fachada. As janelas eram janelões de madeira e foram trocadas por janelas de vidro, a entrada era feita com duas colunas e uma pequena cobertura, que foi derrubada e a porta de também é de vidro com ferro. Foi construído o pavilhão da Educação Infantil com 05 salas, banheiros apropriados e uma área aberta. Sobre esse pavilhão, construídas duas salas, uma sala de professor e banheiro. Foi colocado uma grade no palco, para maior segurança das crianças, no intervalo deles. Foi envernizada a madeira do pátio e trocado o piso.

4 - No ano de 2007. Na época, a diretora (Irmã Graças) queria algo mais moderno, acompanhando a evolução do tempo e que “chamasse mais atenção”.

5 – Ficou mais bonita, mais atrativa e com uma arquitetura moderna.

6 – A escola tinha a cor predominante o amarelo e alguns setores, o branco.

7 – Verde e azul. Infelizmente não sei o porquê da mudança das cores.

8 – Fotos, livros de registro de alunos, documentos, plantas do prédio antigo e atual, etc.

9 – Não. Se ocorrer, é só para algo que dure mais, como um revestimento nas paredes.

10 – As salas de aula. Mudou o teto e forrou, mas as paredes e o piso (cimento queimado) continuam os mesmos, salvo algumas exceções.

São Raimundo Nonato - PI, 25 de abril de 2023.

Entrevista 03**Filadelfio, ex-aluno do Colégio Nossa Senhora das Mercês****1 – Qual é o seu nome completo, idade e profissão?**

Filadelfio Hoara Negreiros Mendes, 40 anos, estoquista a 19 anos no armazém paraíba, em

2 – Qual o ano e série que você ingressou como aluno no colégio nossa senhora das mercês?

Ingresso no colégio nossa senhora das mercês foi no ano de 1988 a 1999 (primário (ensino fundamental a 8ª série).

3 – Qual o seu período escolar no colégio nossa senhora das mercês?**4 – Na época que você estudava qual era a rotina escolar?**

Entrada na escola antes das aulas tinham os momentos de oração, e cantos. Uma única professora para todas as disciplinas, diurna.

Na parte da tarde, a partir da 5ª série para cada disciplina um professor respectivo.

5 - Como eram ministradas as aulas em relação ao conteúdo naquele período?

Professora Menália, com a disciplina de história, professora regina, com a disciplina de ciências, professora Zezinha, com a disciplina de português, professora Penha, com a disciplina de inglês. Metodologia aberta com participação dos alunos.

6 - Em relação ao fardamento, organização escolar, hinos, e desfiles eram diferentes e rígidos do atual?

O fardamento era exigido de forma rígida.

7 - Qual era o conteúdo dos livros didáticos de história, geografia, sociologia, filosofia, ciências, etc?

Ausência de filosofia no ensino fundamental.

8 – No período em que estudava, na sua opinião qual era a influência da arquitetura da escola no comportamento dos alunos?

A arquitetura do colégio passa a ideia de um monastério, com as capelas espalhadas na escola. Arquitetura com um formato religioso. Como castigo, escrevia em várias folhas a frase: devo respeitar os professores.

9 – Descreva a fachada do colégio nossa senhora das mercês, no período que você estudava?

10 – Levando em consideração que você conhece a atual fachada do colégio nossa senhora das mercês, quais as diferenças ou semelhanças que você pode identificar na fachada da sua época de estudo na referida escola e na atual fachada?

Na época que eu estudava, a fachada possuía as janelas antigas, com gradeados estreitos de madeira, tinha uma pequena cobertura, uma calçada grande. A reforma da época, realizava somente uma pintura. Ausência de desenho nas paredes. Fachada simples.

Hoje as janelas possuem vidros.

11 – Quais as mensagens que e as respectivas fachadas citadas transmitem para você e para a comunidade?

Hoje a fachada transmite a modernidade, para acompanhar a mudança na sociedade. Os pais e alunos exigem uma cara moderna.

No nosso tempo não se importavam com a fachada, não promovia reflexão.

ENTREVISTA 04

Raquel de Novais Borges – Diretora Administrativa do COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

Raquel de Novais Borges (IMMB). Natural de Mutuípe-Ba, onde nasceu em 05 de novembro de 1944. Está em São Raimundo Nonato-PI desde a década de 1970, onde faz parte da Congregação das Irmãs Mercedárias do Brasil. Possuindo a formação em Pedagogia com Especialização em administração escolar e Orientação Educacional Teológica na Universidade Federal do Piauí.

1- Qual o vínculo estrutural entre o colégio Nossa Senhora das Mercês, o Colégio Madre Lúcia e a Creche Nossa Senhora das Mercês?

Na mesma instituição Madre Lúcia funcionava o então Colégio Nossa Senhora das Mercês onde foi formada as normalistas para lecionar para os novos egressos. Sendo Diretora do Colégio Normal Madre Lúcia, atualmente Irmã Raquel é Diretora Administrativa Colégio Nossa Senhora das Mercês.

O Colégio Nossa Senhora das Mercês continua com este mesmo nome que foi fundado por Madre Lúcia Etchepare em 1937. No mesmo ano em que ela chegou em São Rdo. Nonato. Mais tarde quando foi criada a Escola Normal está por uma necessidade social de formação pedagógica e instrução ela recebeu o nome de Escola Normal Madre Lúcia. Até quando foi extinta gradativamente pois foi criada outra do Estado não havendo mais a necessidade anterior.

A Creche Nossa Senhora das Mercês que você se refere foi fundada por Dom Cândido Lorenzo Gonzalez OM para atender as famílias carentes que tinham recursos de colocar os filhos em escolas particulares. Portanto uma Creche da Prelazia. Depois Diocesana. Atualmente está sob a responsabilidade dos Padres Mercedários na Paróquia Nossa Sra das Mercês aqui em São Raimundo Nonato - PI.

Hoje o Colégio Nossa Senhora das Mercês continua com este mesmo nome desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental séries iniciais de 1º. ao 5º ano e o Ensino Fundamental séries finais do 6º. ao 9º ano. Se no futuro for criado outros seguimentos a nível de Educação continuará com o mesmo nome.

Não esquecendo que o Colégio Nossa Senhora das Mercês e Congregação das Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil ambos fundados aqui em São Raimundo Nonato - PI São duas Entidades diferenciadas, porém muito interligadas. Como relatei acima não é o mesmo local embora ambos estejam no Bairro Aldeia o Nosso Colégio Nossa Senhora das Mercês que completou dia 85 anos a Creche Nossa Senhora das Mercês sobre a responsabilidade dos Padres Mercedários tem 45 anos. Ainda existe uma Escola do Município aqui em São Raimundo Nonato com o nome de Madre Lúcia uma homenagem a ela pelo que muito lutou pela Educação de modo especial as Crianças, Adolescentes e Jovens, não só através do acadêmico, pelas artes e o social.

Entrevista 05

1. Padre Herculano, o senhor teve contato com Dom Inocêncio e com a Madre Lúcia Etchepare?

Resp. Dom Inocêncio chegou a São Raimundo Nonato em 1930, quando assumiu com o seu múnus episcopal a Prelazia de Bom Jesus do Gurguéia. A Madre Lúcia Etchepare, vinda desde a Argentina com outras religiosas, chegaram em 1937 à nossa cidade.

Eu nasci alguns anos mais tarde, já em 1943. Desde criança, ainda nos braços dos meus pais, passei a conviver com as imagens, falas e gestos dessas veneráveis pessoas de Deus nas celebrações cúlticas dominicais, sempre seguidas do seu sorriso e palavras carinhosas na porta da Igreja matriz no final das celebrações.

Aos cinco anos de idade, escapei um dia do grupo da catequese infantil e fui pessoalmente pedir ao Sr. Bispo. que me permitisse a 1ª comunhão, consentida, então, somente para as crianças com sete anos completados. E alcancei do Prelado, após uma longa sabatina teológica, sua autorização para receber o sacramento da comunhão. A partir de então, cresceu dentro de mim o amor e a paixão por Jesus Cristo e sua igreja. Aos oito anos, fui aceito pelos organizadores da liturgia para atuar como acólito nos atos celebrativos da igreja. Não larguei mais. Aos dez anos, fui questionado pelo próprio Dom Inocêncio se eu queria ser padre. Respondi que sim. Logo, com outros colegas da mesma idade, passamos a receber diariamente aulas de latim, ministradas pelo próprio Bispo. Durante quatro anos avançamos no aprendizado da língua de Cícero, conjugando bem os tempos primitivos dos verbos latinos e traduzindo as catilinárias e outros textos clássicos.

No final do ano de 1957, Dom Inocêncio, aos 83 anos de idade e acometido de um câncer é levado para o Hospital Espanhol em Salvador, na Bahia, onde faleceu no dia 09 de março de 1958. Antes do seu falecimento escreveu ao Vigário Geral da Prelazia, Padre Jerônimo Marcos que me enviasse, juntamente com os outros colegas da turma, para o Seminário São José, do Crato no Ceará.

Quanto à Madre Lúcia, eu tinha pouco contato com a mesma. Embora, como dito antes, muitíssimas vezes eu a cumprimentava, ou a via nos seus trabalhos, junto das Irmãs da Congregação, na residência que é hoje o Centro Diocesano, na praça da catedral.

2. Como surgiu o Colégio Nossa Senhora das Mercês e se houve cooperação entre os Padres e as Freiras, ou resultou da iniciativa apenas das Freiras?

Resp. A vinda da Madre Lúcia com outras Religiosas para São Raimundo Nonato teve o seu incentivo dado por Dom Inocêncio López Santamaria, para desenvolverem no nosso meio, através da Educação, o seu trabalho missionário.

Tendo chegado, em 1937, a São Raimundo, as mesmas passaram a residir numa pequena e pobre vivenda, situada na "Rua de Baixo", hoje avenida João Menezes. Logo o Prelado Inocêncio conseguiu alugar para essas Religiosas um grande casarão, pertencente à família do Sr. Manoel Policarpo de Castro, situado na Praça da Matriz e com a disponibilidade de vários quartos que permitiam a implantação de salas de aula para a tarefa educativa das Freiras.

Neste grande casarão teve início o trabalho educativo de crianças do sexo feminino, cujo trabalho complementava o processo educacional previsto pelo Bispo Prelado para o desenvolvimento da ação missionária da Igreja Católica nessa Região.

Com o crescimento da nova Congregação aí fundada, em 1938, com o nome de Irmãs Mercedárias Missionárias do Brasil, surgiu à necessidade de um novo espaço conventual para abrigar as postulantes, noviças e professoras da Congregação. Uma vez mais, as Irmãs contaram com a colaboração do clero sacerdotal. Padre Nestor Dias Lima e Padre Manoel Lira Parente, diretores do Ginásio Dom Inocêncio, criado em 1938, e localizado no bairro Aldeia, buscaram juntamente com o Prelado ajudar na busca deste novo espaço.

Havia ali mesmo no bairro Aldeia, próximo do Ginásio Dom Inocêncio um grandioso ponto ocupado por grandes barracões e imensa área de terra que tinha servido para abrigar os candangos do DNOS que construíram o açude da Aldeia em 1912.

Já na década de 1950, estando a referida área ocupada pela família do Sr. Antônio Bitoso Silva, que alegava ser o seu proprietário, o mesmo, então Prefeito da cidade, indenizou a mesma área e a repassou para se tornar o convento das Irmãs da Congregação.

Toda a área do entorno, tida como área pública, foi então cedida para a implantação do complexo escolar de 12 Grau Completo, até aquele momento funcionando, como dito acima, na Praça da Matriz.

O idealismo das Religiosas seria complementar a Educação local com a formação de uma Escola Pedagógica de 22 Grau. Entra novamente aí o papel do, então, Prefeito Municipal de São Raimundo Nonato, Padre Manoel Lira Parente, (1952-1955) o qual, mantendo naquela área o seu escritório particular, doa parte da mesma para a construção da Escola Normal Madre Lúcia. Com ajuda do Bispo Prelado, Inocência López, e mais alguma doação da Adveniat, entidade católica alemã, as Irmãs Mercedárias constroem e equipam todo o prédio, tal como se encontra até hoje. Uma de suas pragmáticas religiosas, a Irmã Verônica assume a direção dos serviços e do aspecto pedagógico.

Cabe salientar o grande papel que a Escola Normal Madre Lúcia representou no processo educacional da cidade e região de São Raimundo Nonato. Centenas de jovens das diversas classes sociais alcançaram no Colégio Nossa Senhora das Mercês e Escola Normal Madre Lúcia o seu diploma pedagógico que lhes permitiu através dos concursos públicos, locais e regionais sua respectiva comenda dentro do Magistério.

3. Qual a tendência arquitetônica que influenciou a construção do Colégio Nossa Senhora das Mercês?

Resp. Não sabemos a razão da escolha da estrutura do complexo escolar do Colégio Nossa Senhora das Mercês. Deduzimos, contudo que se tratou de uma razão prática do aproveitamento da área para o atendimento de todas as atividades escolares conforme exigido por Lei para esses respectivos serviços: Salas de aulas, salas

administrativas e de professores, auditórios, quadras de esportes, piscina, refeitório, cozinha e banheiros etc.

Tendo em vista a configuração geométrica retangular da área a ser disponibilizada, o prédio foi projetado com sua atual e bonita fachada voltada para a Avenida, mostrando um estilo típico dos grandes colégios.

4. Qual sua opinião em relação a modificações nas fachadas do Colégio N. S. das Mercês? Quais seriam os objetivos de tais modificações?

Resp. Passei boa parte da minha vida fora de São Raimundo Nonato. Desconheço, portanto, as razões de tais modificações. Acredito, mais bem, que tais alterações resultaram, simplesmente, do aprimoramento e embelezamento do edifício, conforme as condições administrativas do mesmo.

5. Quais os espaços no Colégio que ainda preservam sua estrutura original?

Resp. Como dito acima, as modificações costumam depender apenas do aprimoramento da área utilizada, permanecendo preservado todo espaço que continua bem.

Entrevista 06**Nome: Maria Niva Lima da Silva****Idade: 76 anos****Profissão: Diretora e Professora em Pilão Arcado Novo**

- 1- Qual foi o motivo que levou a senhora estudar lá? O que qual foi as razões que levaram a esse contexto de de sair de Pilão Arcado para se dirigir para São Raimundo, primeiramente, um depoimento. Contando a sua história, a sua trajetória até chegar hoje, se possível. Nesse intercurso, vou fazendo algumas questões, principalmente sobre a arquitetura do colégio, né? A senhora ainda se recorda de alguma coisa, né? Dessa arquitetura?
- 2- Pronto o nome completo **Maria Niva Lima da Silva**. 76. 76, pronto, com mais jovem, 3 anos. Eu 76. E eu fui para São Raimundo quando tinha a idade de 12 anos. 1959. Se não me foge à memória de 59 a 62. 62. A 62 é que naquela época. É, era lá na cidade velha que nós morávamos e. Naquela época, o os pais, com aquela criação rígida. Racista, né? Não deixava as filhas mulheres, sair assim sozinha para estudar fora e eu terminei meu primário quinto ano primário, 21, jovem, muito criança, jovem, não criança. E minha família? Disse que eu estudar. E como o colégio disse, eles tomaram informação aqui na redondeza de Pilão, existia um colégio de freira, um internato que naquela época. Tinha um, também existia. Né? E Pilão não existiam, não existiam, mas se sabia, né? Que nessas cidades grandes existiam os internatos das freiras? Sim, sim. Aí eles tinha a Barra-Bahia, a Barra. Tinha? São Raimundo Nonato e Petrolina. Onde tinha colégio de freira. Eles optaram por São Raimundo por ser mais próximo, né? Era mais próximo, então ele foi lá. No caso, o pai da senhora. Meu tio, seu tio já não tinha mais pai, minha família, meu pai, eram Dois Irmãos, Dois Irmãos. Meu pai faleceu muito jovem, meu pai faleceu com 36. 36. É bem jovem, deixou minha mãe com 6 filhos. 6 filhos, nós, todos pequenos. Foi? Bom, não, ele tinha problema renal, né? E. E hoje, naquela época. Era difícil o tratamento. É quando meu pai morreu. Quando meu pai morreu e eu fiquei com 3 anos de idade, 3 anos, 3 anos, eu tinha uma irmã mais nova do que eu, que estava com 2 aninhos por aí também, e meu irmão caçula, quando meu

pai faleceu, tinha 8 meses. 8 meses. 8 meses. E meu tio? Ficou como tudo pra gente. A cidade mais próxima nossa era Remanso, era onde tinha comarca e ele veio na comarca e fez lá um. Na época eu não entendi a minha mãe me explicava. Ele fez um documento. Desde se ficando responsável por pela gente como Tutor. Não sei se eu vou falar, eu queria muito bem a ele demais mesmo, mas naquela época, quando se envolvia muitos bens, eu nem gosto de falar neste assunto, mas quando se envolvia muitos bens. Eles eram fazendeiros e Luís a fazenda. Se lidar dessas coisas, eu acho que acho que a gente ficou com receio que minha mãe pudesse casar com alguém com outro, né? E assim, então ele cuidou disso. Ele era um rapaz instruído e tal, metido na política, prefeito já de vilão velho, né? E eu acho que ele tendeu. Acho que foi isso que minha mãe se envolvesse com alguém, mas minha mãe. Mas minha mãe ficou com meu pai, morreu com 36. Minha mãe ficou com 39. Ele era mais velha do que ele 3 anos. 3 anos e. Mas ela nunca se casou. Nunca se casou? Nunca ficou dentro de casa, cuidou da gente e nos criou tudo junto com toda a nossa família. Meus avós paternos, nós ficamos morando numa Casa Grande, entrada e meus avós paternos. Em Vila Velha? Né? Vilão velha, então. Quando eu terminei o primário. Ele tomando essa decisão junto com. O primário, mesmo em pilão. Lá no Pilão mesmo é estudei lá no pilão e.

Optou por São Raimundo, tinha colega das freiras, ele foi. Ele foi antecipado lá conhecer, tornar as informações e quando ele está aquela época. Tem nome, né, né? Sim, 1959 naquela época. Carmo, do colega, freira fazia um enxoval. Elas estavam a relação do enxovalho exato era que a gente iria todas as peças. As peças que a gente precisava do fardamento, as roupas, de ficar no internato interna, o negócio de toalha, lençol, tudo se levava no para o colega da sopeira e ele me levou e eu fiquei interna. Estudei interna. Das freiras? Assim, lá no colégio das freiras, naquela época, eram as irmãs Mercedes no. E no colégio das freiras, ali naquele prédio seco, você é de são Raimundo? Foi naquele pó naquele prédio que fica naquela praça de frente à igreja. Da Inocência, né não? Ali era. É que hoje que é o era o dom Inocência. Não, o dom Inocência ficava lá na aldeia, na aldeia, o colégio do Inocência. Lá tinha a casa de Monsinhor, Nestor mansinho, Nestor hospedava os meninos que vinham de fora. Sim, é, ficava. Naquela praça da igreja, por vezes em são Raimundo. Eu. Eu estou

lembrando assim muito bem. A igreja tem a praça e aqui tem o colégio das freira, ficava aqui do outro lado, vizinha, casa dos Bastos, sim. Né? Daqui, ali na matriz mesmo. Antes era. Matriz era ali, ali era o internato, as freiras, e funcionava a escola normal. Normal. Normal, as freiras administravam o ensino normal, que era que formavam professor, né? Depois que a conclusão do da oitava série e de quinta série de quinta à oitava série, estudava no Dom Inocêncio, que ficava lá na aldeia. Sim. O diretor, na época, era monsenhor Nestor monsenhor Nestor dias Lima. Tinha uma freira que de manhã a gente levantava, se preparava toda com aquela farda. Era saia de prega Comprida, sapato 611, blusa. Manga Comprida. Metodicamente era, e tinha uma freira que levava a gente que acompanhava a gente. Lá, até o da Inocência. Porque quando terminava as aulas meio-dia, ela retornava com a gente e para voltar para casa almoçava, tinha sala de banca, de estudo e tal. Não tinha. Nós tínhamos um professor, professor, Aristón, professor aristón, era irmão de Monsinhor, ele era nosso professor de Geografia. O Ancinho da isto era nosso professor de português. Tinha um professor Roriz em espanhol. Ele casou com uma moça tradicional, baixinho, toda a gente. Aí teve que sair. Né? Daí ele. Ele era nosso professor de matemática. Eu me lembro assim de tudo. Aí antes, Hilda. Rosado era a secretária da escola e era também nossa professora. O vaso de artes tinha uma professora Douinha também dos rosadas. Lá não tem uma família rosada, gente, é, pois aquela família e da família **Bastos**. Bastos? Da família Bastos, tinha professor. Nós tivemos como professora também a doutora Teresa. Astro, não astro doutora ata ou juíza de direito, mulher, esposa, doutor, Valdir, doutor Valdir, era médico. Eu me recordo assim desses nomes, não sabe? Tinha uma professora. Marlene era nossa professora de educação física, Marlene Dias. Que tinha um casarão de seu José Dias. Virada assim, pra pro tanque. Sim, sim. É virada, que depois agora eu não me recordo, falando aqui no casarão de seu Zé Dias depois. As freiras construíram um prédio bem grande lá. Na aldeia, virada pra o tanque. Isso é. Isso é justamente essa parte arquitetônica que eu tô estudando. É, né? Isso internato passou pra. Aquele ano que a senhora. Justamente nos anos que a senhora estudava e. Nos anos que eu estudava assim, de talvez 60 por aí em 60, é, não me lembro bem,

mas eu já estudava lá, uhum. Quando eu cheguei logo primeiro era lá naquele colégio que eu lhe disse primeiro, diferente da Igreja. Matriz na matriz. Aí depois estava na construção daquele prédio. Eu acho que logo no ano seguinte aquele prédio terminou. O internato passou para lá e cá embaixo, naquele de frente, a Igreja Matriz ficou só o colégio de sala de aula. Sim. Ao colégio de aula e o internato, a parte das internas mudou todo para aquele grande que foi construído lá na aldeia, que já ficava virando assim o Dom Inocêncio ficava na outra praça aqui de uma Capelinha também. Assim, uma Igrejinha lá que chamava aldeia, não sei se até hoje. Chamaria, ainda é aldeia mesmo ainda. É hoje é aldeia, pois é, e eu fiquei lá até 60 e. 2. 62. 62, foi 59 à quinta série 60 à sexta. 61, a sétima e 62, a oitava série. Oitava seletiva. Que quando eu terminei a oitava série em 62. Não sei, eu. Eu guardo essa lembrança. Se era verídico isso eu não sei. Diziam, disseram minha família que quem se formasse em São Raimundo, no Piauí, não podia ser professora na Bahia, No estado. Sim, tudo isso. Esse imito, né? Anjinha. Então minha família me tirou de lá de São Raimundo, quando eu concluí a oitava série e me colocou no colega das freiras na Barra, na Barra. Eu já me formei na barra. Já na barra, era as irmãs da Imaculada Conceição. Imaculada. Conceição colégio de freira, também em internato e tudo agora são

Raimundo. Foi um período muito bom. Na minha vida? Eu lembro de São Carlinhos, eu fiz muitas amizades porque nós éramos interna. Uhum. Mas nós estudávamos como dom, Inocência e dom Inocêncio era misto, como se diz, era meninos e meninas. Era, me dou Inocência. Não dou Inocência. Aham, era. De era menino e menino aí quando depois, quando? Quando foi que mudou para ser só meninas? Não mudou ele hoje é só meninas. Não, não está não, não é mais tão, tem a parte religiosa, ainda tem a questão religiosa, mas não, não tem essa separação, não. Eu queria saber. Quando a senhora estudou, era só meninas. Não tem, não. Já era misturado, misturado. Isso, estou isso que eu estou dizendo, que o internato das freiras onde nós morávamos era só meninas internato internados, mas na parte. Do ensino do ensino, você disse, certo, você vai procurar uma palavra na parte do ensino. A gente estudava, mudou Inocêncio e o Dom Inocêncio era misto, era misturado meninos e

meninas, sim. As internas das freiras, as meninas de lá da cidade de São Raimundo, todos os meninos aí. Aí depois, na hora, quando terminava, nós voltava para a nossa morada, que era colega da freira, e cada um ia para seu destino, sua casa. Tinha Laura. Bom senhor Nestor era o diretor. Tinha um padre. Fernando Lopez, era espanhol e tinha um padre. Fernando Cascon era professor.

- 3- Qual era o mais autoritário deles. Assim, o mais rígido?
- 4- Mais rígidos, OLOPS. O peixe. Que o espanhol para Fernando López e o padre Fernando Cascon também era espanhol, mas ele era um padre mais dócil, né? Ele ensinava pra gente espanhol. E isso é que lhe dá baba e padre Fernando Cascon. Ele era não padre Fernando Lopes era professor de inglês e o e o Lopez era de espanhol. O papa Fernando Lopez. Ele era um patrão assim, bem grande, fortão bem paribundo, rígido, que sofre muito, rígido. Todo mundo tem amor, é. É, porque. Que teve lá o ensino separado só para as meninas em 1947, que tem a data de alguns documentos que eu peguei, sim, aí é. Eu não peguei o final que teve a questão do misto, né, de misturar miojo. Quando eu entrei no 59, já era misto. Quase 10 anos depois, né? É, já era misturado. Já era misturado. Meninos e meninas, pronto era, tinha aquela fiscalização, sabe? Não deixava. A gente não tinha muito entrosamento. Não deixava entrosar de forma nenhuma, né? Mas a gente fazia amizade, eu fiz muita amizade lá. Nós tínhamos colega de São Lourenço, nós tínhamos colega de Bom Jardim, Bom Jardim, é isso. Nós tínhamos colegas de. De puro e matar de puro, matar a mesa. Assim, a mesma, uma menina que ficou muito meia-noite e te chamava **Odete Cronenberg** Cronenberg de Curimatá-PI. Nós tínhamos colega de Bom Jesus. De corrente? Tudo tinha Minas que estudavam lá. Todos ficavam internos, né? Uma vez, as famílias optavam por lá pelo fato de ser. Colega degueira interno e a parte do estudo colégio dirigido por. Padre. Sim, sim. Mas quem estudava lá nesses colégios, pessoas que tinham poder aquisitivo sim, melhor sim, que tudo era mais caro.
- 5- A senhora lembra o valor da mensalidade?

6- Não lembro, lembra não? Eu não lembro porque, eu já não tinha assim envolvimento. Meu tio era quem fazia esses pagamentos. Eu lembro que ele dizia assim, ele me deixava. No mês de março, que começava as aulas e julho IA me buscar que as férias quer as férias. A gente tinha o mês de julho, todo de férias. Depois voltava. Aí, quando era primeiro de agosto, levava de volta e nós tínhamos até dezembro. Cercado que entraram na velhice novamente, os responsáveis iam buscar e eu me lembro que, como era difícil. Ao acesso, né de pilão pra lá e talvez também a as outras, eu me lembro que ele dizia assim, minha mãe chamava Carmina e esse meu tio chamava Francisco também já faleceu e eu me lembro que ele dizia assim, olha, Carmina. Eu paguei o colégio de Niva todo. Inácio a junho, quando chegava em agosto, pagava de novo, de agosto a dezembro para manter essa preocupação de de estar, não tinha? Banda e até não tinha inadimplência também porque, por parte do colégio. É aí, assim eu me lembro, mas eu não me recordo da mensalidade. Eu sei que eu ouvia, né? A as histórias quem estudava lá era os considerado meninas ricas, filha de pais ricos e tal. Por causa disso, porque tudo era mais caro. Ficava, era colégio particular. Na época, não existia o público não, né? O colégio público mesmo não, né? CSC acorda ou Shilton chilton? Hilton, eu não lembro. Porque se não me engano, começou a ter 1900 e no ano que que teve a última turma do Madre Lucia, foi em 60. 69, se não me engano, depois eu vejo isso. Eu não lembro porque, apesar de além de eu ser. Muito, como dizem, criança, né? É? Eu interna, a gente não saía, né, gente? Era Sandra. Falou isso? A questão é que tinha sempre a de de sair uma freira com vocês. Era de lá para a igreja, a gente assistia as missas de manhã cedinho ao. Aos domingos na igreja na matriz, né? Na matriz, durante a semana, era na Capelinha de lá do colégio. Todos os dias tinham isso 5 horas da manhã, tocava piscina pra gente levantar, tomar banho, se arrumar 6 horas assistindo. Isso voltava, tomava café para ir para a aula, então. E aos domingos a gente assistia na matriz a igreja. Ela tinha um couro. Quem cantava, cantava em cima, tocava o órgão e nós e todo mundo assistia a missa de linguagem. Então eu não me atentei para essa, eu não sei esses detalhes. Não, não, não sei. É, mas eu me lembro de um dinâmico de pessoas de lá. Eu me lembro muito. Uma época lá tinha um senhor. Que, Ah, não tem um clube grande assim. Hoje em dia, aqui. Um clube bem grande é uma construção, assim, ostentosa, alta, que tem uma entrada que na cova aqui do clube

tinha 11 passagem aqui e aqui desse outro que fazia outra esquina, era a casa de seu **Pio Mendes**, de dona Erudite das Bastos. Sim, eram senhor de muita projeção. Parece que ele era funcionário do correio, se não me engano, que tinham as meninas que estudavam com a gente no colégio. Braga mudou a Inocência e. Eu lembro, e essa família depois vizinho a casa dona, eu tive tinha uma pensão chamada de Primeira pensão, que é um hotel. Hoje uhum, mas chamava pensão e ele é o dono. Era. Seu **Cipriano Braga**, Cipriano Braga Braga. Que tinha também alunos que ficavam hospedados. Hospedados lá. Cipriano. Branco Braga, que AA esposa dele chamava **Dona Lili**, ela, ela tinha 2 filhas que estudavam lá com a gente no colégio de dos filhos, como se dizia, e meu tio quando ia me levar e

tal, é ficava hospedado. Próximo de um, talvez seja um Clubinho. É ali próximo, ali próximo onde. Tu vê se ia, se a mudança se recorda ali próximo, onde era o cartório, se esse cartório já existe nessa época? Não lembro de cartório. Eu me lembro que ficava na frente aqui a rua, né? Um clube aqui de frente aqui para essa rua E esse lado aqui, essas casas que eram virada para cá. Tinha avenida? Aqui tinha avenida aqui, sei pronto e que ficava essas casa que era do povo do Paixão. É na praça do Relógio, então, dona. Teresa. Localizado na praça do Relógio. Dona seu, a casa de seu **Oswaldo Paixão** que vindo aqui era a praça, tinha uma praça grande que tinha a que a gente chamava a cadeia, o prédio que era pra cadeia lá e aqui a praça. Onde é a praça do Relógio? Cercada de comércio e um comércio. Assim diz, o povo chamava de seu Chico fotógrafo, eu lembro que a filha dele era colega da gente. E aqui já tinha saída que. É a rua, tinha que ficar saída para ficar para a Remanso. E Rabin, sim. Isso pronto é para seu relógio. E depois aqui, assim eu andei lá, eu voltei lá umas vezes porque eu passei uns lá na Serra da Capivara, assim eu levei muita. Aula, mostrar. É, e hoje aqui faz 5 anos do nordeste, Gazeta econômica. Assim é o banco. Mudou o banco, claro, é o mudou de lugar. OA caixa, que era ali próximo. Mudou também. Mas aqui na esquina, e faz a esquina pra praça e era um bar assim, um bar bem grande assim Indaiá ali Juliano Indaiá no bar. Quero samba, Juliana, eu. Acho, é, pois eu sei que aqui ficava e já depois que eu estou morando aqui nesta cidade que voltei lá com esses passeios na **Serra da Capivara** é. Meu esposo encosta assim, gostava de farra, de cerveja e a gente parava lá. Nesse prato, andar com uma cerveja assim e tal. Aqui nessa Benê. Uh-huh. Aí eu me lembro. Que tem as tem as padarias tem a farmácia, sim, a padaria ainda é da mesma época que a senhora fala? Talvez é não lembro. Tem uma padaria que é bem, bem de antiga lá. Ainda tem assim na esquina aquele prédio que que naquele tema a gente chamava a cadeia que era a. Cadeia ali já foi. A prefeitura já foi prefeitura, já mudou. Já a cadeia foi a cadeia, foi a prefeitura de são amigos por muito tempo. Hum, aí hoje é a Secretaria de educação é lá prefeitura mudou, já passei dá pra Renata. Sim, pois é. Aí eu lembro, então eu não lembro assim de colégio público. E colégio por cento, né? Acho que é já para. O final da década de 60 mais ou menos assim. Eu saí de lá. 62. 62. É, e 62. Pela questão do motivo de se formar lá, e não EE. Disse que não puder ser professora na Bahia.

Se não, a senhora teria feito é o. Oo. Naquele, o mais. Giro Madre Lúcia, no caso. Sim. Sei que esse funcionário no mesmo prédio, né? Isso de tarde pela. Tarde? Pronto que eu iria perguntar também para a senhora quando está no roteiro? Não? Mas eu IA perguntar, se a senhora conheceu a irmã Raquel no caso? Mas eu acho que não é da mesa. Na minha época, quem era amado chamava Madre superiora e vamos dizer que era aqui, tipo o diretor, né? Sim, é da do copo das freiras. Era **Madre Verônica**. Verônica, assim o pessoal fala, fala. Muito Madre Verônica, bonita, freira bonita, e ela tinha uma irmã, irmã de sangue que era freira também irmã de irmandade, que chamava irmã Evangelista. O nome dela tratado não era de irmã Evangelista, Madre Verônica era assim. Ela perfeitinha. E tem umas fotos aqui. Tem um rosto lindo e magra, irmã Berone, que era grandona. Ela, nós pegamos muito avisada, ela que cuidava de mim, a irmã, a irmã Evangelista. Evangelista. Era Ela, cuidava de mim. Eu lembro que quando eu fui para lá, eu tinha o cabelo bem grande, minha mãe. Consegue dar um trabalho, né? Com o cabelo grande, fazia umas tranças, isso lá no piranvel velho, né? Quando eu morava lá, quando eu fui para lá, colega das freiras. Aí era uma dificuldade que eu não sabia, pentear o cabelo, fazer essas tranças. Que aqui a foto da. No prédio que a senhora falou, só que está um pouco ruim. A sim aqui é do livro que eu peguei, que eu fui lá escola normal com a irmã Raquel, né, Hum. Aí fui tirando os caninos. Sim. Mas aqui é só dado para o pessoal que estudou no colégio. Sim. Não tem registro, pelo menos ela não me não, não tive acesso. Ela não mostrou. Se tiver, talvez ela não tenha me mostrado. Mas aqui sou do pessoal normalista. Sim. Porque dos internos elas não iam assim, porque a gente não tinha essa divulgação pública. Não, não, nós não tínhamos. A gente era pra esse mesmo, rapaz. A gente ficava ali. Aqui era só do pessoal que era formado, que era de lá mesmo. Que não, que saía de outra cidade, mas aí já era uma exposição porque estava se formando, formou. Isso, isso aqui não. É a parte interna. A chamava, escola normal, as a parte interna de moradia de da gente morar, viver ali dentro. Aquela parte ninguém tinha acesso, não. Porque até a parte da das freiras era clausura. É uma Verônica bonitinha, linda. Já a irmã Evangelista é aquela senhora grande. Ah, esse aqui, Lima Evangelista. Isso, menina, é uma freira, assim, mais tirada, rústica e ela que tomava conta de mim ela, né? Ela essa que ela tinha um cuidado comigo, carinho. E ela fez

uma carta pra minha mãe pedindo a autorização de cortar meu cabelo porque eu não sabia pentear e dava muito trabalho. E é, e a senhora tinha o que era? Quantos anos? Eu tinha aí 13 anos, 13 anos, eu fui pra lá com 12. 12 13 14. Eu saí lá com 15 anos. É aí eu sei que minha mãe autorizou pelo jeito né? Uhum e cortou assim mais curto. Aí ela penteava meu cabelo pra poder de manhã eu ir pra água, né? Ela cuidava assim de mim. Eu me lembro da comida eu aprendi comer. Almoçar. Comendo rapadura, feijão com rapadura era um hábito. Na época, eles botavam a comida da gente. Aquele prato tinha se feito EE, botava um pedacinho de rapadura do lado ali. Acho que ali era a sobremesa. Quando a gente ia, a gente levava a merenda pra pra esse corpo que tinha, né? Uhum. A gente levava, minha mãe, mandava as cachona com requeijão, doce de leite. Era umas cocadas, uma cambraia que fazia antigamente uns beijozinho todo cortadinho. Assim, bem bonitinho, sim, bem torradinha que beijou ele durava assim 2 meses. Era um tipo uma cambrainha assim, bem para Franca que a gente ainda acha para comprar essas padarias e quando a gente chegava lá, entregava tudo para as freiras. Era azul? Assim, elas administravam. Era assim. E para tomar banho? Tinha uma cisterna? Dentro de um caldeirão que era o de aparava. Água da chuva que era Água Doce que a gente bebia, era do Caldeira. Né? Isso aí já No No, Na Na mudança, né? Essa lembrança da senhora ou ainda no antigo? No dia no antigo e tinha no novo porque o sistema de. Arroz. Sim, era assim. Toda a casa tinha um caldeirão que era esse que aparava a água da chuva pra beber e tinha uma cisterna que a água dele era salgada, uhum e tinha uma cisterna. Dessa cisterna que a gente tirava água para tomar banho diário era dessa cisterna e a água do caldeirão era só para beber e no sábado elas davam um balde assim dessa água do caldeirão da Água Doce. Uns cada sábado, nós tínhamos direito 11 balde da Água Doce para lavar o cabelo, para lavar o cabelo, lavar o cabelo. Se lavar com uma salgada, era. Era provável, era um desastre. Aí o banho era para essa água do da cisterna que era água salgada, jogava o balde numa corda no fundo. Lá no fundo, enchia e puxava. E puxava ali, despejava o outro e todo mundo levava o seu baldinho pro banheiro, tomava banho com aquele balde e saía aqui. Era uma fila na ordem do banco, o banheiro. Com essa água, eu tenho uma história engraçada. Apontado, eu menina, 11 anos. Eu não tinha costume. Tinha um senhor que carregava água para lá. Ele

fazia as compras de lá no colégio. Ele chamava seu Emiliano. Ele é judicioso em de idade. Assim a gente se atentava ele muito, mas ele era assim, bem macaco e cá e. Ele puxava a água pra gente. Tem experiência, além de eu ser cuida criança, eu não tinha aquela experiência. Nascida no Rio São Francisco, uhum, não é? E um dia, eu joguei o balde. Pra pra pegar água. E a corda do balde quebrou e o balde ficou no fundo. Aí foi todo mundo ficou com medo e ninguém queria descobrir quem tinha sido e. Fazia. Quero me chamar Maria Lima Maria liva, você vai ser expulsã. Você vai ser expulso. Eu, menina. Aí eu comecei a chorar, e aí A Freira veio perguntar. Tinha então Margarida, irmã Margarida. Ela não tinha formatura, então ela cuidava da cozinha. Principalmente de limpeza. Humilde. E perguntando, aí eu disse, o que elas estão dizendo, que eu vou ser expulsã, que que eu joguei o balde? Mas não foi o que eu quis. Eu sei que a irmã macreãnga. E quem foi? Quem foi todo mundo calado? Todo mundo, todo mundo ficou com medo, né? Todo mundo com medo, aí ela botou nós assim, numa sala dessa, com as carteiras, tudo em círculo, botou todas as internas, nós não éramos muito não. Nós éramos assim, uma turma de. Nos anos de 1940 era um era, sim. Mista? Menino menino. Só ninguém. Assim, no caso, era só na parte da do e terno. Né? Era aí na parte. Interna da moradia? Da moradia da moradia que pagava a cara. Aquela hospedagem linda. Já no colega das freira, já na barra, eram muitas. Eram 300 exames mais cada um, cais, um raio livre que era. Era assim, umas 30 uhum e por todos nós nessa sala. E apagou a linguixa? E uma bacia de água lá No No. Reservada? Para todo mundo colocar a mão nessa dentro desta bacia. A mão e saísse azul. Era a mãe que tinha deixado o balde cair na cisterna, Hum, e a mão que saísse limpa é porque não botou na cisterna. Eu disse à irmã que tinha sido eu. Uhum, mas ela não acreditou. Ela achou que eu estava assumindo a culpa porque as outras tinham me ameaçado, minha metrôcado, porque eu era pequeno, eu tinha 1213 anos. Era uma das mais novas. Né? Quem era e tinha outra tinha essa Odética de campo do Buriti. Ficando bonitinho, ela era novinha também a Cronenberg. E? E eu meti minha mãe na Garcia. Quando acendeu a luz? Tinha? Umas 1215 com a mão toda azul, aquela tinta azul e outras com a mão branquela branca, Hum. As que estavam com a mão Branquinha é porque não colocou a mão lá dentro daquela água, era era. Depois a gente vai analisar. Elas não colocaram, não

foi nenhuma delas, mas ficaram com medo. Uhum. Assumir responsabilidade. Né, de assumir eu por ingenuidade ou não, tinha sido eu. Eu já tinha confessado, mas A Freira não acreditou porque ela dizia assim, quem fizer Oo malvento que era o errado na época, dizia o mal feito e. Isso não tinha castigo, então tudo o que fazia, eu dizia, foi eu? Para não castigar as outras. Mas aí, quando eu vi minha mão azul, eita. Mas eu dei uma crise de choro e tal. Aí ela mandou aí o que que era? Mantém todo mundo, colocaram aí eu vi que tinha mais ou menos umas 12 ou 15 com a mão também, tudo azul. De surf, como é que ficou ácido, se sou eu julguei o balde, aí era. Aí ela deu aquele sermão e ela viu que as que estava com a mão branca, porque não tinha em foro, mentiu, não tinha sido elas, mas também ficaram acontecendo e colocar eu sei que ela deu aquele sermão. E chamou nós da mão azul? Liberou aquelas E chamou nós da mão mais um. E fui perguntando a cada uma quem tinha sido, Hum, e elas diziam fui eu, fui eu contigo na minha vez, eu disse, foi ele e como foi? Foi porque você quis? Eu disse, não, eu joguei. E elas tinham assim 11 certo carinho por mim. Eu percebia que elas tinham um certo carinho por mim primeiro. Isso, diferenciava. Né? Sim. Sabia que eu vim? A filha dele criada, né? A família do prefeito era o prefeito que me levava, era o prefeito de me buscar essa questão assim. Hoje eu, eu analiso isso. Os presentes que meu povo mandava, né durava, matava o boi, levava aquelas Carmona pra elas lá de presente, então eu sentia aquela uma certa carim por mim e por outro lado, eu era um menino. Eu era atenciosa, modéstia à parte, mas eu era atenciosa. Eu era estudiosa. Eu. Eu era 11 menina aluna, boa parte da. Parte lá do colégio também, monsenhor. Na história era assim, todo mundo tinha uma referência comigo, eu sentia isso. Porque? Respeito, tinha comido e com essa Alberti Kronberg. Ela, em caso ela deve ter idade da senhora no caso, né mais? Ou menos agora, eu não sei se ela ainda vive. Eu perdi o contato, eu tinha uma amizade muito grande com as filhas de seu Osvaldo paixão, o seu imundo mesmo, de são Raimundo, tinha uma menina que era se chamava sinhazinha Sinhá. Ela tinha até uma trufa. Sim. De dia especial se fosse hoje, dizia que ela era especial, ela te. Ela era bem redonda. Ela não era mongoloide não, mas ela era gorda. Sim. Tinha aquelas Fernanda que diziam que ela tinha um desenvolvimento. Na época, dizia que ela era daquele jeito, que ela tinha um desenvolvimento da tireoide. Mas ela tinha

um, tinha 11 menina, chamava silvô. Silvô. Também professora lá há muitos anos, filha de seu Osvaldo paixão. Sim. Sim, bonitinha, morena. Toda que se o vô casou como um rapaz de lá também, eu o nome dele, esqueci agora. Mas eu me lembro de tanta gente. É, mas perdeu contato com algumas. Eu perdi totalmente. Totalmente. E depois que eu comecei a voltar lá, eu vou. Lá nas excursões, assim nos passeios, eu nunca procurei ninguém mais. Sim, uma época. Eles fizeram 111 anos do Desfile de 7 de Setembro. Com as armadas? E o colégio? Outros 80 anos, Hum, do 80. Anos, não sei se foi assim que ele assistiram realmente. Todas as alunas fizeram até um pelontão de todas as ex-alunas. Mandaram pra mim o convite, mandaram todo eu e ainda me organizei para isso e na época não sei o porquê ou porque não, eu não fui, não fui. Mas depois, se o vô me mandou as fotos de todo o livro no desfile, mas eu não fui participar, me organizei, fiz a farda de novo, a farda de galo. Mas eu não fui. Ele pesar, mas foi numa época muito boa na minha vida que eu passei lá. Eu tenho lembranças maravilhosas. Deixa-me ver se eu encontro aqui mais imagens pra senhora, deixa eu ver. Tem algumas imagens aqui. E também desse livro que eu mostrei. Um abraço frio das freiras. As alunas, não é? E assim, só olhando assim, mas. Não dá para reconhecer. Não dá assim, só olhando assim não dá. Não dá para reconhecer. Aqui, devia ser na parte antiga, na parte, na primeira parte que a senhora. Falou, né? Mas de mudar, sim, sim, poderia ser. É a senhora tem uma alguma memória da madrugada alguma, alguma história? Não. Madrid, Lúcia, não. Não, só me lembro de Madri, Madri, Lúcia. Não fui de bilheteira. Não foi, não fui. Porque de meu tempo, fui

Madre. Verônica Madri Verônica já era Madre Verônica. No projeto, Madri, Lúcia deve ter sido depois de Madre Verônica. Acho que sim, antes depois, depois. Depois, ela deve ter sido depois. Mas eu tenho lembranças boas mesmo. Me acordo. Muito. Boa, algumas meninas, e devia ser na época que era só. Menino, é. Na Na, na parte em que era a próxima à Igreja a igreja que é uma preguiça é. Uma vez que eu andei lá, eu andei lá na missa. De dona silvinha? Que era mãe de Carlos Palmeira que mora ali naquela praçona também da igreja Martins, mas. Eu quase não reconheço a igreja. Fui professor da senhora, não? Quem é esse aí, José? Quem? José Lopes Bastos, não, não, aqui já está aqui também. Já dá. As normalistas também é normalista. Mas foi um perigo. Bom, eu saí de lá

e. 62, e fui para a barra. Da barra é e durante o período de estudado, lá no nessa parte que eu falei Na Na parte da mudança, quais as as imagens arquitetônicas, as lembranças arquitetônicas que a senhora se recorda que a senhora pode é identificar? Cada um de cada embaixo lá para um colégio grande, sim. É, foi bem melhor. Foi bem melhor a mudança. A mudança tinha mais espaço. Mais espaço, colégio grande, mais espaço, tinha um muro muito grande que a gente tinha Recreio, né? Podia ficar especioso era, apesar de todo murado, né? Eu tenho um pé quebrado que quando ele fica muito tempo com o Salto eu fico em pé. Daquela? Fatura, ainda tenho assim. Aquela sensação de incômodo, e eu quebrei esse pé é não fui eu assim, o muro com aquele colégio alto e passava, é um menino toda a tarde, por volta de 4 horas da tarde, gritando pão vendendo pão e ele gritava muito lá na porta do colégio. Apesar de que o pão fornecido no colégio. Seu Emiliano é quem buscava. Uhum. Mas ele passava gritando este pão. E elas como eu, era menina. É me da era. Eu era pequeno, porque até hoje no crescimento e. Temos. Uma, essa música querendo saber de onde está.

Aí estava falando da questão do do muro. Aí elas faziam que uma grande e forte ficava em pé no muro aqui em pé e outra vinha e me colocava aqui nos ombros dela em pé, porque eu em pé No No ombro de outra, eu alcançava Oo ouro, pular de fora e aí a gente comprava o pão, comprava pão escondido de lá fora e o menino bebia, IA pegar. Já tinha cliente certo, né? Tinha cliente certo? E aí a gente quando foi desse dia tá lá uma engraçadinha, gritou, lá vem A Freira, Hum, aí a de baixo. OK? E eu só com as mãos, eu fiquei em cima, me desequilibrei, aí eu caí, eu caí, quebrei meu pé, aí eu pronto, eu gritei, gritei, foi o que chamou a atenção da freira. Porque não tinha aí A Freira, tens que ir mesmo. Aí vieram e tal, e eu não fui penalizada porque elas sabiam que eu estava fazendo o que as outras mandavam, né? Eu estava aqui dizendo. A de baixo, ela se forte e eu fiquei, me levou para o hospital aqui no hospital. Que me lutou, Abílio, eu tive os médicos. Eu sei que enfaixou meu pé, tinha? Um negócio assim, nesse tempo não existia gesso, não, mas era. Era umas talinha assim. Botava uma estala, Era Eu sei que ele enfaixou, voltou. Essa está linha no meu pé e A Freira deu um castigo nas outras. Sabem como? Vim andar comigo nas costas

de me levar. Era, faziam assim uma cadeirinha. Me lembro como se fosse hoje, ó 2 fazia assim, a outra dele lá cruzava aqui e eu sentava aqui no meio, me levava. Propondo o senso pra aula nos braços. Assim, dessa forma me levo, andavam comigo lá dentro do internato, queria pro banheiro na hora do banho, o refeitório, a comida, o refeitório, era meio zona e era vinha todo mundo. Ela se fazia dos pratos de todo o horário, da refeição, do café, almoço, janta, tudo fora do gancho. Tudo era nesse refeitório. E foi essas. Coisas a lembrança, né? É as lembranças que eu tenho, porque lá era grande colégio de cá de cima A parte. É porque a senhora fala da Inocência, mas é porque tinha aula também do dom Inocência, no espaço novo. Porque do espaço novo, a parte de aula. De aula? Não era no espaço onde a gente morava a gente. A gente estudava no ginásio dom inocente. Do inocente? Pronto era, a gente ficava nas freiras. Só morava. Só morava, só morava aquela parte. Porque hoje tem um colégio que fica é, tem a, tem, tem a avenida, né? E no outro lado tem uns dormitórios também, né? E tem uma parte delicada, a Madre Lúcia, que tem vários objetos dela guardado, tem mala bem antiga, né? Tem, tem um órgão também que ela tocava e tudo tem vários, vários vestígios desse formato aí. Eu não conheço essa parte aí. Pronto. Aí a parte que a senhora se refere, qual seria mais ou menos um? Você tem um aqui. Exato onde eu fiquei. Era assim o prédio aqui. Uhum. Daqui pra cá, eles dormitórios. Sim, pronto. É aqui tinha a parte do dos banheiros da sala pra cá, tinha cozinha, o refeitório e a gente IA ir pra lá, um muro bem grande, que era um murado e aqui a gente morava aqui, levantava, fazia as refeições, saía deste portão aqui seguia. Lá na esquina de seu Zé Dias, a gente dobrava. Para ir para o Colégio do Inocência. Que ficava? Em outra praça, outra coisa. Uhum. Na minha época está nesse espaço, não tinha? Aula não tinha aula, não tinha. Aula era só a residência, era só a moradia. Depois virou colégio lá. Foi, foi. É, acabou o internato. Fechou o internato, tá? No hoje não existe mais internato. Não. Pois é, fechou o internato e virou só colégio. A senhora lembra? O tempo lembra o ano. Que fechou o internato. Eu não lembro, mas. Se eu sair de lá em 62, talvez por 65 por aí já deve ter fechado o internado. Que ainda tem algumas freiras. Ainda que ainda vem a fazer em administração, é claro, porque é uma rede, é. Nacional, né? É. Universidade é, mas a gente vai pesquisando, vai abrindo outras brechas. Aí tem. Enfim. Porque é de minha natureza eu

gostar disso, de minha formação ou porque eu convivi com elas lá. Uhum, porque minha casa dá, por exemplo. Eu gosto de coisa antiga. Sim, eu sempre tenho as fotos. Eu vi as fotos. É, eu gosto de coisa antiga, minha casa é as paredes é de Pedra. Que eu gosto de coisas antigas e tudo. Eu não sei se foi a convivência. Eu gosto muito de dizer assim, o que eu sou hoje a minha formação? Eu devo primeiro a minha mãe. Minha mãe soube muito bem. Minha família era aquela família de tradição que criava com rigidez e, em segundo lugar, a educação do colega das feiras, não. Existe uma educação. Melhor. Porque educação de freira, de Orestes de freira. Você aprende. Tudo. Você aprende desde a parte de comportamento a parte de educação, de falar. De sentar? De se posicionar tudo isso as freiras ensinavam pra gente. E a parte intelectual? A parte intelectual, o ensino era maravilhoso. É português? Uhum. E a outra parte de formação? A gente formava, um caráter, uma personalidade, aquela educação rígida. Você elas ensinavam você sentar toda com aquela constituída se. A gente saía de lá, refinado.

É como se a gente entrasse assim. 11 bolinho de cera mal feito, uma agenda, e elas iam moldando, moldando, moldando, que quando a gente saía. Ser perfeito, não porque é perfeito, só existe Deus, né? Mas a gente saí. É um ser maldade, sabia falar, sabia se apresentar, se comportar. É sempre tem quedas que não muda, né? Porque diz que ninguém muda ninguém, mas molda um pouco aquelas mais escabanadas, mas aquelas outras que já tinham uma tendência assim é. Eu gosto até de dizer assim, quando eu me formei, quando eu cheguei lá na velha pilão. Além da criação rígida da família e saindo de um colégio de freira. Quando eu cheguei primeiro, bicho homem que eu vi na minha frente eu me apaixonei. Eu me casei com com com meu esposo. Assim com 15 ou 16 anos. Não. Aqui é cedo, depois foi pra Barra. Clássica foi pra Barra. Eu me formei com 17 anos, eu me formei em 60. 65. 65. Eu me formei em 65 em 64 no ano daquela revolução. Sim, de 64. É, eu estudava na barra. No dia 30 de março, na madrugada de 30 de março, para 31. A barra foi invadida. O colégio das freiras? E já todo mundo vai apavorado. As freiras com a gente, isso em 64. Eu me formei em 65. É. Porque se sabia que eles, os homens, iam invadir. Pra estupar todo mundo era. Foi aquele desespero, mas Deus foi tão misericordioso naquele

dia que quando ele já estava invadindo o colégio. Derrubando porta mesmo eu vivi aquela. Senha tá em barman. Nada. Eu vivi aquela cena, olha. Havia um no ar. No céu da barra, 5 avião, avião e aí que já era o exército se movimentar, se movimentando, porque eles deviam ter as Fontes de investigação e tudo, né? Sabia que a barra tinha um foco dos comunistas na época que se chamava, né? Tinha um foco, então a barra foi um dos lugares que ia ser atingida. E então, e foi um dos lugares que o exército baixou também, logo, primeiro, e aí eu sei que eles correram, nós ficamos salvos e foi onde a gente presa. O exército ainda chegou a prender na Barra, nesse ano de 64 e eu me formei em 65 em 65. Eu me formei. Em dezembro, quando foi em 66, em fevereiro, eu fiz um concurso do magistério do estado, o estado abrindo um concurso e as provas foram em Juazeiro e eu vim fazer essas provas em Juazeiro do concurso passei.

Passei quando foi no dia 13/07/66. Eu tomei Posse em Salvador do concurso. Com 40 horas, eu já entrei. No estado, 20 e 19 anos, mais ou menos 19, é natural, 19 para 20. Para 20 aí isso em 66. 67. Lecionei-la, empirando Monsyhor Nestor nessa época. Era diretor do colégio de Remanso. Ele já tinha vindo embora de São Raimundo. Outros padres chegaram lá e ocuparam, né? O espaço acho que ele também já saindo. Eita aí esses outros quadros espanhóis aí. O senhor Nestor foi embora para a Remanso. E ele ficou diretamente. Antigo já Remanso tinha ainda no caso. Né? Era aí ele ficou diretor daquele colégio Rui Barbosa de Remanso. Que quando eu passei no concurso que tomei Posse ele. Veio a Pilão, pedi minha mãe para deixar eu ir da aula em Remanso, lá com ele trabalhar com ele, porque ele sabia que disse que eu tinha sido uma boa aluna. Eu. ia sair 2 referências. Tinha porque eu tinha sido a aluna dele no colégio, né, Dom Inocência. Mas também, minha mãe não deixou. Porque eu era novinha, vai morar em Remanso. De novo, né? E fora de novo, né? Assim, aí eu fiquei lecionando em pira marcada. Foi aí que, quando foi em 68, eu conheci meu esposo, ele era do, ele era do Rio. Eu digo era porque ele já apareceu enquanto ele carioca do Rio. Foi numa época que já presidente do Brasil era João Figueiredo. E João Figueiredo criou aquele programa de. Do ibrah do cadastramento de todas as terras de todos os estados do Brasil. É do Rio, e. Isso deve ter sido. Em 60? 6677. Ouvir isso, ele do Rio, ele contava que assim eu vou fazer este concurso. Ele é removinho

também, talvez seus 26 anos, 24 ou 26 anos e. Mas eu não vou concorrer com o estado do Rio de Janeiro. Eu vou concorrer com o estado da Bahia, porque o estado da Bahia é maior, vai ter mais chances, fez. E fez o concurso para o estado da Bahia e passou e ficou como supervisor de área, em vez dele ser um recenseador, ele foi nomeado. É super extraordinária. E veio para a região aqui do São Francisco. E cada cidade vem mundo é. Tipo. A gente não cadastrador das terras das áreas. Que vinha cadastrar você tinha na Terra é me procurava cadastrava a sua Terra lhe dava um Socorro que passou a pagar o imposto do Ibra. Quem hoje é intra? Uhum. Sim, mudou AA sigla, né? Mudou a sigla? Além, recebi um talão e pagava o imposto. Com esse imposto tinha direito a consulta de médico, tinha desconto. Não sei o que, eu sei que já existia isso. E teve um problema, o que veio? O papelão arcado era para cadastrar as terras de Pilão e as terras de, diz Campo Alegre. Quando ele terminou o serviço de piloto, cargo que veio para Campo Alegre, teve um problema com ele. Em Campo Alegre, o cadastrador das terras. Daí este Fernando foi meu esposo. Ele era supervisor da área aqui do São

Francisco.

Ele veio para saber o que tinha acontecido com o rapaz em Campo Alegre, mas para ir para Campo Alegre, ele desceu em Pilão porque o transporte na época era o Vapor. Vapor, que nós vamos. Falar naqueles favores é, era o vapor. Aí ele veio. Para Barra da Barra, ele pegou o vapor, desceu no Pilão, ele ir para Campo Alegre. E aí a gente se conhece. Nós nos conhecemos. Em junho. E em setembro? Nos casamos do mesmo ano. Do mesmo ano, minha família não queria. Não, não pode. Não podia aquele. Horror me foi aquele horror proibindo eu fui. Pulando janela para encontrar com ele, e isso já formada e lecionando. Já dona do já dono do próprio marido para si, é. Para me dizer que eu já tinha um emprego, é concursada do estado. Professora do estado. Só que eu era nova, né? E ele de fora, que tinha aquela coisa, um forasteiro. Né? Um fora tem sempre uma má fama, né? É, ninguém conhece um, sabe a origem, não sabe? É você é casado, não sabe quem é e vai, vai latar casa hoje na. Amanhã que ele vai embora. É essas histórias, sim, sim. E os pretendentes que iriam casar será quando os pretendentes. Daqui? Sim, da família é que é meu como padre, não sei quem é assim, mas eu. Fiquei assim e eu disse, pois eu

vou me casar. Quem vai casar sou eu. Eu assumo as consequências, se arrepender, não volte para casa. Aí eu disse, nem que eu como a fome e a volte em brasa, como se diz, mas eu vou me casar, quem vai viver sou eu. E aí eles resolveram, fizeram o meu casamento, eu não casei e fugiram. Eles prepararam tudo, mandaram chamar ele. E tiveram aquela conversa séria? E certo que fazer com que não podia demorar, ele era de fora. Podia me performar essas histórias, gente. E aí fizeram o meu casamento como manda o figurino, sabe? Fizeram meu casamento. Aí eu me casei. Fiquei morando dentro de casa no casarão, né? Era a Casa Grande lá e só tinha minha avó e. E eu me casei. Em 69 eu tive minha primeira filha, isso eu me casei. Em setembro de 68 em 69, eu tive minha primeira filha. E com isso, nós vivemos 40. 49 anos, 49 anos e 8 meses. Tiago estava nos preparando as bodas de ouro, mas Deus não quis. Aí ele veio a falecer. Ele sofreu um. Infarto um fato, né? Foi até tiveram mais filhos. Sim, então isso até. 2, não. É, há que. Ter um rapaz que tem. EE um rapazinho. Mora comigo, casou, teve uma filha, mas veio a separar, né? Mora comigo, onde no caso. Mas eu. Eu posso muito te dizer isso sim, daí existisse colégio de freira. O mito filho assim estudado em colega de freira minhas netas eu tenho 3 netos, 2 meninas e um rapaz e. Eu estudar em Coréia de freira, porque é uma educação exemplar. Exemplar mesmo, ensina, ensinava. A polícia, ensinava a arrumar a cama. Aquela cama impecável tinha que ser o lençol na devida medida. Se a dobra fosse aqui, não podia sair. Falam muito também da questão da saia também da moça, né? É tudo impecável. Se passa. Se fosse menor, não podia ser claro, é o castigo. Acontecia um impecável nossas culpas. No entanto, nós tínhamos um enxoval para ir, porque a roupa toda era na medida no meio da perna, com 16 que vinha até o encontro da barra da saia. Não via nem um pedacinho de perna da gente, não. Tudo de bolinha aqui apertadinho de Manga no. A gente não usa água, maquiagem, vazou nunca. Vi jeito nenhum, chegava a usar véu. Hum, véu não, né? Sim, sim, sim. Sim, sim, claro. Se arrependia para missa. Era com aquele véu. Se a gente ia na rua com as freiras da com aquele véu, tudo bem vestido assim e. A farda. Elas ensinavam. A farda era de uma saga de prega bem compridinha na medida. Quando era noite elas tiravam aquilo no colchão e você colocava a saia toda na prega, fazendo aquela preguinha toda molhando molhando-me. Aí botava um cobertor. Não

tem um cobertor bem comumzinho assim que o povo do interior chama. Cor de jegue, bem sozinho, assim. Pois pegava o homem toda, aquele e botava por cima, prendia bem aqui debaixo do colchão, bem apertadinho mesmo. Aí cortava o lençol por cima e nós dormíamos. Ficava ali por cima. No outro dia de novo. Está deixando tipo engomada, né? É. No outro dia de manhã, é. Eu penso que eu sei seu nome. Quem nasceu tom shelton? Que é, é um nome. Incomum é, não é? Incomum, você não vai me. Não, não, não capto. Toda hora eu pergunto, Shilton? No outro dia esta saia amanhecia impecável, sim, você pegava assim, chega para a avó. Liçada impecável. Aí você aí a gente vestia para aí o colégio, para a água, não quer nada. Próximo? Então, tudo isso eu. Bato Palmas, agradeço muito minha família por ter condição na época de me voltar no colégio de freira.

O trajeto e o trajeto eram bem demorado. Né? Era naquela época, o carro que meu tio vinha como prefeito, era um jipe, um jipe. Um jipe. Ele só tinha condições de ter um jipe porque tinha uma, né? Tinha muito prefeito, né? É, podia aquisitivo, sim, a alta. E ele, que é um prefeito. Era ele vinha, ele pegava um vapor. ia até Juazeiro de Juazeiro, ele pegava o ônibus ou um avião. Depois, Remanso, já tinha avião, tinha um campo de Posse. Ele vinha de jipe para Remanso, pegava o avião em Remanso e ia para Salvador. Então já é uma pessoa de destaque, né? Assim, e a gente? Tinha aí pra ir pra são Raimundo. Hum? Ele, vocês faziam como trajeto. Pra são Raimundo, vinha de Pilão, Pilão pra e Remanso. São Raimundo é o é o era no jipe é o mesmo, a mesma estrada ou era outra rota se era. Mesmo a mesma estrada. Mesma estrada, a mesma. Estrada era aquela. Mesma aquela mesma só mudou a questão de botar o asfalto. Enfim, asfaltadas.

São Lourenço e Bom Jardim virou cidade. É que era tudo, são Raimundo. Né? Era e que Bom Jardim virou de seu. Arcoverde, isso. Isso é. Arcelor, então, agora é Dirceu Arcoverde. São? Isso é pois é, ali é umas vilas eram as vilas. Bem diferente do que é hoje. Bem. Diferente, a gente passava ali. Era aquelas casinhas assim. Todo assim, claro, não tinha só asfalto mesmo, tinha era todo uma vareta. Né? É como fala, né? De chão já no mesmo barco. As casas também era o que de padre, meu senhor, se recorda? Casas assim tinha casa de alvenaria. Alvenaria, casa de. Porco, pintura, e tinha aquelas **casas de taipa**. Também de taipa. Era, eu lembro bem aquele quando

a gente descia, chegava para chegar em são Raimundo, né? Tipo que ela descida e lá chegava na enchente, mas quando tinha a enchente muito grande, inverno grande. Aquele tanque ali, eles sangravam. Sim, sim, e nem passava. Nem passar que tinha carro alto ali com as casas assim por cola, quem vai pro lado direito que tinha a casa de Zé Siqueira dos pais tipo Dercy siqueiras? Pra lá dos Ferreiros, também. Dos Ferreira era e tinha. Eu lembro que. Helenice, a esposa, hoje do deputado **Reinaldo Braga**, que é aqui de chiqu-xi. De tois Siqueira. Como? Com a mãe dela, chamada. Joanice helenice é uma coisa assim, que era de um zambrate de Remanso. Parece que era horrível, comprado medrála para você de Remanso. Essa menina foi minha colega também, e eu me lembro que ela morava para cá quando vinha disso, para mim passava para o outro lado. Era uma descasa do mar, que para lá é alto, né? Aquelas bandas eram alto assim e para cá. A senhora não se recolhe de de uma senhora chamada vansie, dona vansie. Vanse nesse momento. Talvez é. Um esqui de outra. Década? Sim, porque ela é. Ela é mãe da professora Solange, que é dona do do colégio CAA, colégio particular de lá também, né? Foi no meu tempo. Que não é esquece, talvez eu seja depois. É já no colégio das irmãs já funcionava uma escola infantil. No colégio já funcionava infantil, no caso infantil, certo? Então, funcionava o ensino fundamental. Sim, menor. Menor? E o maior? E o normal? E o normal, e. O normal, pronto. Nessa época que a senhora estudou, sim, pronto e. O fundamental maior, que era de quinta à oitava, era lá em cima, no doido. Centro pronto, os padres. E canastreira de má, de oceânica, tinham das crianças pronto, as crianças, me lembro uma fardinha sainha azul. Uma saia em azul me prega 11 suspensório. Assim, a roupinha delas assim. Era? Um passo 17, tem uma fachada bem aqui. Seria a fachada transformando aqui, porque nesse nesse tempo a senhora não chegou a estudar? Não.

Estudar nesse local, que tem um **fundamental**. Né? Não, não. Era um Dom. Inocência no dom, Inocência, beleza, era no Dom Inocência. Que que, que, para ser sincero, o projeto. De início, ele o meu projeto, no caso de início, ele teve a origem de buscar comparar o Dom Inocência e o colégio das irmãs, fazer essa comparação arquitetônica, mas ia ser ia ser muito algo muito demorado, muito complicado. E aí os professores meio que decidiram o colégio das irmãs, mas arquitetonicamente falando,

o colégio Dom Inocêncio. Ele, ele é bem mais, é mais bonito, digamos assim, e está mais conservado. Como? Antigamente, né? O colégio das irmãs, por exemplo, não tem, não tem nada conservado, né? Hum, não tem nada conservado que do que possa fazer uma comparação, tem a questão das fotos é de algumas plantas baixas que eu peguei também, né, que eu peguei com a com a irmã Raquel. Escaneei, fiz o scanner deles. Aí tem essas plantas baixas que eu peguei. Deixa eu, a senhora, deixa eu ver o que eu posso perguntar ainda? Ai, pronto, aí tem ao fundamental. Funcionava naquela parte aí sempre a senhora passava por lá. Claro, né? E sempre fazia observação. É pra poder sair. Eu me lembro das meninhas chegando todas fardadinhas entrando, era aquela fila. No caso, era só meninas. Meninas, só. Meninas, só meninas, né? Pronto e tal era só meninas, só meninas mesmo era de que, de que idade mesmo a senhora falou? Fundamental, né? É do assíduo Jardim do primeira série pra frente comigo, pequeno assim. Primeira a quarta série, né? Era. Era. Aí? No caso, os alunos seriam mais de são Raimundo mesmo, talvez, talvez só de são Raimundo, porque para deixar a sua filha? Pequena. Bem mais complicado. E daquelas famílias, sim. A sociedade que se dizia de primeiro, né? Se destacava as famílias, famílias da sociedade, as famílias humildes no. Caso no na igreja Madrid você tem um padre reitor lá da da da matriz, era um padre, Jerônimo. Jerônimo, padre Jerônimo. Jerônimo já era vedinho velho, mas era padre, jerindo e recordeiro assim. Muito bom esse moleque, então. Não foi privilegiada? Fica estudado, eu ia ter sim. É, no caso, a senhora estudou No início que foi lá na matriz, né? Depois voltou, foi. Foi pro internato ou por a mudança do internato para estudar no Dom Inocêncio, no caso sim. Pronto que também tem os meninos que ficavam internado no internato masculino que era no seminarista, né? No colégio. Era em mocinho e Nestor. Isso. Mansinho. Mestria? Na aldeia, Na aldeia é o colega das freiras, ficava aqui e a gente subia aquela laveirona todinha de cá.

Aqui a gente só morava. E aqui vinha e estudava aquele dom Inocência. Para vocês ficar assim frente por acaso, tem uma Capelinha depois. Aqui, me dá Inocência. Aqui tem um tanque. Vou-lhe dizer. Aqui tinha um tanque, e nesse espaço aqui. Nesse espaço? Construiu este colégio da Feira Grande que mudou de cada

praça da matriz pra cá, este grandão. Eu a achei aqui em 92. Só que lá no arquivo não achei.

ENTREVISTA 07

Chrisvanethe de Castro Aquino, 40 anos. Mestrado pela Universidade Federal do Vale Do São Francisco em Arqueologia (UNIVASF)

1- Quando foi o início da sua trajetória como aluna no Colégio Nossa Senhora das Mercês?

Iniciei em 1990 na primeira série do ensino fundamental - na linguagem atual – segundo ano do ensino fundamental. Fiz todo o ensino Fundamental- saindo do Colégio Nossa Senhora das Mercês, no ano de 1997, pois nessa época não era ofertado a modalidade de Ensino Médio.

Obs: Utilizarei apenas Colégio para me referir ao Colégio Nossa Senhora das Mercês.

2- Qual foi o motivo da escolha do Colégio Nossa Senhora das Mercês para iniciar os estudos?

Mamãe por ser professora da rede estadual de ensino na cidade de São Raimundo Nonato e, assim, conhecendo a realidade do ensino público nesse período, quando havia muitas aulas vagas, muita liberdade dos alunos para entrarem e saírem dos colégios a hora que quisessem, faltava controle da frequência de alunos e professores, por isso senti a necessidade de buscar uma escola que cumprisse com a carga horária e se comprometesse com a qualidade do conteúdo de ensino.

Eu sou a segunda irmã de uma linhagem de quatro filhas, e de acordo com palavras que eu cresci ouvindo, “(...) *já que eu não podia oferecer outra coisa para*

vocês, queria ao menos que estudassem para alcançar boas profissões e, como eu já tinha colocado a Crisvânia (irmã mais velha) eu coloquei todas as outras”.

Mamãe sofria muitas críticas de parentes e vizinhos por não ter posses financeiras e, colocar as filhas para estudarem em um colégio particular, naquela época o único com essa modalidade de ensino para as séries iniciais.

Quando entrei no colégio eu já tinha estudado o maternal na creche do Salão Paroquial da Igreja Matriz de São Raimundo Nonato -PI e o pré-primário na escola Nilza Balduino de Castro, ambos públicos. Já estava alfabetizada, contudo, mamãe ainda enfrentou resistência para a matrícula na primeira série, porque o Colégio dava prioridade a quem iniciasse os estudos no pré-primário, sob à alegação que a criança não alcançaria o nível dos alunos alfabetizados na escola, além de exigir que a criança tivesse completado os 07 anos ou fosse completá-los até o meio do ano, e eu faço aniversário apenas no mês de outubro, já no segundo semestre.

Mamãe só conseguiu a vaga porque o colégio já conhecia o perfil de minha irmã como uma excelente aluna, mesmo não tendo sido alfabetizada lá. Eu sempre iniciava as séries como a irmã da Crisvânia, mas ao término dos anos letivos alcançava o meu próprio nome. Isso porque não decepcionava as professoras em termos de aprendizagem, e mesmo me empenhava porque reconhecia o esforço da mamãe para pagar o Colégio. Estudar sempre foi prazeroso, nunca foi sacrifício. Houve um período que eram três filhas estudando e o salário da mamãe mal cobria as mensalidades. Minha irmã caçula nasceu 09 anos após as três primeiras, mas também seguiu os mesmos passos estudando no Colégio.

De forma que estudar nesse Colégio para mim e minhas irmãs não era sinônimo de status social e sim uma oportunidade singular que a mamãe fazia questão de nos proporcionar. Os livros que eram utilizados eram algumas vezes adquiridos de segunda mão, mochilas e tênis compartilhados quando ocorria de estudarmos em turnos diferentes. Muito esforço coletivo para obtermos um ensino mais comprometido com o conteúdo proposto. Para a cidade, a qualidade do ensino ofertado era considerada o melhor e com um nível de exigência alto, contudo, comparado aos colégios de Teresina era apenas um colégio mediano, como costume assinalar, tudo depende do referencial de comparação.

3- Durante esse período quais as modificações arquitetônicas que você identificou?

Quando eu comecei estudar em 1990 a escola ofertava apenas o ensino fundamental menor, e era composto apenas um rol de salas, mas depois passou a ter um novo espaço para ofertar as séries finais do ensino fundamental. Para mim foi uma ampliação significativa e ansiava por estudar nas salas novas, é comum as crianças se encantarem pelo novo e, algo que me chamava atenção era o fato do paisagismo do novo rol de salas, com plantas todas pequenas e o cuidado com as flores. A diretora sempre sinalizava que as plantas estavam floridas porque se alegravam com a nossa presença, por isso não era permitido tirar nenhuma flor, elas deviam ser mantidas nas plantas para seguirem o ciclo natural de florescer e depois cair.

De forma geral, eu sempre considerei as salas de aula bem amplas e os espaços comuns de pátios e a quadra de esporte eram bem adequados, comportavam todos os alunos mesmo durante as atividades recreativas na hora do merenda. Nessa época, eu era uma criança muito tímida, tinha poucos colegas e por vezes nem saía da sala de aula durante o intervalo do recreio. Saía apenas para ir ao banheiro e beber água, por isso usufruía pouco dos espaços comuns.

4- Na sua opinião quais as consequências das mudanças da fachada da escola?

No período em que estudei na escola não houve mudança na fachada, sempre foi a mesma fachada, houve mudanças internas, o máximo que a fachada passava era por pinturas das paredes e janelas. Até as carteiras sempre foram as mesmas, porque as crianças eram ensinadas a zelar pelo estabelecimento e pelas carteiras. Não podia riscar paredes e nem colocar nomes nas carteiras, tudo era compartilhado, mesmo que a criança se sentasse na carteira pela manhã, havia um outro aluno que usaria no turno da tarde, por isso a responsabilidade era delegada ao turno em que se detectasse alguma alteração na carteira. Lembro que vi algumas vezes pais terem que levarem as carteiras para casa para limparem algum nome escrito e envernizar para trazer a carteira consertada.

A mudança de fachada ocorreu depois que já tinha me formado no Ensino Médio e já trabalhava como funcionária pública numa escola pública vizinha ao

Colégio e, até hoje quando passo em frente ao Colégio não o reconheço, não consigo associá-lo ao espaço em que estudei por tanto tempo. A modernidade das portas e janelas trouxeram uma sofisticação ao monumento, contudo, apagaram as formas físicas da fachada, que integra as minhas memórias construídas durante a infância e início da adolescência.

Entretanto, em uma ocasião de uma feira cultural realizada pelo Colégio, a escola estadual vizinha foi convidada a prestigiar a feira e adentrei o espaço interno do Colégio, quando percebi que ainda há alguns espaços que permaneceram inalterados ou sofreram poucas alterações.

A bem da verdade sempre houve espaços do Colégio que nunca soube como eram, só conhecia os espaços comunais, pátio com piso de cimento queimado na cor verde formado por um pequeno declive, com um palco onde a diretora na época, Ir. Maria Inês de Carvalho colocava os alunos por série em filas do menor para o maior e, recepcionava-os para fazer orações, cantar os hinos e cantar cantigas de bom dia, de aniversários todos os dias, antes de iniciarem as atividades escolares. O declive no pátio servia para que os alunos que ficassem em filas mais atrás pudessem ver os alunos à frente.

Conhecia também as salas de aula onde estudei, não adentrava uma sala de aula diferente da minha, nunca fui à diretoria, porque era o local mais temido só frequentado pelos alunos indisciplinados e eu estava longe de sê-lo, fazia o possível para não receber nenhuma reclamação, nem dos professores tampouco da diretora.

A cantina também fui poucas vezes, já que o lanche era para quem podia pagar pelo pastel e o refrigerante, eu às vezes comprava uma dida, ou didim. Embora fosse um colégio com normas de disciplina para obedecer às filas, sempre tinha os alunos maiores que empurravam os menores, e eu estava no perfil dos alunos menores, pequena em relação às demais meninas de minha faixa etária.

Retomando ao assunto da mudança de fachada, ponto fulcral desta pergunta, eu sinto saudade da antiga fachada, porque tenho apreço pelas coisas antigas que traduzem e refletem as memórias de quem diretamente conviveu com os espaços, com os móveis, com os humanos, no que constitui parte de minhas memórias afetivas.

Todavia, o Colégio passou por mudanças não apenas físicas, mas principalmente de ensino, com adoção de novas metodologias de ensino, uso de tecnologia, de plataformas de aprendizagem e isso significa uma quebra com os antigos moldes, quando, hoje, disputa mercado com outras escolas particulares na cidade, e se propõe a preparar os seus alunos para o mercado competitivo de ensino. Por isso, também entendo a necessidade de apresentar uma escola com uma fachada que atraia o público moderno, e as crianças e adolescentes gostam de mudanças, e de estudarem numa escola com fachada moderna.

Por isso, retomo à ideia que tudo depende de um referencial, porque diante das inovações porque o Colégio passou nos últimos anos seria incongruente manter a fachada antiga, a menos que tivesse deixado o prédio como um memorial e construído uma estrutura toda nova e moderna.

Observo com certa tristeza que as escolas mais tradicionais de São Raimundo Nonato, hodiernamente, abrigam outras modalidades de ensino, quando sequer é mantido o antigo nome do estabelecimento, quem estudou no Ginásio Moderno, na Escola Normal Gercílio de Castro Macêdo, por exemplo, nem encontra mais esses nomes nas fachadas, foram substituídos por outros, sendo escolas de ensino Médio. O ensino vai passando por reformulações e os prédios são apenas ampliados para se adequarem aos novos perfis.

5- Quais os conteúdos dos livros didáticos de história, geografia, sociologia, filosofia, ciências, matemática etc., que você se lembra?

Em termos de conteúdo, os livros didáticos eram os mesmos adotados por instituições de ensino no Brasil. No ensino fundamental menor não havia a separação entre geografia e história, tínhamos o livro de Estudos Sociais, que traziam uma abordagem sobre esses dois conteúdos. Apenas na quinta série, hoje sexto ano, é que as disciplinas de Histórias e Geografia eram diferenciadas e havia professores para cada disciplina.

Na parte considerada de base comum, o Colégio Nossa Senhora das Mercês adotava as mesmas orientações de qualquer escola particular ou pública em relação a livros adotados e conteúdos repassados. Na parte de conteúdo de base específica é que havia a disciplina de Ensino Religioso, com livros didáticos que tratavam de

assuntos para além do conteúdo meramente católico, mesmo sendo um Colégio sob a direção de freiras mercedárias.

O Colégio recebia crianças e jovens de religiões protestantes e havia no período em que estudei uma imposição para a realização de orações do rito católico, antes de iniciar as aulas, e se aprendia a localizar os trechos de leituras na Bíblia.

Nas séries finais tinha a disciplina de Orientação para o Trabalho, onde se aprendia noções financeiras, linguagem para redação de Ofícios, Atas, que compõem o escopo de conteúdo de Redação Oficial, entre outras.

Não havia na grade curricular disciplinas como filosofia, sociologia, de forma explícita, contudo, os conteúdos abordados pela prof de História, na época D. Amélia instigava-nos a pensar e agir como estudantes politizados, capazes de discernir o que era bom para cada um e para a sociedade onde estamos inseridos. Capazes de identificar os acontecimentos históricos do presente momento e interpretá-los à luz de uma reflexão crítica.

Sendo oportuno dizer, que mesmo com uma metodologia de ensino considerada tradicional, com um respeito pelo professor, que detinha autoridade dentro da sala, eu sou grata às experiências de estudo vivenciadas e adquiridas no período em que estudei lá. Essa base me fortaleceu em termos de compromisso com os estudos e com aquilo que acredito ser benéfico para mim. Quando ouço profissionais da área de educação expõem a importância de ter uma boa base, um ensino fundamental bem consolidado, comungo desse pensamento porque endosso essa estatística.

Nunca apresentei dificuldades para encarar os desafios das séries do ensino Médio, e mesmo na universidade.

6- No período em que estudava, na sua opinião, qual era a influência da arquitetura da escola no comportamento dos alunos?

Não posso precisar se a arquitetura do Colégio influenciava no comportamento dos alunos, porque não detenho conhecimentos sobre essa temática, do quanto à arquitetura pode refletir no comportamento humano, contudo, posso afirmar que no período em que estudei, os espaços das salas de aula, pátios

e quadra de esporte atendiam à demanda de alunos, ou seja, eram adequados em termos de tamanho, iluminação. Havia sempre os colegas com energias em excesso que corriam e se esbarravam durante o recreio, mas isso era naturalmente compreensivo.

Na quadra de esporte, durante as atividades de educação física sempre havia espaço para as práticas esportivas e exercícios passados pelos professores, mas a maioria dos alunos gostava mesmo era de brincadeiras de correr.

Hoje com o advento das tecnologias, uso do celular em primeiro lugar, creio que sobra espaço para brincar, quando a maioria das crianças e adolescentes preferem ficar sentados ou deitados isolados com suas telas.

A minha geração era mais elétrica, por assim dizer, muitos colegas corriam sem parar, eu sempre fui mais reservada porque era muito tímida e corria pouco, preferia me manter quieta, observando os colegas, mas isso é da personalidade de cada um, não está diretamente relacionado ao ambiente onde estão, embora eu entenda as dificuldades de convivência naquele espaço.

7- Existia algum tratamento diferente em relação ao status social dos alunos?

Um colégio particular sempre há um tratamento diferente em relação ao status social, assim como observo nas escolas públicas, isso fruto do mundo capitalista onde estamos inseridos, o colega que aparece com uma bolsa diferente, um tênis novo, canetas e lápis mais bonitos sempre são tratados diferentes, porque subentende-se com maior condição financeira.

Eu sempre sofri muito bullying porque além de ser de uma classe financeira mais baixa, apresento traços negroides, ou seja, além de pobre também sou preta, e mantinha um perfil de aluna aplicada, na minha época apelidada de CDF, mas nunca me preocupei diretamente com essas coisas, recebia apelidos de testa de relâmpago, cabelo do Ravengar, cabelo de Bombril, entre outros, embora não gostasse dos apelidos eu não respondia e, nem reportava às professoras aqueles apelidos. Em casa também não comentava com a mamãe porque ela não entenderia a minha fragilidade, visto que não apresenta traços negroides. Assim, apenas

internalizava as minhas angústias, que me fortaleciam a buscar meus objetivos, estava ali para estudar e não para criar confusão.

Importa dizer que, nessa época, pouco se falava dos direitos de populações afrodescendentes, até mesmo o bullying como é conceituado hoje, nem tinha uma definição clara do que se tratava, apenas havia crianças que sofriam chacotas e outros que eram os que chacoteavam.

A sobrevivência naquele espaço no Colégio não era fácil, por conta dos preconceitos, mas num mistico de sentimentos eu gostava de estudar, de aprender, de receber as notas boas, de receber os elogios das professoras, e isso me mantinha viva e não gostava de perder aula, aprendia muito com a fala das professoras, por isso nunca matei aula ou inventei uma doença para ficar em casa sem motivo.

Olhando para traz, tenho algumas sequelas desses apelidos que recebia no Colégio, mas hoje nas conversas entre minhas irmãs, por vezes, comentamos os absurdos vividos e damos risadas, porque todas passamos quase pelas mesmas situações, e sobrevivemos. Nunca fiz terapia para saber até que ponto alguns episódios podem ter influenciado na formação de minha personalidade.

Muitos dessas situações vexatórios ou excludentes, me fortaleceram e há coisas que realizo hoje como forma de libertação, a menina quieta que mal respondia as perguntas dos professores e que fazia poucos amigos, foi substituída pela mulher que fala muito, com certa facilidade de se expressar, que faz amizades por onde passa. Capaz de realizar as pesquisas de levantamento oral com rapidez e obter boas informações, o que facilita o meu trabalho como arqueóloga, nas pesquisas de levantamento cultural.

Retomando ao assunto sobre o tratamento diferenciado mediante o status social pelo Colégio, pontuo que esse tratamento no que respeita a mim, era mais forte entre os próprios alunos, as professoras sempre foram excelentes profissionais e não recorro de nenhum episódio relacionado a um tratamento inferior para comigo.

Já na questão nas celebrações festivas do Colégio nunca fui escolhida para participar de apresentações de danças ou teatrais, porque escolhiam as meninas bonitas e com condições financeiras de fazer as roupas. Sabiam que eu não teria condições de fazer os vestidos, e mesmo supunham que não tinha desenvoltura para essas apresentações por ser muito tímida. Às vezes eu fazia o papel de narradora

porque não precisava aparecer em público e tinha uma boa dicção para a leitura. Na época eu me sentia feliz de ser a narradora, mas implicitamente estava pontuado que era uma menina feia, que não servia para ser atriz.

Todas essas situações teceram a pessoa que sou eu, mesmo só sendo a narradora, aprendi a lidar com a questão emocional de falar no microfone e, isso me ajuda a lidar com as situações de apresentações que faço hoje de Educação Patrimonial, ou seja, todas as situações aparentemente adversas podem moldar o ser humano que nos tornamos.

Sou muito grata a Mamãe e às minhas irmãs por toda a base familiar que tenho, pelos esforços da mamãe para mostrar o valor dos estudos e ao Colégio Nossa Senhora das Mercês pela trajetória dos 08 anos de estudos, onde encontrei professores e diretora compromissadas, que me ajudaram a enxergar para além do olhar do imediatismo e entender que todo esforço tem uma recompensa.

Obrigada Shilton pela oportunidade de revisitar minhas memórias infantis e de adolescente vividos no Colégio.

ENTREVISTA 08

Lucas Ribeiro dos Santos Assis

Mestre pela Universidade Federal do Vale Do São Francisco em Arqueologia
(UNIVASF)

28 ANOS

Pronto. Lá no Colégio das Irmãs né? É, meu nome é Lucas Ribeiro dos Santos Assis, sou de São Raimundo, nascido, natural e nascido e criado aqui e desde meu irmão que nasceu em oitenta e sete os dois estudava no colégio as irmãs, né? Eu sou arqueólogo e aí com relação ao colégio eu lembro nitidamente que de início assim da primeira série Qual? Ah peraí só qual o tempo cronológico que você estudou lá? Eu nasci em noventa e cinco, eu comecei a estudar lá por volta de dois mil e um. Dois mil e um. É, então de dois mil e um até salvo me engano dois mil e oito, mais ou menos dois mil e sete, dois mil e oito, lá era um sistema militarizado, então tipo assim, os maiores sentam atrás, os menores sentam na frente dentro da sala de aula e o sistema de ensino era aquele rígido, né? De acordo com o livro não, não, não poderia contestar o livro, né? O autor do livro que o livro falava a gente não podia contestar. O livro poderia até errado, né? Que eu lembro até de uma vez que o livro foi de matemática estava com erro e aí minha mãe percebeu o erro foi contestar e a própria professora achou ruim, né? Dizendo que ela tava errada, acertava o livro que era dizia bem assim, eh do livro de matemática dezenas, mas não, duas centenas mais três dezenas era pra dar o quê? Duzentos e trinta, né? E a pessoa botou que seria vinte, vinte e três, uma coisa assim, um erro bem esdrúxulo e deixar e deixaram passar porque não podia contestar o erro. E aí o sistema disse, não era esse, militarizado, os maiores centro atrás, os menores sentam na frente e no final das contas a fachada do colégio nessa época era amarela, né? Era amarela, tal, a fachada antiga da época da irmã Inês, por exemplo. Aqueles buraquinhos cogobobós, né? Isso, não era amarelinha. E a piscina sempre construção, que quase não termina essa piscina, essa piscina começou desde a tarde. Isso essa piscina desde a época do meu irmão quando eles pediam dinheiro pra fazer a piscina e aí enrolou muito, entrou eu entrei quando já tava pra eu sair que a

piscina tava pronta, inclusive fui a pessoa dar o primeiro mergulho na piscina que inaugurou foi eu quando não estava nem pronto ainda que só tinha sapo lá dentro. Sim. Eu era doidão. E aí o que acontece? Quando chega quando chega quando eu cheguei na quarta série a migração da quarta série pra quinta série teve uma mudança de diretoria dois mil e sete pra dois mil e oito. É, aí que quem entrou, no caso, foi a irmã Graças. Quando a irmã Graças entrou, ela mudou o sistema de ensino da escola, né? Saiu do sistema convencional, né? E aí iniciou o sistema COC baseado salvo me engano na na escola lá de Salvador, né? Que implantou lá, depois começou a espalhar pros outros departamentos. Começou. Isso, começou em Salvador, aí começou a espalhar. Aí quando começou o sistema COC tudo mudou pra começar essa parte que marca muito, que é o lugar que o estudante sentar. Isso começou a alterar, então quem é grande que senta atrás eh durante o o as quatro semanas do mês, uma semana ele passa sentando na frente porque eles perceberam que quem sentava atrás por ser grande também. Indicado também. Era prejudicado tanto no ensino, né? Questão de vista. Como também entrava na bagunça. E aí sempre era tido como enfim. Ei ei. O que acontecia? Desprezado pelo professor entrava como estudante ruim né? Um estudante que não presta. E os menorzinhos que você estava na frente né era os meninos bons. Né? E aí mas você sentia uma questão de questão de profissão de pai ou questão de pôr sentar atrás, sentar na frente, no meio ou era uma pedra na questão da não, era geralmente na questão de altura, mas você percebia que a forma de lidar com quem tipo eu, filho de pobre, feito cabeleireiro era diferente da forma que lidava com o filho do médico, entendeu? Sim. Por mais que o filho do médico sentasse também no fundo da sala, lidava de maneira diferente porque Fulano é filho de médico e você é filho de cabeleireiro. Então você notava essa diferença social é apesar disso eu não sofri tanto porque minha mãe sempre foi muito insistente na escola, sempre presente né? Então por isso eu não senti pesar tanto, mas a gente notava que existia essa diferença, Mas o que acontece? Quando o sistema entrou esse esse sistema alterou. Então quem era grande, estava atrás, começou a sentar na frente e ia revezando, né? Fazendo um sistema de revezamento. Então Se a fileira existia quatro cadeiras na fileira, né? Numa sequência direcionada pra o quadro, o que tava atrás ia pra frente ficava uma semana, o que tava na frente é pra trás e aí ia pulando pro segundo, terceiro e quarto lugar, né? Numa sequência aí você nota que o sistema COC não só alterou isso na forma de ensino como também mudou a fachada. A fachada deixou de ser amarela pra virar aquela colorida com salvo

migano verde, azul, porque os próprios livros que eram do sistema COC eles tinham essa simbologia do sistema COC. Verde e azul esses negócios e aí essa alteração eh notória que o ensino é tão associado a arquitetura da escola que até mesmo a maneira de mudar o ensino modifica a própria arquitetura. A pintura da escola, a estrutura da escola. Por exemplo, tinha o o o palco principal que era até o lugar de recreação da gente de né nós tínhamos as histórias de que a Loira do Banheiro morava lá. Na parte da frente? É na na no pátio principal. A loira do banheiro morava lá. Só que lá tinha o quê? Só um instrumento de Sete de Setembro né? Guardado lá. Aí aí nós arrebatávamos aquela gradezinha que tinha uma grade lá atrás pra entrar pra pegar os instrumentos aí fazia o medo. A loira do banheiro vai te pegar. Rapaz a carreira era grande. E aí todo mundo corria. Ninguém entrava lá com medo da loira do banheiro. Aí com é que a loira do banheiro ia tá lá né mas aí tem essa esse mito lá na escola. E aí basicamente minha lembrança é essa daí, o que mais marcou pra mim foi a mudança da arquitetura da escola através da mudança do sistema de ensino e educação e a alteração das diretorias.

São Raimundo Nonato - PI, 03 de outubro de 2023.